

JUDEU SEM QUIPÁ

Jean Patrick Garcia Baleche, o Garcia
A história do menino brasileiro que conquistou
os judeus - Da infância pobre ao sucesso.

Ana Carolina Godoy

Copyright©2023 por Ana Carolina Godoy (jornalista)

Todos os direitos reservados por:

Editora Grupo Hadassa

Crédito de Imagens: Grupo Hadassa e Ramon Barbosa Franco

Arte: Ryan Machado

Capista: Maxsuel Oliveira Santos

Diagramação: Manoel Menezes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Godoy, Ana Carolina

Judeu sem Quipá – Jean Patrick Garcia Baleche, o Garcia /
Ana Carolina Godoy – Marília, SP : Edição Grupo Hadassa, 2023.

ISBN 978-65-00-81011-0

1. Biografia I. Título.

CDD 920

Índices para catálogo sistemático:

1. Biografia 920

Edição 01. Ano: 2023

Número de exemplares: 10 mil

*Proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios,
a não ser em citações breves, com indicação da fonte.*

Sumário

Apresentação.....	7
Prefácio.....	9
Agradecimentos do Biografado.....	11
Palavra da Autora.....	13
Capítulo I	
O jubileu de viagens à Terra Santa.....	17
II.....	21
III.....	25
IV.....	28
LIÇÃO QUE FICA.....	33
CAPÍTULO II	
Judeu sem Quipá.....	37
II.....	42
III.....	46
IV.....	51
V.....	53
LIÇÃO QUE FICA.....	55

CAPÍTULO III	
“Não nasci para ser gandula”	59
II.....	65
LIÇÃO QUE FICA	74

CAPÍTULO IV	
Procurando Espaço	77
II.....	85
III	89
IV.....	91
V.....	93
VI.....	100
VII.....	109
LIÇÃO QUE FICA	112

CAPÍTULO V	
Prosperidade Judaica	115
II.....	117
III	122
IV.....	129
V.....	136
VI.....	147
VII.....	151

VIII.....	154
IX.....	155
X.....	161
LIÇÃO QUE FICA	167

CAPÍTULO VI

A maior recompensa é o amor	171
--	------------

Depoimentos

Cristiane Granemann Thibes Baleche.....	173
Eduarda Granemann Garcia Baleche (Duda).....	175
Rachel Garcia.....	176
Jonatha Garcia.....	179
Rafael Corrêa Garcia.....	180
Rejane Corrêa Garcia Aguiar	181
Maylla Garcia Aguiar.....	182
Shalom Dajialovski	183
Sany Sonnenreich, o Rav Sany	184
Leonor e Etelvina Granemann Thibes	186
Valdecir (Gremista) e Marineuza de Oliveira.....	188
Elison Oliveira	189
Ramona Batista	190
Joaz Assis de Souza	191

Paulo Campos.....	192
José Luiz e Maria Angélica Santos.....	194
Viviane e Rogério Agostinelli.....	195
Laio e Paloma Rodrigues	196
Ricardo Magro e Sandra Sueth	197
Thiago Garcia	199
Valdelino Moreira Filho (Nene).....	200
André Beraha.....	201
Leandro Gabriel Brenag, o Alemão	201
Ryan Machado.....	202
Danilo Oliveira.....	203
Léo Martins.....	204
Marquinho Bug.....	204
Geraldo Tibes de Lima	205
Ezequiel Ramos.....	206
Edson Pereira	206

Apresentação

Jean Patrick Garcia Baleche, assim como os judeus, sabe que o trabalho e a prosperidade não podem corromper valores. Ao contrário, o suor da sua luta diária os intensificou!

Ele entende que a vulnerabilidade permanece e aumenta nos picos mais altos e pratica sua gratidão, retribuindo o que recebe de Deus em sacrifícios, honra e compartilhamento.

É por isso esse homem de sucesso, que não se considera acima dos demais, apenas acredita que o caminho que já percorreu, somado aos ensinamentos judaicos que absorveu, pode ajudar a amaciar o solo e criar atalhos para quem ainda inicia a trilha. E ele quer o sucesso de todos!

É esse desejo sincero que move sua presença nas relações comerciais, no trato com os funcionários, em sua família, em suas pregações e na orientação aos milhares de peregrinos que leva todos os anos à Terra Santa.

E é esse mesmo desejo que impulsiona as páginas do livro *Judeu sem Quipá*. O livro que pretende servir de apoio na jornada dos leitores, jamais com a pretensão de ser a única direção. Mas com a certeza de que a história do menino Jean que se tornou o CEO Garcia vai inspirar e apoiar novas histórias de conquistas; porque, como dizem os judeus e replica Garcia: “Toda abelha sabe onde tem mel!”. A chave é descobrir em que jardim se quer atuar e acreditar em seu próprio potencial para transformar o néctar.

Prefácio

Acredito que este livro é mais do que uma história de vida. Trata-se de um lindo testemunho que pode acrescentar a muitas outras vidas, e, porque não dizer, levando a uma importante mudança de mentalidade.

Hoje me sinto feliz e honrada em poder fazer parte desse lindo testemunho da vida de Jean Patrick Garcia Baleche, a quem chamo orgulhosamente de esposo.

Por diversas vezes, ao contarmos nossas histórias, logo dizíamos: “Nossa vida dá um livro”... e sim, deu.

Aqui podemos nos emocionar, incentivar e acreditar que se existe fé, existe um Deus que torna tudo real!

Cristiane Granemann Thibes Garcia.

Agradecimentos do Biografado

A gratidão é a memória do coração... é o que sempre digo...

Viveria tudo de novo porque não há faculdade melhor que a vida!

Aprendi nas carteiras escolares, nos cursos de Teologia, Marketing, Processos Gerenciais e nos cursos de Economia e Administração (em andamento).

Aprendi no estudo bíblico e nas leituras, pesquisas e vivências sobre o povo de Israel.

Aprendi com cada acerto e erro meu, com cada conquista e cada dificuldade que tive.

Mas, acima do que estudei e vivi, aprendi com cada pessoa que esteve comigo em toda jornada até aqui, ou em parte dela!

É por isso que sou grato a Deus por toda minha história e por todos que, de alguma forma, fizeram ou fazem parte dela.

Em especial agradeço à minha família: a de onde eu vim e a que formei, com minhas lindas e amadas esposa e filhas!

Agradeço a tantos amigos que fiz durante a luta, que nunca termina!

Agradeço a autora desta obra, que se dispôs a ouvir, pesquisar, observar, viver e escrever a minha vida!

E agradeço imensamente a você, leitor(a), que abre as páginas deste livro para conhecer o que tenho vivido e aprendido e, assim, quem sabe, eu possa ter a honra em contribuir com sua história! E sua prosperidade!

Porque todos nós, irmãos que somos, filhos de Deus, devemos o apoio, o amor e a torcida uns aos outros!

Um grande abraço do seu amigo,
Jean Patrick Garcia Baleche.

Palavra da Autora

Sou jornalista de formação e exercício há mais de 20 anos, e tenho escrito sobre fatos e pessoas continuamente durante toda minha carreira. Já conheci incontáveis pessoas com suas diversas culturas, valores, religiões, padrões de comportamento, posições econômicas e acesso à escolaridade. Personalidades reconhecidas, com ou sem merecimento, e anônimas aos montes.

Essa minha trajetória movida pelo interesse no outro; vendo, ouvindo, identificando, pesquisando, perguntando e contando; mas, sobretudo, sentindo; apurou minha capacidade empática e aguçou minha percepção sobre o ser humano.

Nesse momento de maturidade profissional e humana, a vida me brinda com a oportunidade de escrever esse livro! Judeu sem Quipá enriqueceu minha visão sobre perseverança e prosperidade e, assim como ocorreu comigo na escrita, as orientações compartilhadas pelo biografado têm a intenção de encurtar distâncias e motivar os leitores na busca por si mesmos e por seus ideais.

Vale a pena conhecer essa história de sucesso de Jean Garcia, contada de forma leve, dinâmica e com uma narrativa recheada de acontecimentos, personagens e impressões.

Pessoalmente, agradeço a Deus a oportunidade de aprendizado constante e o apoio recebido para o desenvolvimento dessa obra, proveniente da minha família amorosa e do amigo de faculdade até os dias atuais, o jornalista e escritor Ramon Barbosa Franco. Além, é claro, do meu agradecimento à família unida de Garcia, à equipe e parceiros da Hadassa e, especialmente, ao próprio biografado,

a quem tive o privilégio de conhecer mais integralmente através desse livro e a quem muito admiro!



Ana Carolina Godoy, jornalista.

‘Lágata umatsáta taamin’

- Eu me esforcei e venci

**Da Torá,
o livro sagrado dos judeus**

Capítulo I

O jubileu de viagens à Terra Santa

***“Decidi desde muito cedo:
Quero ter a força e a benção que esse povo tem”***
Jean Patrick Garcia Baleche, o Garcia

Garcia observa por um tempo os próprios pés caminhando sobre as pedras de tom caramelo da Cidade do Grande Rei, histórica e milenar, sagrada para as três maiores religiões monoteístas deste planeta. Por uns segundos, fecha os olhos, e só os abre novamente para contemplar toda aquela imensidão na cor de areia, chamada Jerusalém. Sente o sol no topo da cabeça, aquele mesmo sol que 726.350 dias atrás aqueceu o Verbo em sua peregrinação de misericórdia evangelizadora e de testemunho da coragem, onde fé move montanhas.

Jean Patrick Garcia Baleche, o Garcia, respira fundo, e, ao soltar o ar contempla: mais uma vez está em casa. Casa é igual Pátria, e como cem anos antes disse o poeta brasileiro Mário de Andrade, “pátria é o acaso de migração e do pão nosso onde Deus der”. Migrações levaram as tribos a chegarem à Terra Santa, ainda que uma tenha se perdido naquela imensidão de deserto. E para Garcia, Jerusalém é também sua Pátria, onde ele jamais se perde e acha muito mais que o pão nosso, encontra alimento para toda sua alma.

Era novembro de 2022. O verão tinha ficado para trás, mas o calor ainda permanecia bem intenso. O vento soprou como se respondesse a sua ansiedade por se refrescar. A Old City fora erguida em um planalto nas montanhas da Judeia, por isso o sopro da natureza é comumente esperado nessa cidade bíblica e histórica que remonta a 3 mil anos antes do Cristo. Aquele brasileiro cristão não usa o quipá, mas o calor do sol formava uma circunferência acima de sua cabeça, o lembrando - assim como o adereço judeu - que este é o seu limite. E, acima, tudo é Deus.

Jean Garcia segue Jesus, contudo tem e mantém profunda identificação com o Judaísmo. Sua aliança com Israel reduz distâncias. Já são, com esta, 50 viagens à Terra Santa, que ele também considera seu lar.



Garcia contempla Jerusalém

Ali, naquela tarde israelense, um peregrino interrompe seus pensamentos e faz uma observação sobre a emoção de estar em Israel.

– Quando Deus disse para Moisés “Tire as sandálias dos teus pés porque o lugar em que tu estás é Terra Santa, é Terra Prometida”, era como se Ele dissesse “Moisés, estou te dando a oportunidade de pisar em algo que você nunca pisou; viver algo que você nunca viveu; sentir algo que você jamais sentiu. Então comece a declarar o céu descendo sobre a sua vida. Declare! Deixe o céu descer!

Responde Garcia ao homem que o abordou e aos demais peregrinos que se juntam ao redor. Desde muito jovem, ele tem essa facilidade de agrupar as pessoas em torno. E soube usar a habilidade para ajudar o próximo, para falar aos que querem ouvir. E quantos o querem ouvir... é por isso que este admirador de Israel está sempre no meio deles, seja na Igreja, na empresa ou em suas próprias caravanas.

Jean Garcia é o CEO e presidente do Grupo Hadassa, mas acompanha muitos dos seus turistas, principalmente à Terra Santa, conferindo de perto a qualidade dos serviços prestados e aproveitando para contribuir com as mensagens e informações sobre esse país que chama de “A Casa de Deus”.

– O que é amar Israel na sua visão? – questiona um dos turistas.

– É amar a Casa de Deus - responde Garcia, que continua sua explanação - Deus poderia ter escolhido qualquer lugar no mundo para estabelecer a sua história, mas escolheu Israel. Quando volto à Casa de Deus, que, por ser o lar de Nosso Pai, considero o meu lar também, é como se Jesus tivesse me convidando para conhecer sua cozinha, sua sala, seu quarto, a varanda da sua casa. – É a esta intimidade que o empresário estabeleceu com Israel que ele atribui a virada de chave da sua vida.

O jovem empresário Garcia, àquela altura com 35 anos de idade, mas já contemplando Jerusalém pela 50ª vez, se coloca

como cada um dos seus peregrinos. Sentia de novo a gratidão por sua forte conexão com Israel e transmitia essa fé ao grupo.



Momento de oração com caravana

Os turistas que acompanhava são clientes da Hadassa Viagens, uma das maiores empresas do Grupo Hadassa e a que mais leva brasileiros à Terra Santa. Porém, Garcia, mesmo sendo o CEO da holding, ocupando o cargo mais alto e de maior responsabilidade, se atém a enxergar a humanidade no que faz! São negócios, mas são pessoas! E cada uma importa!

Jean Patrick Garcia Baleche, assim como os judeus, sabe que o trabalho e a prosperidade não podem corromper valores. Ao contrário, o suor da sua luta diária os intensificou! Ele entende que a vulnerabilidade permanece e aumenta nos picos mais altos e pratica sua gratidão, retribuindo o que recebe de Deus em sacrifícios, honra e compartilhamento.

É por isso esse homem de sucesso, que não se considera acima dos demais, apenas acredita que o caminho que já percorreu, somado aos ensinamentos judaicos que absorveu, pode ajudar a amaciar o solo e criar atalhos para quem ainda inicia a trilha. E ele quer o sucesso de todos!

É esse desejo sincero que move sua presença nas relações comerciais, no trato com os funcionários, em sua família, em suas pregações e na orientação aos milhares de peregrinos que leva todos os anos à Terra Santa.

E é esse mesmo desejo que impulsiona as páginas do livro *Judeu sem Quipá*. O livro que pretende servir de apoio na jornada dos leitores, jamais com a pretensão de ser a única direção. Mas com a certeza de que a história do menino Jean que se tornou o CEO Garcia vai inspirar e apoiar novas histórias de conquistas; porque, como dizem os judeus e replica Garcia: “Toda abelha sabe onde tem mel!”. A chave é descobrir em que jardim se quer atuar e acreditar em seu próprio potencial para transformar o néctar.

Já na recepção do hotel, após o dia de peregrinação pela Velha Jerusalém, Jean Garcia reúne sua equipe de trabalho para algumas orientações práticas. No entanto, essas reuniões quase sempre migram da pauta técnica para a não planejada, em que o empresário aproveita para transmitir sua experiência de vida também aos funcionários, cumprindo um dos traços fortes da sua personalidade: Gostar que as pessoas acreditem em si mesmas e se desenvolvam, apoiando-as nesse processo.

– É preciso entender o seguinte: Aquilo que a gente não alimenta morre. E aquilo que a gente alimenta vive. Eu quis alimentar na minha vida os princípios de um povo em que acredito desde a infância. Os judeus são tão resilientes, fortes e abençoados. Decidi desde muito cedo: Quero ter o que esse povo tem; essa força e essa benção dos judeus.

II

O centro espiritual do Mundo, berço das três religiões monoteístas, Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, é conhecido em

todos os povos e culturas por sua relevância histórica, cultural e religiosa.



Jean Garcia ama Israel, que considera também a sua casa!

Mas o que representa Israel para cada um? Para Garcia é Solo Sagrado, Casa de Deus e Terra de oportunidades. O menino Jean (ainda não conhecido por seu sobrenome Garcia) aprendeu sobre o povo judeu nas carteiras escolares, nas aulas de história sobre tempos remotos, quando da Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945) e, em seguida, da criação do Estado de Israel em 1948, numa devolutiva de direito: um povo perseguido desde a Antiguidade, que se espalhou pelos continentes, recebia de volta sua Terra, sua Pátria.

Aliás, pela mão de um brasileiro é que foi legitimado o Estado Judaico. O político, diplomata e advogado do Brasil, Oswaldo Aranha, presidia a Assembleia Geral da ONU (Organização das Nações Unidas), que decidiu e assinou o plano de partilha da Palestina (1947), criando dois Estados, um árabe e outro judeu.

Concomitantemente, o menino Jean aprendia o significado espiritual da Terra Santa na Bíblia e nas igrejas que frequentava. Mas o mesmo livro sagrado que formava seus valores morais também alicerçava suas convicções sobre sucesso e prosperidade. É na Bíblia que ele apoia suas decisões, inclusive empresariais. Nela estão, segundo ele, todas as respostas.

Para Garcia não há separação entre o Trabalho e o Divino. Porque tudo acontece com a influência e ou a anuência de Deus. Os maiores personagens bíblicos trabalharam muito pelo que acreditaram e o trabalho é honroso, digno e compensatório.

Conforme Garcia, prosperar não afasta os homens da sua essência espiritual. Ao contrário. Ele aponta que os seres humanos são cocriadores de Deus. Sim, porque está na Bíblia que a humanidade é feita à Sua Imagem e Semelhança. Portanto, tendo todos os atributos Divinos, o homem é capaz, assim como Deus criou o Mundo, de criar seu próprio mundo, sua própria história, unindo esforço, trabalho e coragem aos valores espirituais para prosperar, contribuindo com a criação Divina.

E foi lendo a Bíblia, e mais tarde estudando-a (enquanto aluno de Teologia), que este homem de sucesso desenvolveu cada vez mais seu respeito e conexão com Israel, Terra onde se passa ou com a qual se relaciona a história dos maiores nomes das Escrituras Sagradas (Velho e Novo Testamento).

O patriarca Abraão (cerca de 2 mil anos a.C.) do povo hebreu, que trouxe a crença em um só Deus, é considerado o primeiro judeu. Obedeceu ao chamado de Deus e saiu da sua cidade (Ur dos Caldeus, sul da Mesopotâmia, atual Iraque) rumo à Canaã (hoje Israel), distante mais de 1.800 quilômetros. Uma imensa jornada a se fazer, até para os dias de hoje.

Moisés (aproximadamente 1.200 anos a.C.), o grande legislador de Israel, escolhido por Deus, não chegou a viver na Terra

Prometida, mas libertou o povo hebreu, escravizado no Egito, e o liderou até ela.

O hebreu Davi, segundo rei do Reino Unificado de Israel (de 1006 a 966 a.C.), nasceu em Belém, na Judeia, e durante seu reinado conquistou Jerusalém, para onde transferiu a Arca da Aliança (objeto sagrado que pertenceu ao povo hebreu).

Salomão, filho de Davi, conhecido e respeitado por sua grande inteligência e sabedoria, reinou em Israel por 40 anos (até 930 anos a.C.), tendo nascido e morrido em Jerusalém, onde construiu o Templo para as orações dos hebreus (mais tarde chamado Templo de Salomão e, depois, Templo de Jerusalém).

Esta construção, que levou aproximadamente sete anos para ser concluída, é considerada sagrada até os dias atuais, ainda que tenha sido destruída uma vez por babilônios e de novo, na era cristã, por romanos.

Resta, desde então, a muralha, ou melhor, o Muro das Lamentações, onde incontáveis preces, pedidos, promessas e votos são feitos continuamente em todos esses séculos, incluindo as de Jean Patrick Garcia Baleche.

Elias (cerca de 900 anos a.C.), chamado o grande profeta da Nação, combateu a idolatria, realizou milagres e ministrou ao reino setentrional de Israel (Norte do país, após a divisão entre Israel e Judá, ao Sul, por ocasião da morte de Salomão e enfraquecimento da Ordem). Viveu por anos numa gruta em Haifa e, assim como ocorreu com Moisés, foi arrebatado ao céu de corpo e alma, numa carruagem de fogo que o resgatou do Monte Carmelo.

E se a Torá (Bíblia Hebraica), que corresponde aos mesmos cinco livros do Velho Testamento, revela os planos de Deus para a humanidade; na Bíblia Cristã as escrituras sagradas continuam com o registro da vinda e ensinamentos de Jesus de Nazaré, que compreende todo Novo Testamento, e também viveu na Terra Santa.

Jesus era judeu, nascido de mãe judia, e, conforme a lei judaica, foi circuncidado no oitavo dia. Seus ensinamentos derivam das leis e costumes judaicos e foi chamado “rabino”, inclusive tendo frequentado o Templo de Jerusalém.

Discordâncias posteriores levaram à bifurcação religiosa, surgindo o Cristianismo, além do Judaísmo. Cristãos seguem Jesus Cristo como A Palavra e judeus ainda esperam pela vinda do Messias. No entanto, como tem sido registrado ao longo dos tempos por muitos judeus e cristãos conscientes, Jesus não é o divisor, mas o elo entre os dois credos, visto que ambos os povos são descendentes de Abraão e todo seu legado.

III

Após a reunião com Garcia, a equipe de trabalho da Hadassa se levanta pensativa para o jantar, servido no restaurante do hotel. Um imenso salão para centenas de pessoas, mobiliado em madeira, com um bom número de funcionários e um bufê rico em saladas, peixes e molhos.

O hábito alimentar dos judeus é, sem dúvida, colorido e rico em nutrientes. O paladar difere do brasileiro, mas a grande variedade compensa. Sempre é possível encontrar opções satisfatórias e saborosas. Mesmo sem a presença do arroz, que por lá não costuma ser convidado à mesa.

O feijão também não aparece, pelo menos não nas versões brasileiras e não é comum que esteja nos almoços e jantares. Pode ser visto no café da manhã, mas muitos turistas brasileiros só notam sua presença, já que não lhes apetece devorá-lo nas primeiras horas do dia.

Os funcionários da Hadassa se alimentam em silêncio, cada um imerso nos próprios pensamentos sobre essa viagem transformadora. Um tempo depois a vontade de conversar alegre a

sobremesa e Garcia entra no restaurante para jantar. Ele nunca prioriza as refeições. Antes estão suas responsabilidades.

O líder, então, leva uma colherada à boca e tira às pressas quando identifica um dos alimentos de que abriu mão por toda vida em razão de um dos seus votos (promessas para Deus que ele cumpre com disciplina e fervor, como o leitor entenderá mais adiante).

Garcia se mostra animado. Depois de cumprir uma lista extensa de demandas ao longo do dia e de aconselhar peregrinos e funcionários, agora ele brinca despreocupado. Sem pressa. Sem ansiedade. Confraternizando.



Garcia trabalhando no lobby do hotel

A facilidade em separar os momentos de trabalho e descontração é outra característica marcante do Garcia. O excesso

de encargos o ensinou a descomprimir rapidamente para que consiga aproveitar as oportunidades de refazimento. E o jantar comumente é uma delas.

Para os atentos, aí está a primeira dica de Garcia para a prosperidade, pouco falada, mas exemplificada por ele: saber descomprimir, ainda que por um curto período de tempo. É nesses momentos que Garcia se refaz e talvez os considere tão importantes quanto dormir, visto que o empresário lida constantemente com mudanças de fuso horário, prejudicando ainda mais a qualidade do seu sono, que já é um desafio por conta da hiperatividade.

Hiperatividade? Sim... provavelmente. Garcia não levou adiante esse diagnóstico, nem se importa com ele. A causa pode ter sido uma convulsão na infância, antes dos quatro anos de idade, que o deixou mais agitado, o que foi previsto pelo médico na ocasião. O comportamento inquieto o poderia ter levado a rumos menos promissores e mais preocupantes, mas não para Garcia. Como ele costuma dizer, tudo que acontece é sobre Deus e pode ser transformado a favor de si mesmo e do próximo.

— Todos temos o poder de decidir nossas próprias atitudes e escrever nossa própria história. Havia um sábio que despertou a inveja de outros; um dia um menino teve a ideia de encurralar o sábio e pensou: “Vou segurar um passarinho em minhas mãos e perguntar ao sábio se ele está vivo ou morto. Se o sábio responder que está vivo, vou esmagá-lo e, ao abrir as mãos, ele estará morto. Se o sábio responder que o pássaro está morto, vou abrir as mãos e deixá-lo voar”. Mas ao colocar seu plano em prática, eis que o sábio respondeu: “Só você tem o poder de decidir sobre isso nesse momento”. E o que decidisse sobre sua atitude em relação ao passarinho influenciaria em seu futuro também — relata Garcia à sua equipe, ainda na mesa do jantar.

Após deixarem o restaurante, alguns turistas e funcionários da Hadassa Viagens optaram por relaxar no lobby espaçoso e confortável do hotel. Incluindo o CEO da empresa. Aliás, a Hadassa tem como critério a seleção das melhores hospedagens.

Outros subiram para os quartos, encerrando aquela quinta-feira atípica em plena Jerusalém. Atípica para os viajantes. Não para Garcia, para quem Israel é uma continuação do lar, como se as longas horas de voo nem existissem.

O empresário faz viagens constantes à Terra Santa e sua ligação com os judeus é permanente, mesmo quando não está entre eles. Em cada um dos seus desafios Garcia lembra os próprios votos e sua aliança com Israel, ora e espera.

— Uma solução inesperada sempre vem... — pensa alto enquanto aconselha um dos turistas da sua caravana. E frisa — A coisa mais linda no judeu é ele entender que, em tudo que acontece em sua vida, Deus está presente... é assim que escolhi viver — É muito frequente as pessoas buscarem a opinião de Garcia sobre assuntos diversos. E ele usa a própria experiência para ajudar.

A decompressão do empresário continuou em seu quarto do hotel, sozinho, onde fez suas orações. “O período do dia em que mais tenho ideias e mais gosto de falar com Deus é a madrugada... acho que a fila é menor”, pensa e sorri espontaneamente. Foi mais um dia de dever cumprido. Mas dentro de algumas horas, as turbinas voltarão a girar.

IV

A 50ª viagem do empresário brasileiro Jean Patrick Garcia Baleche à Terra Santa ocorreu no final de 2022 e foi chamada “Projeto Jubileu”, atraindo a atenção da Imprensa. Ele ainda pisaria incontáveis vezes nesse mesmo solo, mas completar seu Jubileu de idas a Israel era, sem dúvida, um importante marco.

Além da equipe convencional de apoio às caravanas, Garcia convidou, para aquela viagem, quatro profissionais de Comunicação de Marília (no Interior de São Paulo, cidade-sede do Grupo Hadassa). A proposta era uma imersão inédita na Pátria de Jesus. Incluindo ainda o Egito e os Emirados Árabes.



Preparação para a viagem que comemorou as 50 idas de Jean Garcia a Israel, em 2022

Dois jornalistas, um editor de imagens e uma influenciadora digital acompanharam a viagem de duas caravanas da Hadassa Viagens, uma da região central e outra do Sul do Brasil, permanecendo no exterior com Garcia por um mês (32 dias).

O objetivo era que os profissionais de Comunicação pudessem compartilhar a experiência de estar nesses países, em especial Israel. E, de fato, as transmissões em tempo real foram acompanhadas pela cidade-sede da empresa e pelos clientes e futuros clientes do Grupo por todo o Brasil.

O percurso incluiu os pontos turísticos programados nos roteiros da empresa, além de locais estratégicos para os negócios da Hadassa. O Projeto comemorou o Jubileu de idas de Jean Garcia à Terra Santa e apresentou Israel como um destino possível ao turismo religioso, histórico e cultural. Como também fortaleceu o

elo entre Brasil e Israel, trabalhado por Garcia para a importação de Inteligência e Tecnologia.

Com o Jubileu, Garcia foi reconhecido como um dos brasileiros que mais viajou à Terra Santa, para onde já retornou outras diversas vezes depois dessa comemoração da sua 50ª ida ao país.

— Antes de pisar nesse solo, eu já amava Israel. E continuo amando cada vez mais. Tenho negócios e turismo nesse país, mas independente disso, até o último dia da minha vida estarei aqui. E não digo que esta é minha segunda casa; mas a primeira, porque tenho o privilégio de dizer que conheci Jerusalém e vou conhecer a nova Jerusalém como prometido na Bíblia: Uma Terra sem dor e sem sofrimento — frisa o empresário para sua equipe de trabalho no Aeroporto de Tel Aviv, antes do embarque de volta ao Brasil.



CEO Garcia na Prefeitura de Jerusalém com jornalistas Ramon Barbosa Franco e Carol Godoy, que participaram do seu Jubileu de Viagens a Israel

A nova Jerusalém é um conceito bíblico (Apocalipse) associado à segunda vinda de Jesus Cristo, “uma cidade santa” onde o Reino de Deus será realizado em sua plenitude. Em Apocalipse 21:4, lê-se que na Nova Jerusalém “não haverá mais dor”, sugerindo que será um lugar de paz e felicidade eterna.

Alguns minutos mais tarde, já acomodado em seu assento no avião, Garcia, em mais um dos seus períodos de descompressão, acena sorrindo para um dos jornalistas do Projeto Jubileu, sentado um pouco à frente.

No exato momento do seu gesto, o empresário vê a própria mão direita espalmada e recorda um dos ensinamentos judaicos que transmitiu nesta última viagem a uma das caravanas. O ensinamento ocorreu em Cafarnaum, cidade onde Jesus viveu seu ministério a partir dos 30 anos de idade. Garcia gosta de usar o exemplo de Cafarnaum para explicar que o fundamental não é como se começa, mas como se termina.

O exemplo de Cafarnaum é invertido, já que a cidade foi próspera e viveu grandes milagres no tempo de Cristo, mas terminou em ruínas. Ruínas que podem ser visitadas e conferidas bem de perto. Essa destruição foi profetizada por Jesus e se justifica, do ponto de vista histórico, por uma revolta judaica contra o Império Romano e por um grave terremoto, não tendo sido mais reconstruída. Já do ponto de vista bíblico, as causas da destruição foram luxúria e falta de fé.

— Por sua vez Jesus começou numa estrebaria, mas terminou num trono de Glória! — costuma frisar Garcia ao estimular as pessoas a sempre persistirem — Não devemos nunca desprezar os pequenos começos, isso é bíblico. E as dificuldades não devem nos vitimizar, mas nos fortalecer para continuarmos com mais chances de acerto.

Sentado em meio ao grupo, num espaço aberto e arborizado de Cafarnaum, onde existem bancos de cimento em formato circular para uso de turistas, louvores e orações, Jean Garcia mostra a mão direita exemplificando a prosperidade.

— Cada um dos cinco dedos, todos diferentes entre si, podem representar cinco estratégias fundamentais para a prosperidade.

Mas o próprio pensamento de Garcia interrompe a lembrança da sua analogia entre os dedos da mão e a prosperidade, tirada de ensinamentos judaicos. Isso porque o número cinco o fez recordar de um tempo mais distante em que ele, ainda muito jovem, passou a observar os traços fortes dos judeus, elegendo cinco deles como sustentáculos de vida.

Garcia não acredita no uso de ferramentas para erguer o sucesso sem que haja uma base sólida para a construção. E foi observando o povo de Israel que ele encontrou o alicerce para edificar sua história de prosperidade.

Nestas páginas, o leitor encontrará um verdadeiro mapa guia desta engenharia de sucesso. Como já dito anteriormente, não com a pretensão de que seja o único método, mas com o desejo de compartilhar o “modus operandi” do menino pobre que se tornou homem muito cedo e teve a audácia de fazer acontecer. Ainda que o seu meio, sua condição social e as pessoas à sua volta tenham lhe dito: Não!

“Amanhece em Israel. Estamos a um fuso de 5 horas à frente do Brasil. É o 32º dia da nossa imersão. Tanto já vimos e conhecemos e de tanto já nos despedimos. Lugares. Histórias. Pessoas. Vivências. O sentimento da partida ocupa o coração. Ontem foi o último dia com a última caravana deste projeto. Seguimos em frente. Mas jamais os mesmos. Jean Patrick Garcia é uma personalidade ímpar. Intensa. E como ele é o seu projeto. Intenso. Grande. Impactante. Ele nos trouxe para ver o Mundo. E agora, voltaremos para os nossos com um Mundo dentro de nós!”

(Declaração escrita ao final da viagem comemorativa ao Jubileu, pela jornalista Ana Carolina Godoy, autora deste livro e participante da imersão).

LIÇÃO QUE FICA

Capítulo I

Se a abelha sabe instintivamente onde tem mel, mas precisa descobrir seu próprio potencial para transformar o néctar, pode ser válido utilizar os ensinamentos deste livro. Até porque não há culpa em prosperar, já que o sucesso não precisa, nem deve, corromper valores.

O leitor está seguro porque acima tudo é Deus. E confiante porque o ser humano foi criado à Sua Semelhança, sendo Seu cocriador. Embora Garcia avise que o vento sopra mais forte nos picos mais altos, ele também alerta que o que não se alimenta morre, e o que se alimenta vive.

Em se podendo contar com a experiência de um homem que já buscou o melhor dos judeus e coloca os próprios erros, acertos e aprendizado a serviço do próximo, porque escolher um caminho mais longo e solitário, ao invés de ter Jean Garcia e todo Judaísmo milenar como aliados?

E, parafraseando Garcia, se como termina importa mais do que o começo, as orientações contidas nesta obra jamais irão empalidecer o brilho do sucesso dos leitores. Ao contrário, apenas servirão de impulso e apoio cada um deles a usufruir mais cedo das próprias conquistas, beneficiando também, por sua vez, seu meio e seu próximo.

Cada abelha transforma o néctar a seu modo e quanto mais abelhas vitoriosas, mais jardins serão polinizados, tornando o mundo mais belo e mais florido para todos!

Nos capítulos seguintes será possível conhecer e compreender o olhar de Garcia sobre os judeus e o proveito que ele fez dessa convivência e observação. Estratégias, traços de conduta e modo de viver de um povo que, para este homem de sucesso,

com jeito peculiar e muita coragem, formaram um laboratório com resultados amplamente satisfatórios!

“Bishvili nivra ha’olam”
- Por minha causa o mundo foi criado

**Da Tora,
o livro sagrado dos judeus**

Judeu sem Quipá

***“Através do quipá,
obtive a chave de uma grande conexão”***
Jean Patrick Garcia Baleche, o Garcia

Jean, apesar de ainda bem jovem, já era pastor e se tornava conhecido como Garcia em seu comércio de produtos diversos. No entanto, Garcia carrega Jean consigo para onde vai, num orgulho permanente desse menino humilde e determinado, a quem deve sua coragem de viver. Em 2005 tinha chegado o momento de Garcia levar Jean para Israel, a terra que os antigos hebreus sonhavam e almejavam desde tempos remotos. A terra que muitas famílias idealizavam nos descansos, enquanto retomavam o fôlego para reiniciar as construções das pirâmides dos faraós; ou quando, depois ao saírem do Egito, sozinhas no deserto, armavam suas tendas para vencer o cansaço. Era essa mesma terra que o menino Jean seria levado por Garcia!

O ano de 2005 mudaria totalmente a vida e os rumos daquele homem comunicativo, inteligente e de profunda fé, pois seria a primeira vez que Jean Patrick Garcia Baleche pisaria na Terra Santa. Entre tantas emoções que aquela emblemática visita despertaria, está a do jovem pastor chorando no Muro das Lamentações, local sagrado para os judeus do mundo inteiro e o único remanescente do segundo templo de Jerusalém.

O primeiro, erguido por Salomão - o sábio filho do Rei Davi - foi destruído pelos babilônicos em 586 anos antes do Cristo. E o segundo, concluído por Herodes, foi incendiado pelos romanos em 70 depois do Cristo. Aliás, o Cristo profetizou esta catástrofe provocada pela cobiça do homem e pelos horrores da insanidade bélica, lamentavelmente típica dos seres humanos.

Porém, o general romano Tito, que mais tarde se tornaria imperador, deixou sobrar o Muro como símbolo de ter vencido a guerra, para o lamento do povo judeu. Só que, ao contrário, os judeus veem o Muro das Lamentações, de pé até os dias atuais, como o cumprimento da promessa Divina de que pelo menos parte do Templo não seria destruída.

Sendo um dos locais mais sagrados do mundo, seguranças e a polícia israelense guardam o Muro das Lamentações, que tem acesso permitido a todas as pessoas, independente de suas religiões. No entanto, respeitando as normas religiosas judaicas, o Muro se divide em duas alas de orações, a feminina e a masculina.

E esta mesma divisão: homens de um lado, mulheres de outro, acontece na visita ao túmulo do guerreiro, profeta e um dos reis mais abastados do mundo, Davi, a liderança angular para a criação do Estado Hebraico e unificadora das originais 12 tribos do povo de Israel; onde Garcia estaria ainda incontáveis vezes, levando peregrinos de todo o Brasil.

Peregrinações essas que englobam outras visitas de significado incontestável, como, por exemplo, o Cenáculo, a poucos passos do túmulo de Davi, onde Cristo instituiu a eucaristia e celebrou, na última ceia, a sua despedida do mundo.

Mas voltando ao Muro das Lamentações, foi aonde Garcia teve o primeiro contato com o quipá, também de uso obrigatório pelos visitantes do sexo masculino e, portanto, disponibilizado gratuitamente numa grande bacia de acrílico.

A primeira vez que Jean Garcia segurou um quipá, palavra hebraica para solidéu, foi no Muro das Lamentações, quando tinha apenas 17 anos. Apesar da pouca idade, ele já sabia o que significava levar aquele símbolo do Judaísmo à cabeça e foi o que fez naquele final de tarde.

Essa espécie de boina utilizada pelos homens do Judaísmo carrega o respeito e a reverência a Deus. Em hebraico, kippah significa “arca”, se referindo à Arca da Aliança, onde foram guardadas as Tábuas da Lei de Moisés. E o acessório é um lembrete constante de que o homem termina ali, no topo de sua cabeça. Tudo mais acima dele é Deus. Numa só peça, símbolo da soberania Divina, estão representadas a humildade, a fé, a obediência e a proteção.

Com respeito e emoção, Jean Patrick Garcia Baleche sente o formato e a textura do quipá; segura a peça com os polegares e indicadores de ambas as mãos, ergue os dois braços acima da sua altura, e desce a pequena boina de grande sentido até o topo do “juízo”.

O quipá era branco, de um tecido descartável e levemente áspero, na medida necessária para que parasse sobre as cabeças masculinas. Uma peça simples, por ser entregue gratuitamente. No entanto, significava muito para aquele jovem cheio de fé e coragem. Para ele, era o símbolo de que suas conquistas, de fato, começavam. E, o principal, sob as bênçãos de Deus.

Caminhando com firmeza até o Muro das Lamentações com seu primeiro quipá, Garcia está impressionado, mas, ao mesmo tempo, antagonicamente, sente de forma quase natural que pertence àquele lugar, à casa de Deus e, portanto, à sua casa também.

Migrações levaram as tribos a chegarem à Terra Santa, e Jean Garcia também chegou à Terra Prometida, atravessando, da mesma forma, seu deserto de provações. Jerusalém é sua pátria,

sua casa. Dali obteria o alimento espiritual que fortalece a alma, os ensinamentos judaicos que guiam sua conduta e o pão nosso que lhe traria prosperidade.

— Sinto que uma nova história começa agora! — sussurra enquanto toca o Muro das Lamentações utilizando seu primeiro quipá.

Com as mãos no Muro, de olhos fechados, Jean Garcia se põe a orar. E assim como a tradição, deposita seus pedidos nas fendas daquelas pedras sagradas. Faz seu primeiro voto, não revelado naquele momento. Se afasta, andando de ré, sem dar as costas para o lugar sagrado (como é tradição). E ainda mantém o quipá sobre a cabeça por algum tempo.

— Fiquei anestesiado por alguns segundos. Pareceu-me que, através daquele quipá, eu tinha obtido a chave de uma grande conexão — define mais tarde para amigos e familiares.

Mas antes de sentir nas mãos e na cabeça seu primeiro quipá, Garcia sentiu o solo de Israel. Ao descer as escadas do avião, no Aeroporto Internacional Bem Gurion (Tel Aviv), não bastou pisar na Terra Santa. Num impulso de alegria e gratidão em concretizar seu sonho, ele se agacha, coloca as mãos no chão, baixa a fronte e o beija.

— Há muito tempo... antes de sonhar em pisar em Israel, eu já amava esta Terra — compartilha Garcia, emocionado, com outro peregrino da caravana em que viajava.

Naquele momento em que sente o solo de Israel com os pés, as mãos e os lábios, Garcia olha em volta, sobe os olhos aos Céus e adota um compromisso com Deus e consigo mesmo: Ser um dos homens que mais levará pessoas à Terra Santa. Hoje a Hadassa Viagens, uma de suas principais empresas, cumpre esse papel, realizando o sonho de milhares de brasileiros, assim como o CEO realizou o seu um dia.



Garcia no Muro das Lamentações, anos mais tarde, comemorando suas 50 idas à Terra Santa. Agora já são mais de 60

Jean começava uma trilha mais assertiva em suas vendas e assumiu o sobrenome Garcia em homenagem ao avô materno, Hernâni Corrêa Garcia, com quem se identifica e a quem admira por seu perfil batalhador, destemido e arrojado, com facilidade e desenvoltura nas relações interpessoais.

— Eu sabia que faria sucesso em meus negócios e sonhava em ter uma empresa de nome Garcia; queria oferecer um tributo ao meu avô, uma pessoa a quem muito amei e com a qual me sinto orgulhoso em parecer — conta a um funcionário da Hadassa num tempo futuro.

Porém, apesar de ser um empreendedor nato, a visibilidade que começava a ganhar em suas vendas ainda estava longe da abastança e o caminho para chegar a Israel não foi uma linha reta e curta.

— Foi um sonho que eu queria muito realizar; juntei todas as minhas economias, mas ainda não seria possível — conta a um colega da caravana durante esta primeira ida à Terra Santa.

Como Garcia era bom em vender, ele vendeu o que tinha para conquistar a viagem, incluindo suas coisas, o celular, uma televisão e um aparelho de som.

– Vendi algumas roupas também.

Mas o principal feito do empreendedor foi o que ele chamou de “Campanha Solo do Livro”. A ideia surgiu quando ele procurava, em casa, o que pudesse reverter em renda. “Posso vender todos esses livros que já li num sebo...”, pensou e fez. A partir daí Garcia passou a pedir doações de livros a amigos e conhecidos com o mesmo objetivo. E ele, que já tinha experiência com a venda de adesivos, fabricou 800 deles com temas religiosos e vendeu também.

– Cada adesivo por R\$ 1,00. Juntei cada centavo e aqui estou eu! – comemora, contando ao amigo da caravana os desafios vencidos para estar na Terra Santa.

Porém, em nenhum momento Garcia se vitimizou por isso. Ao contrário, entendeu que precisava ajudar as pessoas a realizarem seu sonho de conhecer Israel. E poderia prosperar fazendo o bem. Três anos depois surge a Hadassa Viagens, especialista em turismo religioso, entre inúmeros outros destinos. Todavia, antes que esta empresa se torne realidade, muitos capítulos foram escritos por Garcia na autoria de sua própria história!

II

As caravanas para o turismo em Israel recebem mais do que visitas históricas impessoais. A contextualização pelos guias e a ligação arquitetônica-histórica-espiritual, promovida por eles e pelos líderes religiosos, confirmam a visita à Terra Santa como uma imersão transformadora. Os momentos de emoção e reflexão são diversos e quando os peregrinos chegam a Jerusalém, de fato, descrevem a viagem como um “caminhar sobre as páginas

da Bíblia” e é o que Garcia sentiu e costuma replicar aos seus excursionistas desde que fundou a Hadassa Viagens.



O empresário e pastor com suas caravanas da Hadassa Viagens, orientando os peregrinos pessoalmente

A Cidade Velha é considerada por muitos turistas o ponto alto da viagem. As muralhas guardam centenas de pontos históricos relacionados ao antigo e ao novo testamento, assim como a fatos posteriores a Jesus Cristo, envolvendo disputas e diferentes nações.

Dentro dos limites da Velha Cidade, Jerusalém é tortuosa, tem ruas estreitas, paredes altas e uma vastidão de comércio e locais históricos. As tradicionais pedras retiradas dali mesmo de Israel dão o tom caramelizado às vias e às construções, formando um imenso laboratório arquitetônico da cor do deserto. A altura das paredes e muralhas leva os visitantes, instantaneamente, a olhar

para o alto e, nesse contraste com o azul do céu, o maior convite é para a oração.



Rua dentro da Velha Jerusalém

É o que Garcia fez na primeira vez em que caminhou por essas páginas da Bíblia. E continua fazendo, com determinação, fé e gratidão, cada vez que encontra, de novo, aquelas pedras de Jerusalém. Ele ora, alimenta sua alma e sente a graça de estar em casa, assim como ocorreu em sua viagem inaugural, aos 17 anos de idade.

Em camadas e camadas de história e construções, na Velha Jerusalém caminha-se desviando uns dos outros, ora turistas de toda parte do Mundo, ora policiais e jovens soldados do Exército, ora civis locais, árabes e judeus, com suas vestimentas e hábitos típicos.



Jean Garcia em oração na Terra Santa

Garcia passou por tantas pessoas e incontáveis quipás até chegar ao seu. Mas esse acessório tão repleto de simbolismo, assim como o talit (manto judeu de oração), o chapéu preto e os lenços e perucas (no caso das mulheres judias) se misturam à chéchia (chapéu tradicional masculino usado por muitos muçulmanos), túnicas, véus e burcas (peça que cobre os corpos femininos de muçulmanas da cabeça aos pés).

E em meio à massa judia e árabe, passam muitos cristãos, sejam moradores de Israel ou peregrinos. Caminhando pela Via Dolorosa, rua por onde Jesus carregou sua cruz até o Calvário (local da crucificação), o nó no estômago que o percurso traz aos

seguidores do Cristo, vez ou outra é interrompido pelo canto do Islamismo, chamando os muçulmanos a orarem.

Jerusalém, berço das três religiões monoteístas, é uma mistura de credos, línguas, costumes, comércio, cheiros e sabores. Dentro das mesmas muralhas convivem passado e presente, guerra e paz, disputas e acordos; mas se sobressai o Sagrado, que atrai e une tantos povos, convergindo esperanças e realidades. Em meio a esse desfile de tradicionalismo e crenças, experimenta-se a diferença e a igualdade simultaneamente. Visto que são todos homens e mulheres buscando a Deus, a si mesmos e ao amor do próximo.

Entre eles está Jean Patrick Garcia Baleche. Um homem que exemplifica essa busca de fé: por nutrição espiritual, ensinamentos e pelo pão nosso. E esse tripé que o sustenta em sua família, em seus negócios e em todos os seus papéis, ele encontrou na Terra Prometida! Na Terra de oportunidades chamada Israel.

III

A primeira viagem a Israel, que incluiu também o Egito, rendeu emoções inesquecíveis ao jovem empreendedor e pastor. O caminho do êxodo, feito por Moisés até a Terra Prometida, foi uma das maiores experiências da sua vida.

— Todos temos o amor de Deus, mas para que as bênçãos aconteçam temos que fazer a nossa parte. Muitas vezes podemos estar bem perto da Terra Prometida, mas é preciso que continuemos caminhando. Nem inércia, nem ansiedade. Moisés era abençoado por Deus, mas precisou utilizar o cajado para fazer milagres. Todos nós somos assim, podemos muito, mas é preciso nos empenharmos com equilíbrio e determinação. Com fé e coragem.

11. Judeu sem Quipá



Jean Garcia, em suas primeiras viagens



Garcia, já próspero, com uma de suas caravanas no Egito

Foram as palavras de Garcia tempos depois de conhecer o caminho do êxodo. E em cada lugar visitado, durante a viagem, ele experienciou uma emoção e um aprendizado diferentes. Chegando ao Tomb Garden (Jardim do Túmulo), em Jerusalém, Garcia para por alguns minutos relembrando toda história de Jesus, entra no túmulo talhado na rocha e olha fixamente para o local do sepultamento vazio, de onde Cristo ressuscitou. Para ele, um dos pontos altos daqueles dias.



Oração onde Jesus foi sepultado

Mas é o Mar da Galileia, que na verdade tem água doce e é o maior lago de Israel, o eleito por Jean Garcia até os dias atuais para deixar suas aflições e buscar inspiração. Também chamado de Mar de Tiberíades (por estar localizado na cidade de Tiberíades) ou Lago de Genesaré, suas águas refletem os fortes raios solares de Israel, em quase 170 quilômetros quadrados de muita beleza e profunda luz.

O encantamento dessas águas envolveu Garcia desde o primeiro olhar. A oração que ele repete até hoje é um pedido para que a multiplicação (dos peixes) ocorrida nesse grande lago, aconteça em sua vida também. No tradicional passeio de embarcação, onde as caravanas de peregrinos costumam orar, louvar e cantar, até

hoje Garcia se deixa embalar pelo vento e movimento da água, numa interação com esse deslumbre natural e com a história dos milagres de Cristo que o Mar da Galileia carrega.

— Toda vez que preciso traçar um novo objetivo volto ao Mar da Galileia e faço a mesma oração, mantenho essa tradição — confia Garcia anos depois, com peregrinos da sua caravana da Hadassa.

Garcia alimenta sua fé e sua coragem (intimamente ligadas) em Israel, tanto nas passagens bíblicas do primeiro ou segundo testamento; quanto na conduta judaica. No alicerce da Bíblia e do Judaísmo ele ergueu o seu sucesso e é com esse imenso compilado de valores que ele conta para manter a sua prosperidade.



Fé e entrega no Mar da Galileia

— Sempre que vou tomar uma decisão, oro primeiro: “Que a bênção do Deus de Israel esteja comigo”. Sempre que vou assinar um contrato, rogo: “Que haja o socorro do Deus de Israel em

minha vida”. Deus habitou em Israel para escrever a sua história e Ele habita em mim para escrever a minha! — ensina Garcia nos dias atuais.

Conforme crê o empresário, o mundo é para todos e todos têm a oportunidade de prosperar, visto que cada homem é feito à Imagem e Semelhança de Deus. Porém, é preciso fazer a parte que lhe cabe, trabalhando por si mesmo, focando o bem comum e mantendo o elo espiritual com o Pai.

O jovem Jean Garcia, de apenas 17 anos, já sabia disso. Ainda naquela primeira viagem a Israel e no primeiro passeio de barco pelo Mar da Galileia, ele faz uma comparação entre a prosperidade e aquelas águas milagrosas. Mirando a beleza inebriante que se molda ao vento e resiste ao tempo, ele define que assim também é o sucesso:

“Um movimento constante, disponível para todos, desde que haja empenho em alcançá-lo”.

Sabendo aguardar sim, mas com atenção às oportunidades de entrar nas melhores embarcações e navegar com autoconfiança. Da margem é possível mirar a maravilha do Mar (sucesso), mas não se usufrui dele.

“É preciso se movimentar para vivenciá-lo”, conclui em pensamento.

A experiência na Terra Santa também é feita de águas e para fechar a primeira visita de Garcia a Israel não faltaria seu batismo cristão. Saindo de Tiberíades, sua caravana de peregrinos seguiu até Yardenit, onde o Rio Jordão deixa o Mar da Galileia.

O Rio Jordão nasce no Monte Hermon (entre Líbano e Síria), por fontes diversas que surgem das encostas das montanhas e de neve derretida. Depois do Vale do Hula (norte de Israel), forma o Mar da Galileia, e continua mais quase 300 quilômetros até o Mar Morto (que banha Israel, Cisjordânia e Jordânia), ponto mais

baixo da superfície da Terra, quase 400 metros abaixo do nível dos oceanos.

Garcia está com sua túnica branca e os pés descalços. Afunda até a cintura descendo degrau a degrau pela borda do rio, onde a estrutura de acesso inclui grades de segurança. Após os louvores, emocionado, ele se deixa batizar por um dos pastores da caravana nas mesmas águas onde Jesus Cristo foi batizado. De olhos fechados, sua cabeça é mergulhada para trás numa fração de segundos e fé.

— Desde muito cedo vi o que Deus de Israel poderia fazer em minha vida e pedi que a benção que estava sobre os judeus me acompanhasse também. Como seguidor de Jesus, que também foi judeu, me espelhei no estilo de vida desse povo desde muito menino. E no momento do batismo, tive a confirmação de que eu seguiria um caminho promissor em minha vida. Hoje, quando relembro as etapas da minha história, é enorme a minha gratidão — diz Jean Garcia, anos mais tarde, durante um dia de trabalho em sua empresa, Hadassa.

IV

Claro que ao fim dessa primeira viagem à Terra Santa, Garcia trouxe para casa seu primeiro quipá. E algum tempo depois, de volta a Israel, ele comprou um quipá mais sofisticado, e teve muitos outros, mas conservando o mesmo sentimento da primeira vez.

— Depois que peguei um quipá na mão, muita coisa começou a mudar em minha vida. Passei a potencializar ideias e prosperar de maneira mais acelerada — afirma Garcia às pessoas que o cercam, ao refletir sobre sua vida.

Por ser cristão e pelo respeito às normas judaicas, Garcia não seguiria utilizando o quipá indiscriminadamente, mas sua relação com o Judaísmo se estreitou ainda mais a partir daquele momento.

Ele já tinha feito a conexão: pediu e confiou nas bênçãos de Deus. Ou seja, vestiu o quipá!



Momento de reflexão em Sinagoga, Israel, usando o quipá

– O valor que atribuo ao quipá é a bênção de Deus sobre o homem. Portanto, o quipá que está sobre minha vida é a mão de Deus. Não existe maior quipá do que este! Quando eu abençoo Israel, acredito que a mesma mão que está sobre Israel está sobre a minha cabeça. Não preciso me converter ao Judaísmo para ter o estilo de vida dos judeus. Muitos aspectos da vida deles me atraíram e os trouxe para minha vida. Em princípio, entender que, em tudo que acontece, Deus está presente – relata diversas vezes depois no futuro, aos peregrinos que leva à Israel.

Como cristão, Garcia entende que o mandamento de amor ao próximo e a irmandade entre os homens bastam para vencer qualquer barreira.

– Todos somos irmãos. Os judeus são nossos irmãos!

V

Garcia trouxe de Israel ainda um outro objeto, sem relação alguma com o Sagrado, mas, para ele, cheio da simbologia da esperança: a boneca “fashion doll”, ou seja, tipo Barbie. Ele carregou consigo por toda vida a lembrança da irmã mais nova desejando um brinquedo como este. Porém, os tempos eram bem difíceis para a família de Jean e sua mãe sustentava o lar, e as necessidades dos três filhos, com luta e dificuldade.

Para aquele jovem de 17 anos, já apaixonado por Cristiane Granemann Thibes, com quem se casaria alguns meses depois, a tornando Cristiane Granemann Thibes Garcia, levar consigo uma boneca como aquela, que cresceu vendo como um desejo inatingível, era a representação figurativa da sua esperança no futuro! Ele formaria uma família! E seria uma família próspera!

Garcia, de fato, ainda não tinha a abundância que esperançava, mas acreditou que a atrairia se acreditasse nela. Foi o que fez. Mesmo com dificuldade, comprou a primeira boneca tipo Barbie na Terra Santa para uma filha que só existiria no ano seguinte. Um marco que tempos depois se tornou uma tradição no seu relacionamento paterno, não com uma, mas com as duas filhas que Deus concedeu ao casal: Eduarda e Lorena.

A esperança está relacionada à fé. “A fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos”, Hebreus 11:1. E em Jeremias 29:11, Deus quer que o Seu povo tenha esperança: “Porque sou Eu que conheço os planos que tenho para vocês... de fazê-los prosperar e não de causar dano... de dar a vocês esperança e um futuro”.

Em uma manifestação quase natural do perfil judaico por Jean Garcia, um tanto por admiração e outro tanto por identificação, o próprio Hino de Israel evoca a esperança. O nome, Hatikva, já se traduz como A Esperança.

E a letra foi tirada do primeiro verso e da rima do poema Tikvatenu (Nossa Esperança), escrito por Naftali Herz Imber, que aos 22 anos (provavelmente em 1878 ou perto disso), expressou sua emoção diante da fundação de Petach Tikva (Portal da Esperança), o primeiro assentamento judaico em Israel, se traduzindo em esperança de um futuro para o povo judeu.

Na primeira estrofe se lê:

Kol 'aod baléváv pênímá
Néfêsh Yê'húdī homiyá
Ul'faâtéi miz'rách kádímá
'Ayin le"Ziyon tzofiyá
'Aod lo av'dá tikváténu

Que se traduz em:

Enquanto no fundo do coração
Palpitar uma alma judaica
E em direção ao Oriente
O olhar voltar-se a Sião
Nossa esperança ainda não está perdida

Já sabia Paulo Freire, educador, filósofo e um dos maiores pensadores da Pedagogia Mundial em todo tempo até aqui: “É preciso ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, ir atrás, construir, esperançar é não desistir!”

O filósofo disse o trecho acima cinco anos antes de partir do mundo material, quando Garcia ainda era uma criança: o Menino Jean... vivendo no Sul de Santa Catarina, tão novo, mas já experimentado em sua coragem de esperançar! E assim tem seguido por toda vida...

LIÇÃO QUE FICA

Capítulo II

Assim como Garcia, o leitor pode lembrar de carregar seu passado consigo, não como um escudo que vem na frente para justificar o que deu ou der errado, mas como um impulsor para seguir adiante, entendendo que a história de um homem o forja para suas conquistas, dentro e fora de si.

No prisma desse homem de sucesso, o autoamor nasce da consciência de ser amado por Deus, de ter um mundo para viver e de cada um atrair tudo que lhe pertence para auxiliá-lo em sua missão, desde que se lembre de usar o próprio cajado, assim como fez Moisés para realizar milagres.

Garcia chegou à Terra Prometida atravessando seu próprio deserto de provações, mas não se vitimizou. Antes, escolheu caminhar pelas páginas da Bíblia e ver oportunidades onde poderia enxergar apenas aflições.

Nas páginas que se seguem, será possível ao leitor compreender melhor porque Garcia admira Jean, um menino que soube fazer boas escolhas com o que a vida propôs, de bom e de ruim.

Com esperança e coragem, Jean se fez Garcia, mirou na identificação com o avô materno e seguiu as orientações contidas no livro sagrado até chegar a Israel, onde encontrou seu tripé de sustentação: ensinamentos judaicos e o pão nosso da carne e do Espírito.

Garcia se reconheceu e se comprometeu no Muro das Lamentações, renasceu no Rio Jordão e desenvolveu sua fé no Mar da Galileia, quando entendeu que merecia a abundância da multiplicação feita pelo Cristo naquelas mesmas águas sagradas 726.350 dias antes.

O homem foi além. Entendeu que, recebendo a multiplicação, também lhe caberia multiplicar, originando poucos anos depois

a empresa que levaria milhares de pessoas a também realizarem seu sonho de conhecer a Terra Santa.

Suas bases se fundiram e, nessa metamorfose que Garcia viveu, fazendo de Israel seu lar, mas mantendo seu amor pelo Brasil, é que nasce o Judeu sem Quipá!

Cada leitor tem seu próprio solo irregular para atravessar e suas próprias tempestades de areia. No entanto, há uma Terra Prometida para todos que usarem seu cajado de esperança, coragem e fé.

Garcia pediu e confiou nas bênçãos de Deus. E é a isso que ele atribui o quipá! Todos o estarão usando quando entenderem que o verdadeiro quipá, palavras de Garcia, “é a mão de Deus”.

“Vestir o quipá” é uma escolha. E Jean Garcia o fez. Em qualquer parte do Mundo aonde esse livro possa chegar, as bênçãos de Israel nunca estarão distantes. Basta que, segundo Garcia, se decida por recebê-las.

E com elas virá a prosperidade, construída, antes, dentro do indivíduo, como acredita e ensina Garcia em Judeu sem Quipá.

Lembrando que, assim como as águas milagrosas do Mar da Galileia se moldam ao vento e resistem ao tempo, o sucesso está disponível a todos, mas em constante movimento.

Na visão de Jean Garcia, é preciso ser flexível como as águas, mas, assim como elas, se movimentar. Este homem espera que o leitor não fique na margem, de outro modo, escolha a sua embarcação com coragem e usufrua do sucesso mar adentro!

E como será possível constatar nas páginas que se seguem, o sucesso é palavra ampla que pode significar realização e abundância em todos os aspectos da vida. É o que deseja Jean Patrick Garcia Baleche a cada um que buscar neste livro um apoio para o próprio caminhar.

E depois de enfrentar o deserto com esperança e determinação, chegará o momento de mirar as águas e navegar por elas!

“Hubachartá ba Chaim”
**- “Sempre escolham o caminho da vida;
ele está nas suas mãos”**

**Da Torá,
o livro sagrado dos judeus**

Capítulo III

“Não nasci para ser gandula”

“A vida me deixou sem escolha.

Ou eu voava ou me arrebatava!”

Jean Patrick Garcia Baleche, o Garcia

— Quando meus irmãos nasceram eu tinha seis anos; lembro de empurrar o carrinho de gêmeos — comenta Jean Garcia durante uma conversa com um amigo, a caminho de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul.

Esse amigo também é seu funcionário e comumente dirige para Garcia em suas viagens de negócios feitas por terra. São muitas as viagens do empresário, pelo Brasil e no Exterior. O Grupo Hadassa tem sede em Marília-São Paulo, mas a empresa atua sem divisas e está sempre em busca de expansão, através de parcerias, lugares e projetos.

Jean Patrick Garcia Baleche nasceu em Tubarão-Santa Catarina no dia 12 de outubro de 1987. Antes dos seis anos de idade as lembranças são vagas.

— Lembro de um flash quando minha avó (materna) morreu. Perguntei o que tinha acontecido à minha mãe... era grande a nossa ligação... Eu era muito apegado à minha avó...



A mãe, Rachel, com seu primogênito, Jean Garcia

A mãe dele, Rachel Corrêa Garcia, ajuda a reconstruir a memória desse momento de luto. O ano é 1990. Jean completaria três anos em um mês. Ele olha desconfiado para a avó deitada em uma caixa (o caixão). Encara Rachel, dá mais uma olhada para o corpo da matriarca (Miriam Corrêa Garcia), observa as pessoas em volta e comenta com a mãe, quase pedindo sua confirmação.

— Mãe, a vó tá dormindo cheia de flor!

Rachel movimentava a cabeça positivamente, mas pouco tempo depois, já durante o sepultamento, esclarece:

— Filho, sua avó estava doente e precisava ir para o Céu, onde Deus cuidará dela.

Quase que sequencialmente um avião sobrevoa o cemitério de Tubarão (SC), onde a família vivia. A expressão geral é de lamento, mas o menino consola a todos com sua espontaneidade. Ele aponta para a aeronave e:

— Olha lá! O avião tá levando a vovó para o Céu!

Jean ainda não podia imaginar que o avião lhe seria tão familiar anos depois, o levando para dezenas de lugares, centenas de vezes.

Só que antes que alcançasse essa fase da sua vida, junto com a perda da avó, o menino perderia boa parte da porção de proteção e afeto que tinha até então.

A figura paterna não existia e Jean já não contaria mais com a rotina confortável e amorosa na casa dos avós, que diariamente ficavam com ele enquanto a mãe, professora, trabalhava.

Sem o apoio de cuidados e financeiro para criar Jean, Rachel precisava lecionar o dia todo e muitas noites também. Esse ritmo de vida seguiu durante toda primeira infância do menino, que passava os dias entre o berçário e a casa de uma das tias.



Primeira infância de Jean Garcia, com sua mãe Rachel

Depois do nascimento dos irmãos gêmeos, Rachel pôde passar a levar Jean com ela para o trabalho. Ele estudava de manhã e à tarde acompanhava a mãe até a escola onde ela lecionava.

Crescer em um ambiente de aprendizagem foi cansativo porque o menino quase não tinha tempo de parar e brincar em casa. Porém, lhe oportunizou o acesso a diversas atividades extracurriculares: flauta, teclado, violino, computação, judô, muay

thai, jiu-jitsu, karatê, capoeira, futebol e até artesanato, pintura e crochê.

Sem contar os cursos na área de Educação que Rachel fazia e o levava consigo. Só que as lutas de Jean não se limitaram às esportivas.

— A história de vida da minha mãe impulsionou minha própria história. Desde muito cedo acompanhei a sua luta e fiz parte dela. Tive que trabalhar, ajudar em casa, ajudar minha mãe, ajudar a cuidar dos gêmeos — diz Garcia enquanto olha para a esquerda, mirando o amigo e funcionário ao volante, ainda a caminho de Campo Grande (MS).

Uma das memórias mais longínquas de Jean após o nascimento dos seus irmãos gêmeos é bastante dolorosa:

— Vi minha mãe ser espancada até quase a morte — confidencia.

Jean está com seis anos. É um dia comum em sua casa. Seus irmãos, a Geana e o Jonatha, ainda bebês, estão isentos da cena que se segue por conta da tenra idade. É provável que estivessem sob cuidados de terceiros naquele momento. O menino começa a ouvir frases raivosas, seguidas do som de estilhaços, o que não soube interpretar àquela idade.

Pausadamente, ele dá passo a passo até o quarto da mãe. Para na porta, hesitante. Com seus olhos infantis assustados, vê a cena que jamais esqueceria. Rachel está inerte e suja de sangue, deitada em sua cama, com o pai dos gêmeos sobre ela.

Ele não consegue enxergar o rosto da mãe, embaixo de um travesseiro que o indivíduo comprime contra a cama. O cidadão vê o menino, abandona a cena, anda transtornado até Jean e o ataca de um só golpe, indo embora numa fração de tempo.

Jogado ao chão e com o nariz sangrando, o pequeno Jean chora compulsivamente. Mas segundos depois vai até Rachel desesperado, acreditando em sua morte. Ela está inerte, mas aperta aquela mãozinha entre a sua e murmura: “Filho, tô viva...”

Mais crescido, o menino entende o que houve: o pai dos seus irmãos, uma figura violenta, tinha atacado Rachel e quebrado uma garrafa de Martini sobre ela. A sufocando, em seguida, com o travesseiro, para evitar que ela respirasse, o que a levou a um desmaio.

Por conta desse acontecimento e das ameaças posteriores feitas pelo indivíduo, a família (Rachel e os três filhos) se muda para São Bento do Sul, em Santa Catarina, distante 363 quilômetros de Tubarão, onde permanece por cerca de um ano, na casa de um tio.

– Ainda muito pequeno, prometi para Deus que eu nunca maltrataria a minha mulher e os meus filhos quando formasse minha família. Esse fato envolvendo minha mãe me marcou muito... Dessa vez Garcia não está falando ao amigo no volante. Ele fala consigo mesmo, lembrando Jean... os olhos estão na estrada à sua frente, mas enxergam a própria estrada que percorreu em sua vida.

Porém, se a lembrança tem emoção, quase não há melancolia porque Garcia é assim. Ele mira longe e sempre à frente. Quando fala do passado é com orgulho, dificilmente tristeza. Ele revive no exemplo da mãe e de si mesmo o trunfo da sua vitória.

A decisão de, no futuro, agir de forma oposta ao pai dos seus irmãos foi a primeira escolha importante do menino Jean. E ele começou a treinar desde muito cedo. Mesmo sem ter a presença do próprio pai, se sensibilizou com a ausência paterna na vida dos gêmeos e se tornou a figura masculina protetora para eles desde a infância, o que continuou por toda vida.

A cena trágica, que poderia tê-lo levado, posteriormente, a justificar condutas equivocadas, foi, ao contrário, um dos impulsionadores na sua formação de valores e critérios.

Jean não se espelhou no que presenciou. Preferiu focar a mãe, que reverteu o quadro em que se encontrava, reagiu e lutou, seja em busca de felicidade ou de sobrevivência.

Embora tenha sido Jean Garcia que levou Rachel, anos depois, para conhecer a Terra Santa, a mãe foi exemplo para ele em sua relação com Deus muito antes disso. Uma mulher que pauta sua força em sua fé.

O empresário já tem três votos feitos no Muro das Lamentações, nos anos de 2005 (em sua primeira viagem), 2019 e 2022 (quando completou 50 viagens à Terra Santa). E todos, como ele afirma, trouxeram e trazem resultados em sua vida. Assim fez Rachel vários anos antes, quando os irmãos de Jean estavam doentes. Os prognósticos eram desfavoráveis e ela fez um voto com Deus para se libertar de dois vícios até o final daquele ano corrente. Seus dois filhos, ainda na primeira infância, foram curados. E ela cumpre a parte que lhe coube até os dias atuais.

Evangelho de João 14:14: “Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei.” Os cristãos encontram diversas passagens bíblicas que aprovam os votos, que excitam o fervor da fé e do comprometimento em quem os fazem. Todo voto gera uma promessa, mas nem toda promessa é um voto porque, para os crentes nesse gesto, o voto é a única promessa feita, não aos homens, mas a Deus, reconhecendo Seu domínio supremo.

— Eu presenciei esse acontecimento. Meus irmãos foram curados e minha mãe mudou para sempre. É daí que vem meu amor pelo voto e, principalmente, pelo propósito que o voto carrega — conclui Garcia dentro do carro.

Ao dizer essas palavras, o veículo para. Eles chegam a um dos hotéis onde costumam se hospedar na capital sul-mato-grossense, um dos destinos comuns aos negócios do empresário.

Dessa vez ele seria homenageado por Campo Grande pela expansão de suas franquias da Hadassa Viagens. E também teria algumas reuniões corporativas a fim de viabilizar projetos do Grupo Hadassa na região.



Jean com seus dois irmãos gêmeos, mais novos, Geana e Jonatha

II

Em outra viagem por terra, dessa vez para Curitiba, no Paraná, onde Jean Garcia receberia uma nova homenagem entre os “Profissionais do Ano 2023”, o reconhecimento o leva, mais uma vez, a agradecer por sua trajetória.

— Devo todo sucesso do Grupo Hadassa ao Deus de Israel, à minha família e também à minha equipe — e continua com a frase que sempre repete — A gratidão é a memória do coração!

A frase é de filósofo grego Antístenes, discípulo de Sócrates, que considerava a virtude o único fundamento da felicidade, e faleceu aos 80 anos de idade, 365 a.C. E Garcia tem o bordão como um dos norteadores de sua vida, resumindo o valor do reconhecimento, primeiro a Deus, e, depois, a todos à sua volta.

A família, os amigos, os funcionários, a imprensa, os parceiros e principalmente Deus (em cada oração): Todos que o cercam já

ouviram Garcia falar de gratidão. Ele cresce, mas não esquece e agradece até ao que não foi bom.

Uma dentre as memórias que poderiam ser ruins, mas que Jean Garcia também transformou em gratidão, foi a tentativa frustrada de integrar o time de futebol de Tubarão. Ao invés de se lamentar, ele usou o obstáculo como um desafio e, com resiliência, renovou suas opções.

— Acontece que seu primeiro sonho era ser jogador de futebol, como todo menino pobre brasileiro. E ele chegou a jogar na categoria de base do time da nossa cidade, como goleiro. No entanto, ele viu logo que o futebol não lhe seria promissor e decidiu alçar outros voos — conta o irmão caçula, Jonatha Garcia.

O menino Jean, com pouco mais de dez anos de idade, chega ao clube de futebol da sua cidade, Tubarão (SC). Haveria uma seleção para a escolinha e as canelas magras e longas do guri estavam ansiosas para correr pelo campo e mostrar o que fariam com a bola.

Alguns minutos mais tarde, sua curta exibição é cortada bruscamente pelo técnico. As palavras dele são:

— Você nasceu para ser gandula!

Por alguns segundos Jean pensa na mensagem intrínseca do que ouve. No âmbito do futebol é claro seu significado: Gandula, apanha-bolas ou pegador de bolas é o responsável por buscar e devolver as bolas que são jogadas para fora do campo para que a partida prossiga.

Apesar de essencial, a função é coadjuvante e não está em jogo. O termo gandula surgiu porque o jogador argentino Bernardo Gandulla, na década de 40, foi contratado pelo Vasco da Gama, mas nunca era escalado. Ele ficava assistindo treinos e partidas e acabou assumindo o papel de pegar as bolas que saíam do campo, devolvendo-as aos jogadores titulares.

Porém, para Jean, aquela frase tem uma amplitude muito maior. Após o impacto inicial do que ouviu, tentando disfarçar ou digerir a negativa do técnico, ele devolve:

– Gandula uma ova! Um dia eu vou provar que eu não nasci para ser gandula!

O menino se vira e vai embora. Ao deixar o estádio, continua para si mesmo:

– Tudo bem; se eles não me deixam ser jogador de futebol, um dia eu compro esse time.

Jean não comprou o time, mas, no futuro, chegou a patrocinar alguns dos seus jogadores. O “gandula” virou atacante no meio empresarial.

– Fiz daquela frase uma motivação e anos depois me tornei um dos patrocinadores da mesma escolinha de futebol de Tubarão. Enfim, provei que não nasci para ser gandula! – diz Garcia, já homem.

Esta foi outra grande escolha de Jean na infância. Não se vitimizar com as negativas e não pegar para si as afirmações ruins de terceiros. Garcia acredita que muita gente está se mantendo fora das quatro linhas, como o gandula, “esperando a bola sobrar para ele”. E orienta:

– Muita gente acredita que nasceu para ser gandula, para não prosperar, vivendo das sobras da sociedade. E as pessoas pensam assim porque se acostumaram a viver fora das quatro linhas. Na verdade, mesmo que tenhamos, cada um, nossas próprias dificuldades, todos nascemos para estar dentro do campo. E se não estivermos dentro de campo, para estarmos acima dele. Não fora.

Todos temos o poder de escrever nossa própria história. É preciso se posicionar. Eu poderia ter ficado esperando fora das quatro linhas, aceitando ser gandula, mas entendi que aquelas palavras não deveriam me jogar para baixo, e sim me motivar para chegar a lugares altos.

Ninguém é bom em tudo, mas Garcia afirma que a mão de Deus está sobre todos, “o maior quipá que existe”, como diz. É necessário tomar posse e “vesti-lo”.

Da sua primeira grande escolha, quando preferiu o exemplo de resistência da mãe e não o de violência do padrasto, o menino Jean decidiu ser um bom homem, que usa a força para realizar e não destruir. Da motivação diante de uma negativa da vida (o futebol), ele descobriu que preferia persistir e ser protagonista em sua história.

E num tempo anterior ao teste na escolinha de futebol, Jean já havia feito outra escolha marcante: a de progredir. Ela foi retirada de um episódio que se repetiu ao longo da sua meninez.

Ocorre a mãe de Jean, ao engravidar e sem saber como enfrentar a situação, escondeu a gravidez do pai. Ao final da gestação, ela participou de uma maratona esportiva, percorrendo o estádio com a tocha olímpica e, o que parecia não ter implicações, acelerou o parto, nascendo Jean, um bebê saudável, mas prematuro.

Jovem, sem o apoio de um companheiro e sem uma condição financeira estável, Rachel trabalhou muito para criar o filho. E, alguns anos depois, também os gêmeos, já que o padrasto de Jean cometeu violência doméstica e houve a separação.

No entanto, apesar do empenho materno, a família passou por dificuldades e sofreu privações por anos.

— O dinheiro faltava e as pessoas vinham em casa para cobrar o que devíamos. Minha mãe pedia que eu fosse atender à porta porque, apesar de correta, ela não tinha como pagar e se envergonhava. Eu obedecia a essa ordem, mas mesmo sendo bem novo, já pensava o quanto não queria viver aquela situação para sempre. Eu queria ter condições de dar o melhor para minha família e até hoje não gosto de ser cobrado. Pago, de preferência, adiantado — relata o Garcia homem.

Retornando das memórias de infância, Garcia entra no salão do Clube Curitibano (Curitiba, capital do Paraná) para a noite de gala em que receberia o Prêmio “Profissionais do Ano 2023”. Ele está acompanhado de amigos e funcionários, ao lado da esposa, Cristiane Granemann Garcia, e com as duas filhas, a primogênita Eduarda e a caçula Lorena.



Garcia é premiado entre Profissionais do Ano 2023

A família é recepcionada por holofotes e dançarinos, que vestem um figurino inspirado nos troféus a serem entregues. Os quatro, pais e filhas, são abordados para fotografias e entrevistas.

A pequena Lorena, a essa altura com quatro anos de idade, sorri bastante e diz que ama o pai. A primogênita Eduarda, com 16, está tímida para falar, confidenciando depois, longe do microfone e filmagens, sua admiração pela figura paterna. Cristiane expressa

o que sente aos entrevistadores. Sua fala, alinhada à do marido, tem o mesmo tom de agradecimento à vida, pelas lutas enfrentadas e bênçãos recebidas:



Família de Jean Garcia com ele, em premiação em Curitiba-PR

— O sentimento é de gratidão e muitas coisas ainda vão acontecer. Então, cada passo da nossa vida é um momento de comemoração.

Uma característica do empresário é compartilhar cada alegria pessoal e profissional com a família. Cristiane exibe sua graça feminina em um vestido de alta costura. Pele e cabelos bem cuidados. Um rosto delicado. A mãe inspira as filhas. As três chamadas por Garcia de Princesas.

Mas se a beleza acompanha Cristiane, Eduarda e Lorena desde sempre, as condições para expressá-la não. Houve um tempo muito difícil, antes do nascimento da caçula, em que a maior

preocupação familiar era ter o essencial. E mesmo nessa época de luta, o reconhecimento por cada aprendizado, superação e conquista esteve presente em todo amanhecer.

E a esperança de dias melhores também. Aquela esperança definida pelo educador e filósofo Paulo Freire, do verbo esperar. Lembrando: "... esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, ir atrás, construir, esperançar é não desistir!"

E é por essa união e apoio incondicionais que Garcia explica a relevância atribuída à família:

— Uma das bases de um homem de sucesso é uma família de sucesso! — ele sempre diz enfaticamente. E acrescenta — Todas as vezes que sou honrado, cito o nome da Cris (apelido carinhoso da esposa) porque ela acreditou no Garcia antes que eu me tornasse o Garcia. Ela me apoiava quando eu dizia que seria um grande empresário; que seria um homem de sucesso. Quero estar com ela até o último dia da minha vida e serei grato à ela e às filhas que ela me deu eternamente. A Cris é a mulher da minha vida!

Da infância difícil às primeiras conquistas, Jean percorreu uma longa estrada de perseverança até se tornar Garcia e foi durante esse caminho que encontrou Cristiane e seguiu de mãos dadas com ela.

Aliás, ao longo da sua história, começando pela mãe e avós maternos até os dias de hoje, Jean Garcia Patrick Baleche tem uma lista de pessoas a quem agradece em seu coração, mas destaca que nada teria sido possível se tivesse escolhido olhar na direção errada. Se tivesse focado nas dificuldades, nas negativas e em exemplos ruins. Se tivesse se acovardado.

Ao contrário, usou as pedras em seu caminho como degraus. Definiu suas metas, acreditou em si mesmo e conduziu Jean pelo percurso da gratidão, da fé e da persistência, rumo ao sucesso em sua forma mais abrangente.

Ele sabia, desde muito cedo, que as mãos de Deus estão sobre a sua cabeça, assim como estão sobre a de todos os seus filhos. A diferença é que nem todos decidem “vestir o quipá”, ou seja, tomar posse dessa condição de filho de Deus, amado, protegido e guiado por Ele.

Muitos afundam na areia movediça da vitimização e desesperança ou, em outro extremo, do próprio ego. Se colocando acima da onipotência e do amor Divinos, rejeitam essa benção e, querendo ter o controle, se descontrolam.

— A vida me deixou sem escolha. Ou eu voava ou me arrebatava. — é como Garcia, na fase adulta, resume sua decisão de coragem.

Ele afirma que a maior qualidade de um ser humano é a coragem. Porque pode se ter tudo e, sobretudo, a capacidade dada por Deus, a cada um, de criar seu próprio mundo, à Imagem e Semelhança Divinas. No entanto, não será possível sair do lugar sem a decisão de “se posicionar”, como ele diz.

— Claro que ponderação não é covardia. Mas sem coragem, não há ação.

Garcia, adulto, costuma citar o exemplo de Pedro que, apesar do temperamento impulsivo, era um dos apóstolos mais corajosos de Jesus. A coragem citada por ele é a que nasce na fé; ciente de que as mãos de Deus estão sobre todos; e a que se nutre na esperança, do verbo esperar, cada um fazendo a sua parte.

— A coragem do meu pai é o que mais admiro! — é uma das frases confidenciais pela filha primogênita de Garcia, Eduarda, ainda na noite de gala do Clube Curitibano, mas longe das entrevistas oficiais que a encabulam.

As lembranças de Eduarda sobre os atos de coragem do pai são as mais distantes. A família morava perto da praia durante boa parte de sua infância e Garcia a ensinou a nadar nas águas salgadas e movimentadas do mar.

– Ele me levava mais ao fundo e me ensinava.

Em um único gesto, Garcia, mais intuitivamente do que racionalmente, transmitia coragem, persistência, amor, cuidado e confiança na capacidade da filha. Um ato muito simbólico para uma personalidade lutadora, destemida e que aprecia os desafios. Valores que ele ensinou à primogênita, que já demonstra várias características em comum com o pai.

Voltando à decisão de coragem que Jean tomou desde a primeira infância, foi ela que impulsionou suas outras três escolhas de se esforçar no bem, progredir na vida e persistir sempre. E por todos esses valores que foram se formando em seu íntimo, é que o menino, cheio de fé e esperança, se identificou com o povo judeu quando conheceu a sua história nas carteiras escolares.

Garcia já estava com seu "quipá" muito antes de tê-lo materialmente em suas mãos na primeira visita a Israel. Há muito, desde bem cedo, o Judeu sem Quipá já havia tomado posse do "quipá de luz Divina", aceitando esse amor, proteção e comando. Ele aguçou a sua percepção, confiou na sua intuição e capacidade e seguiu com firmeza na direção da prosperidade.

LIÇÃO QUE FICA

Capítulo III

Jean Patrick Garcia Baleche aprendeu, desde muito cedo, que tinha o livre-arbítrio para fazer as piores escolhas, mas que dependia dele usar o “quipá” Divino de proteção e condução para alcançar os melhores resultados.

Entendeu que, para voar, seria preciso coragem, mas que se Deus está no comando, não há sensatez em se acovardar.

A esperança foi fundamentada no entendimento da ação. Protagonizando a própria história, o menino Jean concluiu que o progresso é uma escolha que depende da persistência para que seja alcançado.

Para tanto, não seria inteligente perder tempo com revolta, vitimização, maus exemplos ou afirmações negativas. O menino Jean tinha pressa e usou seu passado com tudo de bom e ruim, como impulsionador para atingir mais rápido seus objetivos.

E mantém até os dias atuais sua fé, coragem e comprometimento para guiar a própria vida. Prova disso são os votos no Muro das Lamentações, que, para Garcia, representam uma forma de vivenciar a humildade e disciplina diante de Deus.

Pautado nos critérios que construiu, Garcia sabe que gratidão é reconhecer o caminho como fundamental para a chegada. O que começa em casa, com a família.

E se, depois das escolhas que fez durante a mais tenra idade, o menino Jean conheceu, se identificou e passou a admirar o povo judeu, o leitor poderá verificar, nas páginas que se sucedem, que, a partir de então, o garoto se põe a trabalhar por seus objetivos, estudando e replicando o modo de ver e viver dos judeus.

A luta é longa, mas a perseverança de Jean Garcia é maior que um deserto inteiro.

‘Kol Hátchalot Kashót’
- todos os inícios são difíceis

**Da Torá,
o livro sagrado dos judeus**

Capítulo IV

Procurando Espaço

“Me tornei Garcia quando aprendi a voar sozinho”

Jean Patrick Garcia Baleche, o Garcia

O menino Jean, 11 anos de idade, se levanta, ajeita a camiseta, pega uma folha solta do caderno, com anotações e rabiscos, e vai para a frente da sala. A aula é de História. Os alunos desenvolveram trabalhos sobre o Holocausto, em que judeus foram massacrados nos campos de concentração alemães durante a Segunda Guerra Mundial, de 1939 a 1945.

A professora ouviria Jean em sua apresentação oral. O aluno ama os judeus e vem aprendendo mais sobre eles na leitura bíblica (hebreus e, mais tarde, chamados judeus). Já na escola o estudo curricular vem abordando um passado mais recente. Principalmente o Holocausto.

– Por causa dessa guerra mais de 6 milhões de judeus foram dizimados. Muitos afirmaram que esse povo fracassaria para sempre, mas o exemplo de dor virou exemplo de vitória! Eles se espalharam pelo mundo e prosperaram! A grande lição, para mim, é que eles fizeram do seu passado uma ponte para o futuro porque não focaram no fracasso. Os judeus são resistentes e se adaptam, aprendendo e crescendo com o sofrimento.

É assim que Jean finaliza sua apresentação, aplaudida pelos colegas e valorizada pela professora:

— Parabéns Jean Patrick. Você nos trouxe uma lição sobre a resiliência desse povo. Resiliência, classe, é o que Jean disse, essa capacidade de resistir e se moldar aos acontecimentos, mesmo os piores acontecimentos, seguindo adiante; até melhor e mais forte.

Ao final da aula, o menino sai da sala a passos rápidos. Entra no refeitório, engole o almoço com ansiedade, confere se o bolo de panfletos está na mochila e deixa a escola. Ele está sempre com pressa e cresce na mesma velocidade. O peso não acompanha a altura e as costelas, sob a pele, podem ser contadas facilmente.

Aliás, Jean adora contar. Não é bom somente em História, como também em Matemática. E tem, no geral, excelentes notas, apesar da hiperatividade lhe conferir uma personalidade inquieta. A mãe, Rachel Garcia, professora, convive com o chavão de que o filho é um “aluno bagunceiro”.

Mas isso é porque a sala de aula parece pequena para ele. O garoto é esperto. Muito ativo, de uma vivacidade contagiante. E procura seu espaço no mundo; mas o que quer mesmo é mais espaço. Queria o próprio mundo se pudesse!

— “Koerich Móveis e Eletrodomésticos. Nossa gente tem Koerich na cabeça” — lê Jean, quase sussurrando.

Avermelhou a sinaleira (como é chamado o semáforo em Tubarão, Santa Catarina). Jean tira os olhos do panfleto e mira nos motoristas. Um, dois, dez, vinte, trinta. Como em tudo que faz, Jean é ágil na entrega dos panfletos e o monte de papéis nas mãos baixa em minutos.

— Vem logo, entrega esses aqui para os outros. Dividam entre vocês – diz o menino ofegante, retirando outro tanto de panfletos da mochila e passando para um moleque que se aproxima.

Jean havia convencido a primeira empresa para a qual trabalhou a lhe dar o serviço de panfletagem quando recolheu centenas dos seus panfletos jogados na beira do rio, pela Ponte do Terminal.

Com menos de 10 anos, Jean ficou na espreita. Viu que os garotos não faziam a entrega honestamente. Recolheu tudo que pôde e levou até a empresa.

– Os meninos que vocês contratam não trabalham direito. Eu sim. E ainda consigo colocar mais gente comigo.

Trato feito. Jean mal tinha saído da infância, mas já se posicionava com firmeza e conseguiu o serviço. Nos primeiros meses ele trabalhou sozinho, mas logo foi reunindo mais meninos, a maioria colegas do futebol de rua. Dessa forma, ele gerava renda para eles e tirava sua comissão.

No começo eram três, quatro, mas o número cresceu logo. Jean chegou a ter dezenas de adolescentes entregando os panfletos que ele captava nas “empresas clientes”.

E o jovem líder se planejava. Ele aprendeu estudando sobre os judeus que “o planejamento é o caminho do sucesso”. Então, comprou um mapa da cidade de Tubarão e rabiscou as ruas onde ele e sua equipe atuariam. O trabalho funcionou muito bem e Jean chamava sua primeira empresa de JG Panfletagem (JG de Jean Garcia).

– Foi assim que passei a realizar meus primeiros sonhos — relembra anos mais tarde.

Os judeus acreditam na relevância de planejar para realizar. “Sonho, projeto, trabalho pesado, êxito... Por que esta é a estratégia fundamental de toda empresa humana? Porque é a história do Universo”, assim escreveu o rabino, escritor e editor canadense Tzvi Freeman.

A motivação de Jean Patrick Garcia Baleche era progredir. Só que os sonhos que o garoto pretendia realizar não eram só para si. Ele tinha pressa de mudar o cenário e a perspectiva da própria vida, mas também da família. E teve a confirmação bíblica e judaica de que o sucesso não o afastaria da sua espiritualidade.

Assim como foi mencionado no primeiro capítulo deste livro, Jean Garcia, mesmo ainda menino, já conhecia e se inspirava nos maiores personagens da Bíblia, que trabalharam muito pelo que acreditaram, dignificando o sucesso pelo esforço.

Por sua vez, o Judaísmo enxerga o dinheiro como uma ferramenta para a realização de metas e sonhos. Não é, por si só, negativo. Ao contrário, pode contribuir com quem o possuir na realização de bons atos para si e, principalmente, para os outros, seja gerando alegrias, oportunidades, trabalho ou realizando ações sociais.

Ciente de que a esperança deve ser acompanhada de ação e de que é necessário coragem e persistência; o menino ora, pede e acredita:

– Quero ter o que o povo judeu tem: sua força e sua benção!

A panfletagem, em princípio, não foi bem vista pela família. A mãe teve medo que Jean passasse tempo demais nas ruas e menos na escola. O irmão dela, Rafael Corrêa Garcia, certa vez deu de cara com Jean panfletando e estranhou.

O tio cumprimenta o sobrinho tentando disfarçar o impacto, mas pergunta a razão dele estar fazendo aquilo. O menino responde com naturalidade que quer se tornar independente, poder comprar o que precisar ou desejar.

– Foi forte. Eu não sabia. Somos de família humilde, mas não esperava por isso. Não entendi quando o encontrei trabalhando na rua, ainda tão novo. Senti um misto de orgulho e susto. Desde pequeno Jean dizia que seria empresário um dia e acreditei porque ele tem o perfil do meu pai (Hernâni Corrêa Garcia). Personalidade comunicativa e forte como a do avô. Desde a infância as coisas tinham que ser do jeito do Jean e era difícil fazê-lo mudar de ideia. Por isso, depois do susto inicial de vê-lo entregando panfletos, acabei entendendo que ele estava buscando um caminho – relata Rafael, já na fase adulta de Garcia.

Já a irmã de Rachel, Rejane Corrêa Garcia, acompanhou de perto essa fase da vida de Jean. Depois do trabalho de panfletagem era comum ele passar na casa dela para descansar um pouco e fazer um lanche. Pelo menos uma vez por semana lá estava o menino no portão; às vezes trazendo um saco de pão. Cansado, mas nunca esmorecido.

— Ele já era muito determinado naquela época, mas tinha uma rotina cansativa, caminhava muito. Estava em fase de crescimento, era magrelo... Claro que aparecia sempre com fome. Por isso eu abria o portão e já o convidava para uma grande cozinha que eu tinha na parte de fora da casa. Ali comíamos e conversávamos — conta Rejane relembando a adolescência do sobrinho.

— Vem Jean. Hoje a tia fez Nega Maluca, aquele bolo que você adora (bolo de chocolate feito com água quente e óleo). E também tem pão d'água (um dos nomes do pão francês no Sul do Brasil)

— O que cair na rede é peixe, tia! Se é de comer, eu como! — risos.

A conversa se desenrola entre o sabor do bolo e o cheiro de café.

— Tia... hoje ando a pé, sou um moleque ainda... entregando panfletos... mas um dia muita gente vai se orgulhar de mim! — olhos marejados.

— É de baixo que se começa, Jean. Olha o Silvio Santos... começou a vida vendendo bala e foi engraxate. Com os anos se tornou uma potência! Um dia tu também vais olhar para trás e dizer: Meu Deus! Eu venci!

A tia citou o exemplo de Silvio Santos, a quem Jean admirava muito, tanto pelo início de vida como vendedor ambulante como por ser judeu (filho de mãe judia e pai judeu).

Silvio Santos (cujo nome de batismo é Senhor Abravanel) nasceu em 12 de dezembro de 1930, no Rio de Janeiro. Começou sua

trajetória como camelô e ergueu um império, se tornando um dos brasileiros mais conhecidos e prósperos do país.

Sua empostação vocal despertou a atenção e ele virou locutor de rádio. Empresário de grande talento, teve diversas ideias que se tornaram exitosas até que realizou o sonho de ter uma emissora de TV (TVS) em 1975, vencendo a concorrência para o Canal 11 do Rio de Janeiro.

Essas conversas na cozinha da tia materna rendiam confidências, lágrimas e risadas. A mãe trabalhava muito, os irmãos gêmeos ainda eram bem novos. Então, a tia se tornou uma referência familiar fundamental nessa época, mais tarde, reconhecida por Garcia como uma das incentivadoras para a sua prosperidade.

— Jean falava muito bem, mesmo sendo ainda bem jovem. Tinha muitas ideias e também fazia muita graça. Ele sempre teve humor — relembra Rejane Garcia.

A panfletagem durou até por volta dos 14 anos, mas, simultaneamente, o garoto apressado, que crescia rápido, empreendia em outras frentes. A rotina começava às 5h30 da manhã. Jean ia de ônibus para a escola e almoçava lá. Depois caminhava até seu escritório a céu aberto: o centro de Tubarão, onde passava a maior parte de suas tardes.

Ao final do dia ele retornava para casa e, geralmente, após um lanche reforçado, com café, leite e pão, ocupava as noites com vendas em bares e restaurantes da cidade, principalmente de adesivos.

Se os panfletos duraram mais tempo entre as atividades comerciais da meninice, a diversidade se mostrou uma marca registrada de Garcia desde cedo, e posteriormente pôde ser confirmada em seu grupo empresarial, que comporta mais de 30 tipos de atuação no mercado.

Ora Jean vendia salgados, ora picolés, depois pastéis. Ora revistas, livros. Trufas também. Calendários com frases motivacionais e adesivos com frases cristãs que ele mesmo mandava fazer. Certa vez, precisava comprar camisa e não tinha dinheiro; foi então que teve a ideia de vender rifas. E até na escola o menino Jean pensava em formas de melhorar a renda familiar.

– Eu enchia a mochila de lápis e quando alguém precisava eu tinha para vender, bem baratinho. E nos passeios de escola eu pedia para minha mãe fazer sanduíches e os levava para vender também – ele conta a um funcionário da sua empresa, enquanto o aconselha a não barrar as pequenas ideias de negócio do filho.

Quando Garcia reforça enfaticamente para que as pessoas “não menosprezem os pequenos começos”, conceito bíblico, ele exemplifica com a própria vida.

– Não só acredito nisso, como coloquei em prática. A grande arte que eu tenho de administrar e negociar veio da entrega dos panfletos! – afirma categoricamente, não uma ou duas vezes, mas sempre que pode, no aconselhamento a terceiros. E continua:

– Não há profissões indignas. Todos temos que ter um começo e ninguém deve impedir alguém de começar. Nem os pais determinam o sucesso dos filhos. Depois de um primeiro período, os pássaros voam sozinhos.

Jean, ainda menino, estava se preparando para voar e fazia o que podia para se desenvolver em relacionamento, venda, finanças e empreendedorismo, ainda que estivesse nos “pequenos começos”.

– Boa tarde senhora. Quanto custa cada coxinha sua? – Pergunta Jean a uma mulher de meia idade que está em uma calçada central de Tubarão com seu carrinho de salgados.

– Custa 50 centavos (de reais). Vai querer uma ou mais? – ela responde, mirando o guri alto e magrelo à sua frente, já ansiando pela primeira venda daquela tarde ainda sem lucros.

— Na verdade eu quero o estoque inteiro — diz Jean. Ela abre a boca querendo entender melhor, mas antes que articulasse novas palavras, ele prossegue — Tenho uma proposta para a senhora. Se me permitir, levo suas coxinhas e trago todo dinheiro antes que a tarde termine.

Era uma proposta de venda consignada, em que o vendedor coloca um valor a mais no produto, obtendo retorno pelo seu trabalho e pagando o fornecedor posteriormente. Só que, diante da salgadeira, quem propunha o negócio era um menino ainda sem barba no rosto.

Parecia um risco alto, mas Jean se posicionava com convicção. Olho no olho. Voz firme, fala objetiva. Ele avisa que deixaria algum item pessoal em garantia. A senhora estava cansada, solitária em sua desesperança de conseguir juntar o dinheiro necessário para comprar o almoço de amanhã e pagar, pelo menos, a conta de água.

Sendo assim, ela aceita. Ficando apenas com algumas unidades que pudesse, contando com algum sucesso, vender enquanto aguardasse o guri voltar com a venda feita e o seu pagamento.

Jean pergunta alguma coisa do produto que possa ajudar a convencer os clientes. Em seguida sai depressa com as coxinhas em sacolas. Ele é ansioso e quer ganhar tempo. Só não chega a correr com receio de que os salgados amassem uns aos outros, perdendo valor de venda.

Depois de umas quatro quadras de distância da salgadeira, o menino começa sua venda de porta em porta. Ele se afasta para um bairro com menos oferta de salgados e outras guloseimas. Agora seu poder de persuasão conta com alguma habilidade em marketing, que ele desenvolveu nas suas panfletagens, no contato com as pessoas.

Toca a campanha ou bate palmas. Torce para alguém atender. Diz que está vendendo coxinhas frescas e saborosas, agrega mais

algum valor ou informação ao produto. Detalha o preço. Torce novamente pela venda. Recebe vários não. Mas, persiste. Horas mais tarde, Jean volta até a senhora das coxinhas com as sacolas vazias e os bolsos cheios.

No caminho ele já havia separado o pagamento da salgadeira e, como inseriu boa margem de lucro no preço de venda, teve um retorno financeiro até maior do que o dela.

A transação comercial se repete algumas vezes. Substituída, depois, por vendas mais rentáveis. E unindo a determinação de infância aos ensinamentos extraídos do povo judeu, o menino Jean consegue adquirir alguma autonomia, ajuda em casa e vai aumentando seu capital de giro, investindo valores um pouco maiores, buscando aumentar, ainda que minimamente, sua lucratividade.

— Mesmo ainda bem novo, fui interiorizando e aplicando os ensinamentos judaicos. Entendi, ainda garoto, que o planejamento é o caminho de todo homem e mulher de sucesso. Que não se deve gastar reservas com o que não traz retorno, pensando em gerar renda sempre que possível. E que é fundamental trabalhar com excelência mesmo nos pequenos negócios. Me espelhando na cultura judaica, procurei tratar as pessoas com respeito e o dinheiro também; e assim fui construindo em mim um bom gestor — relembra Garcia.

II

Agora o jovem está com 13 anos. Seu talento para empreender e diversificar, somado às outras qualidades que tinha e burilou através dos judeus o tornaram confiante em si mesmo e em seu futuro. Ele anotava em seus papéis o que já tinha aprendido com a cultura do povo que admirava: planejar, perseverar, acreditar, buscar bons contatos, conquistar credibilidade, ser resiliente e

gerenciar seus ganhos. A lista crescia a cada novo aprendizado sobre a história dos hebreus/judeus.

Com essa pouca idade, ele entra em um banco de Tubarão:

– Quero guardar as minhas economias – diz a um funcionário, que estranha sua intenção, mas o conduz a um gerente de pessoa física.

– Você quer uma conta no banco? É isso? Para quê?

– Como eu disse, para poder guardar minhas economias com segurança.

– Você tem 13 anos, não é? E como esta instituição financeira poderá abrir uma conta bancária para uma criança?

– Como milhões de clientes confiaram neste banco? Se você me der o telefone do primeiro cliente que confiou em você, eu nunca mais volto aqui.

– Então traga tua mãe aqui que eu vou abrir a conta.

Em casa, Jean procurou Rachel:

– Mãe, eu quero ter minha própria conta no banco, mas a senhora precisa assinar os papéis porque o gerente não está confiando em mim, sendo que eu não fiz nada errado – disse Jean, com sua personalidade forte.

Rachel acompanha o filho, assina a documentação e Jean abre sua primeira conta bancária aos 13 anos de idade. Após essa conquista, Jean promete a si mesmo:

– Antes dos meus 35 anos de idade terei meu primeiro milhão de reais! – era uma meta; não um sonho, porque os sonhos de Jean Garcia desconhecem limites.

E, realmente, o caminho trilhado por ele o levou e o tem levado ainda mais longe. Aos 35 anos de idade (completados em 2022) ele já tinha reunido, investido e conquistado muitos milhões. Relembrando a história que o próprio empresário contou aos

funcionários da Hadassa em Israel, o menino decidiu que aquele passarinho nas mãos deveria voar e não morrer.

— Devemos ousar e sonhar alto! Porque nunca iremos além do nosso sonho!

E esta frase típica de Garcia o faz lembrar um dos brasileiros que admira, Jorge Paulo Lemann, um dos homens mais ricos do mundo, que afirma: “Sonhar grande dá o mesmo trabalho que sonhar pequeno”. Ou seja... mais útil então é educar a mente para ter grandes perspectivas.

Só que sonhar alto, como aconselha Garcia, demanda trabalho persistente e resiliente. É por isso que a diversidade sempre foi uma das características que o define como empresário, desde seus primeiros passos como empreendedor.

Mesmo quando o panfleto dava um retorno interessante para um “pequeno começo”, como ele chama hoje, o menino Jean já buscava alternativas para seus, na época, pequenos investimentos.

Já disse o americano Warren Buffett, referência no mercado de ações, “não coloque todos os ovos na mesma cesta”, frase que Garcia sempre enfatiza. A diversidade, por exemplo, ajudou Jean Garcia a manter a Hadassa Viagens mesmo durante o longo período de escassez do turismo, causado pela pandemia de covid-19, o que levou muitas agências de viagens e empresas do ramo a fecharem as portas.

E Garcia ainda pôde, através da horizontalidade dos seus negócios, continuar crescendo e investindo na chamada HV, que segue progredindo de maneira expressiva. Tal qual suas outras frentes de trabalho, como importação de tecnologias e exportação de pescados, para citar os maiores negócios do Grupo Hadassa.

Se os judeus ensinam resiliência, Jean Garcia aprendeu, entendendo que para chegar longe muitas vezes o caminho não é uma linha reta.

— Muitos homens e mulheres de sucesso começam em posições irrelevantes. O essencial para progredir é saber usar o sofrimento a seu favor, como fez o povo judeu diante de tantos “nãos” e tantas perdas: nunca focando a derrota. Devemos aprender o jogo, criar novas estratégias e voltar ao campo. Eu vendia adesivo de 50 centavos e hoje vendo viagens de 50 mil reais. Vendia coxinha e hoje vendo cargas de peixes — é o que diz o Garcia homem.

Se, assim como Garcia, o leitor não puder, no sentido figurado, se tornar jogador de futebol, não é preciso se apegar à crença limitante de passar a vida como gandula.

O empresário acredita que todo ser humano, sendo filho de Deus, tem o seu espaço no mundo, se lutar por ele: “todos nascemos para estar dentro do campo. Ou acima dele, liderando. Não fora”.

— Ouvi muitas opiniões negativas que eu podia ter tomado como verdades (crenças limitantes). Minha realidade na meninice e juventude foi difícil e não me deu bases sólidas para a construção da minha autoestima. Nunca tive qualquer contato com meu pai. E tive algumas responsabilidades precoces.

No entanto, nunca aceitei ser rebaixado por ninguém, nem por mim mesmo. Nunca me comportei como vítima e sim como protagonista da minha história! Me orgulho de ter tido a coragem de acreditar no meu potencial e penso que autoestima é uma questão de decisão. E eu decidi.

Garcia se expressa com orgulho, mas não superioridade. O que ele quer é compartilhar o que aprendeu para que cada um tenha ânimo, fé e coragem de buscar seu espaço. E, com isso, o economista e empresário brasileiro Jorge Paulo Lemann lhe vem à mente novamente.

— Em um dos seus livros, Lemann citou que antes de se transformar em um bilionário, fez vários bilionários! Quem reparte fica com a melhor parte! — brinca descontraído, enquanto orienta

as pessoas à sua volta, entre funcionários, amigos e até clientes. E observa:

– Compartilhar é algo que também aprendi com os judeus!

III

Se o caminho se trilha passo a passo, por ventura, obstáculos forcem alguns passos para trás. Na persistência de Jean Garcia, eles servem para pegar impulso! E não retroceder, ainda que se mude a direção. Porém, nesses trechos do percurso é comum se entristecer. E Jean estava vivendo um deles:

– Eu ainda era muito novo e, além das vendas e panfletagem, já fazia cursos na Igreja e trabalhava nas pregações. Apesar disso, as coisas estavam bem difíceis, sem dinheiro mesmo. Minha mãe pagou o aluguel atrasado e não sobrou nada.

Como ela era professora, comíamos na escola, mas lembro que naquela ocasião era um final de semana e o armário de mantimentos de casa estava completamente vazio.

Num dos locais em que eu pregava tinha uma mercearia ao lado e tentei comprar fiado (a prazo) um pacote de sopão, desses industrializados. O dono do estabelecimento não deixou. Foi difícil. Com humildade ofereci minha bicicleta em garantia de que eu voltaria para pagar. E aí consegui. Voltei para casa a pé, mas com a nossa refeição. Essa passagem me marcou.

Jean Garcia sempre ajudou a família, e, mais tarde, os amigos e funcionários. Desde muito cedo ele decidiu que não prosperaria sozinho, entendendo que a gratidão à vida se demonstra com atitudes e que, como aprendeu com os judeus, a mesquinhez contraria o pensamento de abundância que atrai a prosperidade.

Assim, na infância e adolescência de Jean, houve muitos dias de alegria e muitos outros de “sopão”, mas todos eram comparti-

lhados. Quando seu trabalho dava resultado, ele realizava alguns dos seus desejos, mas não esquecia a família, proporcionando ajuda no sustento e alegrias adicionais.

— Lá pelos meus 10 anos lembro que ganhei meu primeiro videogame e foi do Jean. Caso contrário, não teríamos condições — conta seu irmão Jonatha, seis anos mais novo.

E, como ele relata, o primogênito de Rachel proporcionou mais do que desejos de infância; ele compartilhou sua própria infância, abrindo mão de parte dela para ser o cuidador dos irmãos.

— Ele foi uma figura paterna para nós, nosso protetor. E ele continuou protegendo e cuidando das pessoas à sua volta até os dias de hoje; é um paizão para as filhas e para todos à sua volta — elogia o irmão.



Garcia com a mãe, esposa, filha e os dois irmãos gêmeos
(Um de cada lado da foto)

De alegria em alegria, de cuidado em cuidado e de “sopão” em “sopão”, o menino Jean foi crescendo e persistindo. Superando as fases difíceis e mantendo a esperança e o empenho por um futuro mais próspero. É assim que, gradativamente, ele vai se despedindo de Jean e se tornando Garcia.

“O menino é o pai do homem”. Frase do poeta inglês William Wordsworth, depois reescrita em Memórias Póstumas de Brás Cubas, pelo escritor brasileiro Machado de Assis.

Garcia carrega Jean dentro de si, mas foi Jean que deu vida ao Garcia. Cada um é filho não só dos pais, mas também da sua própria criança, sendo resultado de quem foi, assim como a planta o é em relação à sua semente.

Então, nasce Garcia!

– Me tornei Garcia quando aprendi a voar sozinho!

Ele usa a Bíblia como um manual de conduta para a vida, num contexto integral, e sabe que ela não ensina a desistir. Em Josué 1.9 se lê: “Não fui eu que lhe ordenei? Seja forte e corajoso! Não se apavore, nem se desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar”.

– Avançar sim, desistir nunca – esta afirmação de Jean Garcia é antiga. – Desistir é a saída dos fracos. Persistir é a alternativa dos fortes. Ainda que mudem as estratégias, a luta continua.

É por isso que desde garoto, Jean Garcia estipulou a si mesmo que sua tristeza tinha prazo de validade. Desde menino ele funciona traçando metas e objetivos em papéis. E esta meta em especial o ajuda a superar os dissabores e a se reerguer.

– Minha dor acaba quando um novo dia começa. Aplico a máxima bíblica de que o choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã. Cada amanhecer é um recomeço e temos a chance de escrever uma nova história.

IV

Era madrugada. O telefone tocou:

– Tio, sou eu. Posso ficar na sua casa uns dias?

– Vai vir de moto? Fico preocupado... mas claro que pode vir. Cuidado!

Desde cedo, Jean Garcia era impulsivo e decidido. Essa situação aconteceu algumas vezes. O adolescente resolvia de última hora, normalmente à noite ou de madrugada. Deixava Tubarão para passar um tempo com o tio materno, Rafael Corrêa Garcia, em Florianópolis, a capital catarinense. Já com uma motocicleta, embora desgastada, houve vezes em que ele foi sozinho, dirigindo por quase duas horas no meio da noite.

– Na falta do pai, que nunca esteve presente na história do meu sobrinho, ele conviveu e se identificou muito com o meu pai, seu avô. Mas, na adolescência dele, também me tornei uma referência paterna, apesar da diferença de idade ser relativamente pequena, 14 anos.

Acredito que ele se identificava comigo porque saí de casa cedo, em busca das minhas conquistas. Eu e Jean Garcia herdamos esse perfil batalhador e destemido do meu pai, Hernâni Corrêa Garcia, que era comerciante e tinha uma veia política. E vejo que os dois, avô e neto, são ainda mais parecidos entre si.

Conforme descreveu Rafael, o sobrinho tem o mesmo jeito de falar, de fazer negócios e de contar piadas que o avô.

– Os dois sempre foram alegres, festeiros, empreendedores, aproveitando toda oportunidade de conversar para aprimorar o networking. E com a máquina (cérebro) funcionando o tempo todo!

As idas a Florianópolis mostram o princípio da ânsia de Jean Garcia por explorar novos horizontes e possibilidades. Essas viagens à capital catarinense diminuíram quando outra cidade passou a ocupar seu tempo e seu coração, mas, independentemente do destino, ele nunca mais teve parada. Se tornando um cosmopolita.

A palavra cosmopolita tem origem grega: kosmopolites, em que kosmós significa mundo e polites significa cidadão. Diz-se das pessoas que viajam muito e se adaptam facilmente a diferentes modos de vida.

Garcia sabe que o Brasil todo é sua Terra Natal por onde quer que vá; que Israel se tornou também a sua casa, sua Pátria; e que, em qualquer parte do Mundo que esteja, as mãos de Deus, o Deus de Israel, estão sempre sobre os seus filhos. Portanto, estão sobre ele, que nunca se afasta dessa certeza espiritual.

Mas a cidade que passou a ocupar a vida de Garcia em seus 17 anos e o fez reduzir as idas a Florianópolis foi Canoinhas, também em Santa Catarina, 475 quilômetros distantes de Tubarão. Foi nesse município, entre uma população de 55 mil habitantes, que Garcia encontrou a mulher da sua vida.

O jovem pastor se mudou para Canoinhas para trabalhar em uma igreja. E, seguiu com suas vendas diversas, já que o pagamento não era suficiente para seu sustento, nem tão pouco para fazer uma reserva, mesmo pequena, conforme havia aprendido com os judeus e tentava aplicar.

O que Garcia não esperava era que essa mudança geográfica mudaria também o seu futuro. A partir daí ele continuaria sua luta, mas agora contando com o apoio e o amor de uma mulher. A sua mulher.

V

— Frequentávamos a Batista, mas passamos a ir na Igreja da Graça, onde tinha um novo pregador. Ele estava em Canoinhas por causa do trabalho, então ficou morando na igreja, que não tinha a estrutura de uma casa. Nem fogão tinha. Eu e a Etelvina ficamos com pena daquele pastor, tão novo, se virando sozinho. Começamos a ajudá-lo e abrimos a porta da nossa casa para ele.

Quem relembra a história é o Leonor Granemann Thibes, que alguns meses depois da chegada de Jean Garcia em Canoinhas se tornaria seu sogro.

Mas antes que uma nova família se formasse, Leonor e sua esposa, Etelvina Granemann Thibes, se tornaram amigos do jovem recém-chegado. E Etelvina começou a ter pressentimentos.

– Eu fui na igreja e vi o novo pregador. Minha mãe olhou para mim e afirmou: “Esse aí é seu futuro marido”. Não gostei e pensei que ele era casado porque nunca tinha conhecido um pastor solteiro – conta Cristiane Granemann Thibes.

Porém, a afirmação da mãe encontrou morada no coração de Cristiane, que, no seu íntimo, desejava, um dia, casar com um pastor. Acreditando que, assim, teria, ao seu lado, um homem que buscasse a Deus junto com ela.

Leonor também era vendedor e ele e Jean se afinizaram, trocando ideias e informações. Entre vários itens, Leonor vendia produtos de limpeza vindos de Joinville e descobriu uma fórmula para iniciar uma fabricação própria. Ele apresentou o negócio ao jovem pregador e os dois passaram a trabalhar juntos.

“Aquele pregador se tornou muito amigo do meu pai e os dois vivem juntos”, pensava Cristiane na época, achando curiosa aquela proximidade.

As semanas se tornaram meses e um dia, em uma vigília, Jean Garcia, interrompe o culto e mira os olhos de Cristiane:

– Moça! – ele chama.

– Eu? – pergunta Cristiane, timidamente.

– É com você mesmo que eu tô falando.... e a resposta que você me der agora será para o resto da vida!

A atitude de Jean Garcia é totalmente inesperada para Cristiane porque os dois nunca tinham conversado. Mas ele notava sua

presença muito mais do que ela podia supor e continua, despreocupado com a plateia que acompanharia o desenrolar da conversa.

– Se você disser sim, vai se tornar a mulher mais feliz desse mundo! E se disser não, corre o risco de abrir mão do propósito de Deus para sua vida! – diz com convicção.

Uma pausa, uma única respiração e ele lança pergunta:

– Você quer casar comigo?

Em segundos, Cristiane lembra o sonho de casar com um pastor um dia. Reflete que, apesar de jovem, deseja um relacionamento com futuro, e não namoros aleatórios. Lembra que tem a aprovação materna e, por fim, se impressiona com a ousadia e determinação dele. Então, por tudo isso, responde:

– Sim! – e os dois, simultaneamente, abrem um sorriso grande e quase involuntário um para o outro.

Ao final do culto, Jean Garcia se dirige ao amigo Leonor, e agora futuro sogro, e faz o pedido formal de Cristiane em casamento. Da mesma forma, procede com Etelvina. O ano é 2005. Em três meses o jovem casal se conhece, namora, noiva e se une em matrimônio.

– Tive amigas que contrariaram minha atitude, mas no meu coração eu tinha certeza desse “sim” e nunca me arrependi. Eu e meu marido passamos muitas dificuldades, mas sempre fomos felizes! – lembra Cristiane Granemann Thibes Garcia, anos mais tarde.

Neste mesmo ano, antes de casar, Garcia já havia conhecido Israel e logo depois do casamento, volta à Terra Santa com outra caravana de fiéis e pastores. Enquanto obtém, naquele país, o alimento espiritual, que fortalece sua alma, e os ensinamentos judaicos, que guiam sua conduta, ele começa a fazer os primeiros contatos importantes, lá e aqui, para obter o pão nosso que lhe traria prosperidade.



Jovem casal se une em matrimônio

Foi nessa época que Etelvina, a sogra de Garcia, contou à filha e ao genro que teve um sonho intrigante.

— Sonhei que o pastor (Garcia) estava com bastante ouro nas mãos e, ao seu lado, havia um animal semelhante a um leão.

Na Bíblia, o ouro representa a realeza (1 Reis 9:14-28). E o Leão de Judá é uma expressão bíblica como metáfora para o Messias prometido nas Escrituras Sagradas do Judaísmo e do Cristianismo (nesse caso, Jesus Cristo), além de ser um dos símbolos das 12 tribos de Israel, a tribo de Judá, a tribo do Rei Davi.

— Será que eu vou vender ouro? — questiona Garcia na época. Focado em vendas e trabalhando muito, ele ainda não conseguia interpretar o sonho da sogra como algo muito maior

que o aguardava relacionado à tão desejada prosperidade, sob as bênçãos de Deus e vinculado à Terra dos Judeus.

Enquanto Garcia persistia em seus sonhos, lutava em sua realidade. Os primeiros dez meses de casamento foram os mais difíceis financeiramente. Isso porque agora ele respondia pelo sustento de uma família. Tinha uma linda esposa que estava gerando a primeira filha do casal, Eduarda Granemann Garcia Baleche.

O casamento tinha ocorrido em Tubarão e nos primeiros dois meses o casal morou com Rachel, mãe de Garcia. De volta a Canoinhas, os dois alugaram uma casa e a preencheram com compras feitas numa loja de móveis usados.

— Nossa casa era toda colorida porque tudo que tínhamos era de segunda mão. A geladeira era de uma cor, o fogão de outra e funcionava só uma ou duas bocas. O sustento de um lar era difícil e estávamos sempre em busca de trabalho e de servir a Deus (igrejas diferentes em diferentes lugares). Então, nos mudamos várias vezes — conta Cristiane.

Certa vez, outro episódio difícil marcou a história de Garcia, agora, com sua esposa junto dele. O casal se mudou para pastorear em uma igreja de Brusque, também em Santa Catarina, mas o crescimento de Garcia e Cristiane junto à comunidade de lá incomodou o religioso que havia feito o convite.

— Esse pastor de Brusque disse que pagaria uma passagem para que eu pudesse visitar meus pais em Canoinhas. Em seguida, enviou meu marido ao meu encontro. E, sem que soubéssemos, tinha planejado nos tirar da comunidade da sua igreja. Mandou nossa mudança às escondidas para não voltarmos.

Nossas coisas, conseguidas com esforço, foram trazidas em um caminhão de mudança sem nenhum cuidado. Não desmontaram as mobílias, misturaram roupas com os alimentos.... vi nossa mudança colorida ser despejada na frente da casa dos meus

pais. Perdemos várias coisas, como a geladeira, por exemplo, que quebrou – relembra Cristiane.

Mas se a formação de uma família significava mais responsabilidade para Garcia, também se tornou sua maior força e motivação. Até porque era seu primeiro grande sonho de prosperidade realizado. Caso contrário, de que adiantaria ter desejado, desde a infância, ser um bom homem, bom pai e bom marido? O que foi sua primeira escolha importante na vida.

A essa altura ele já tinha comprado aquela boneca Barbie: a representação da sua esperança no futuro! Ele acreditou que formaria uma família! E seria uma família próspera! Era uma questão de coragem e fé.

De volta a Canoinhas, foi preciso morar um tempo com os sogros. O pequeno negócio familiar de produtos de limpeza funcionava num espírito de cooperação. Cristiane ajudava na fabricação e Garcia saía para a venda, assim como o pai dela.

Além disso, a diversidade nos negócios se manteve e Garcia e Leonor continuavam compartilhando ideias e ações.

– Eu sempre vendi batatas. Melancias e galinhas, entre outras coisas. E o pastor (como o sogro se refere ao genro muitas vezes) trabalhava muito também. Eu ficava impressionado com a disposição e o desempenho dele. Certa vez ele descobriu uma firma de colchoados numa cidade perto. Foi até lá, se apresentou e conseguiu fechar negócio. E era assim, ele vendia diversos produtos. Comprava em quantidade grande, conseguia um bom desconto, e saía com sua moto para vender de porta em porta – relata Leonor, a alguns amigos de Garcia e Cristiane, durante uma estadia recente na casa do genro e da filha.

O sogro conta que era comum Garcia partilhar não somente ideias para prosperarem juntos, como tudo que tinha. Como os simples, mas significativos, sanduíches que ele comprava para

comer com o sogro quando trabalhavam na rua. E depois do culto também.

— Era comum sairmos da igreja à noite com fome. E o pastor (Garcia), às vezes, comprava lanche para a gente nesses carrinhos de rua. O primeiro era sempre meu, depois da Etelvina, minha esposa, e depois para a Cristiane. Ele sempre ficava por último.

Garcia vendia o que pudesse: produtos de limpeza, colchoados, adesivos, cartões de visita e foi mototáxi também, no período noturno. Certa vez, o sogro, querendo ajudar o genro e a filha a prosperarem, vendeu a própria gaita. O que o jovem empreendedor e pastor nunca esqueceu.



Nascimento da filha primogênita, Eduarda

Cinco anos depois, Garcia, já em ascensão nos negócios, comprou de volta uma nova gaita para o sogro, ainda melhor, e que tinha sido do cantor e compositor brasileiro Michel Teló.

Mas antes desse cenário de bonança se concretizar, o empresário chegou a vender até as próprias roupas, mais de uma vez. A mais simbólica foi quando o parto de Cristiane se aproximou. A filha Eduarda já tinha a boneca, mas precisava ainda do enxoval inteiro.

O casal tinha voltado a viver em Tubarão. Logo após a mudança, Garcia oferece quase todo o pequeno conteúdo do seu guarda-roupa a um brechó para atender às necessidades da filha, que nasceu na mesma cidade do pai.

VI

Na ânsia de oferecer uma estrutura melhor à família e de continuar multiplicando sua fé, Jean Garcia transfere seu empreendedorismo para Joinville (SC), onde é chamado para pastorear.

Com a mala quase vazia, mas o coração cheio de esperança, ele inicia um trabalho intenso na igreja e sua ousadia e liderança chamam a atenção da comunidade, incluindo o casal Valdecir Lotice de Oliveira e Marineuza dos Santos de Oliveira.

Valdecir é conhecido como Gremista por torcer para o Grêmio Futebol Porto-Alegrense. Na época ele era metalúrgico e sua esposa, costureira. Eles notam que o pastor recém-chegado é mais novo do que a maioria e, ainda assim, apresenta grande desenvoltura, é determinado e é bem-humorado também. No entanto, observam que ele não se veste muito bem e repete as mesmas roupas continuamente.

— Percebemos que o dinheiro não sobrava e começamos a convidá-lo para almoçar, o que ele aceitava na hora. Lembro que ele gostava muito quando a Marineuza fazia frango ensopado com batatas — disse o Gremista sorrindo, anos depois, numa conversa informal.

Na verdade, Garcia, com menos de 20 anos de idade, mandava quase todo pagamento da igreja e das suas vendas, que já era pouco, para o sustento da esposa e da filha, ficando com o mínimo necessário.

– Durante o dia ele fazia suas vendas na rua, produtos de limpeza, adesivos religiosos, etc. À noite, pregava na igreja. E sabíamos que muitas vezes passava o horário do almoço com um sonho de padaria, que era bem barato, ou com um chimarrão – continua lembrando o Gremista.

Como a esposa e a filha de Garcia tinham ficado com Rachel, em Tubarão, ele não alugou uma casa, “morando” no fundo da igreja, onde dormia em um colchão no chão.

Com a amizade que se estabelece, o casal acabou comprando algumas roupas sociais para o jovem pastor vestir para os cultos e, mais tarde, passou a ajudá-lo de várias outras formas. Inclusive o acolhendo em muitas noites para posar, mais pela oferta de conforto emocional do que estrutural.



Jean Garcia, ainda bem jovem, em pregação

Numa noite, na primeira hora após o término do culto, o jovem pastor surge no portão da casa de Valdecir e o chama. O colarinho já tinha sido desabotoado e ele segura a gravata, que estende na direção do amigo.

Rapidamente Gremista entende o que há, mas não aceita de volta a gravata que havia lhe dado de presente. Garcia está diante dele querendo desistir da igreja de Joinville e da vida na maior cidade catarinense. Ele sofre julgamentos na comunidade religiosa, as vendas são árduas e pouco rentáveis e a saudade e preocupação com a família crescem a cada dia.

— Não, espera aí. Não é assim. Vamos conversar... — diz Gremista, colocando o amigo para dentro. Aquele homem, quase duas vezes mais velho, se torna um confidente de Garcia. Mais que isso. De repente, era como se Garcia tivesse finalmente um pai.

E o jovem pastor e vendedor não desistiu. Ao contrário, aquele foi mais um daqueles trechos em que os pés parecem ir para trás, mas, somente para pegar impulso!

Quando amanheceu, após um bom café da manhã preparado pela Marineuza, sua luta recomeçou; assim como em muitos outros dias de sol após madrugadas escuras. Afinal, Garcia já tinha por decisão aplicar a máxima bíblica de que o choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã.

“Cada amanhecer é um recomeço e temos a chance de escrever uma nova história”, lembrou a si mesmo enquanto abria o portão da residência do casal amigo. E encarou as ruas para vender seus produtos antes que fosse hora do culto.

Semanas depois desse episódio, o casal pagou a passagem de ônibus para que Cristiane e Eduarda pudessem vir visitar Garcia.

— Foi uma surpresa muito especial para ele. A Duda, ainda bebê, ouviu o pai chegando em nossa casa e balbuciou, chamando o Garcia — conta Gremista sorrindo — Realmente ele é como um filho pra nós! Inclusive a nossa filha, Vanessa, na época uma

criança, cresceu sob o cuidado e proteção dele, como se fosse uma irmã mais nova. Nos tornamos família e nunca mais nos afastamos! – enfatiza Gremista nos dias atuais.

Um ano depois do nascimento de Eduarda, a família se muda para Joinville e esse é um marco para a prosperidade. A festinha do primeiro aniversário da pequena precisou ser custeada pela avó Rachel, mas naquele dia, Garcia conta que “dobrou os joelhos” em oração fervorosa e sentiu em seu coração que a trajetória da família começaria a mudar.

Os meses correm e Garcia tenta ser mais rápido que eles. Trabalha e estuda muito e tem sempre uma nova lista de metas. Além da Teologia, tinha iniciado sua trajetória em outras formações: Marketing e Processos Gerenciais. E as idas de uma cidade a outra para cultos e vendas se tornam mais frequentes.



Família muda para Joinville, onde os caminhos para a prosperidade começam a se alargar

A reserva financeira, feita com dificuldade, seguindo o ensinamento judaico, possibilita um investimento maior em seus produtos e, com isso, as vendas dão um pouco mais de retorno. Aumentam as viagens de Garcia a Israel, onde ele segue alimen-

tando sua fé, ampliando seu Networking (rede de contatos) e, agora, ajudando a organizar diversas caravanas de peregrinos.

— Comecei a potencializar meus produtos. Segui o que a Bíblia ensina: Cuidar do pouco que você tem para depois você ter muito. E funcionou! — ensina Garcia, quando lhe perguntam como prosperar.

A moto foi substituída por um carro e o avalista de Jean Garcia foi o Gremista, o que aconteceu diversas vezes.

— Sempre confiamos e ajudamos o Garcia no que foi possível. E ele nunca nos decepcionou. Ao contrário, tem feito muito por nós! — observa Gremista.

E foi em um dos períodos fora de casa, por conta da Igreja, quando Eduarda ainda estava na primeira infância, que Jean Garcia soube da morte do avô. Morando em uma cidade distante de Tubarão, sem aeroporto, não foi possível ir ao velório. Porém, o neto carrega o orgulho do seu antecessor, o Primeiro Garcia! O homem que homenageou quando saiu do ninho e aprendeu a voar, embora, até este tempo, os voos ainda fossem baixos e cheios de intempéries.

— Guardo uma imagem bonita dele e sei que temos muito em comum. Meu avô é uma pessoa que amei muito e, com sua morte, me tornei o Garcia da família, num tributo a ele. É assim que me apresento, com orgulho, em todos os meus negócios — diz o empresário aos que perguntam.

Entre todas as suas vendas para obter retorno financeiro, Garcia escolheu as viagens para investir mais. Como ele já montava algumas caravanas para Israel, resolveu abrir uma empresa com esse foco, ampliando sua meta de ajudar as pessoas a realizarem seu sonho de conhecer a Terra Santa.

É o que havia prometido a si mesmo em sua primeira visita à Pátria de Jesus, do povo judeu, e que se tornou sua Pátria também. Jean Patrick Garcia Baleche abre então a Hadassa Viagens, especia-

lista em turismo religioso, entre outros destinos, que aumentam gradativamente.

– Eu sempre tive tino para as vendas e vender viagens é o que mais amava fazer, principalmente para Israel, por seu significado espiritual. Até os dias atuais, a HV é empresa em que mais invisto meu tempo. Por isso, embora eu tenha negócios até mais rentáveis nas Relações Internacionais do Grupo Hadassa, a Hadassa Viagens, para mim, é a primeira entre as nossas mais de 30 frentes de trabalho.



Turistas visitam Israel com a Hadassa Viagens

Hadassa (do hebraico, “flor bonita e popular”) era outro nome de Ester, que foi uma moça judia, órfã, por volta de 470 a.C. Ela se tornou rainha da Pérsia e foi usada por Deus para salvar o povo hebreu, se tornando uma das mulheres mais importantes da história bíblica.

– Ester não pertencia à mesa do rei, mas a atitude dela, de honrar o povo hebreu, a levou à mesa do rei. Assim como ela, eu não pertencia à mesa do rei, mas a minha atitude, honrando o povo hebreu, também me levou à “mesa do rei”. É por isso que escolhi o nome da Rainha Ester para a minha empresa – explica o empresário.

A analogia se refere a ele ter sido um garoto humilde, mas atualmente se sentar com autoridades empresariais, políticas e religiosas, incluindo judeus, no Brasil e em Israel. Quando Garcia escolheu o nome da sua empresa, já sabia aonde queria chegar.

O ano é 2008. A primeira HV é um pequeno espaço em Joinville, mas seguindo os ensinamentos judaicos, Garcia construiu experiência, nome e rede de contatos para alavancar o negócio.

Ele tem uma história de vendas e de relações interpessoais atrás de si. Conhece Israel, já tendo visitado o país quase uma dezena de vezes desde 2005. Tem um nome de credibilidade por ter trabalhado com dedicação e respeito. E buscou fortalecer contatos com pessoas estratégicas e com propósitos semelhantes no Brasil e em Israel.

Com a abertura da Hadassa Viagens, a dedicação de Garcia se torna ainda maior. O retorno aumenta dia a dia, mas as responsabilidades e o trabalho também. Ele sempre diz que “quanto mais alto se voa, mais forte é o vento”.

O jovem empreendedor sacrifica as horas de sono, o lazer, as refeições regulares e até o próprio bem-estar. Mas renova sua energia e seus ideais através dos momentos de orações e pregações, das idas à Terra Santa e do tempo precioso com a família, que é de longe sua prioridade. Assim como para os judeus.

Como ensina o modo de vida judaico, para o empresário, a prosperidade deve ser equilibrada, em todas as áreas de relevância da vida, atribuindo especial valor às pessoas a quem se deve amor e gratidão. “Uma sociedade é constituída de famílias sólidas” (Rabino David Weitman).

— Prosperidade é ausência de necessidade. E para ser realmente próspero deve-se investir na família, se dedicar a ela! Nenhum sucesso justifica o fracasso de uma família! — ressalta Garcia.

E para acompanhá-lo em sua jornada, alguns anos mais tarde a família se muda novamente de cidade. A Igreja do Evangelho Quadrangular, agora, leva Garcia, Cristiane e a pequena Duda (Eduarda) para o Estado de São Paulo, na pequena Rancharia, com pouco menos que 30 mil habitantes, onde Garcia assume a construção do templo religioso, com sucesso.



A filha primogênita de Garcia, Eduarda, com uma das bonecas trazidas pelo pai, de suas viagens

— Ele é um pastor de excelência e onde coloca a mão, prospera. E nos deixou em Rancharia com uma igreja maravilhosa, um grande legado — elogia a ex-funcionária e amiga Ramona Montania Batista.



Igreja erguida por Jean Garcia em Rancharia-SP

– Ele mudou a história da igreja na cidade. Fez um trabalho excelente como superintendente regional e não lucrou com isso. Ao contrário, colocou dinheiro do seu trabalho na construção – salienta outro amigo, que é funcionário de Garcia, Elisa Oliveira, agente especializado em Turismo Religioso do Grupo Hadassa.

Mas, além de muito trabalho, conquistas e alegrias, de Rancharia também ficou uma memória triste. Talvez a mais triste da vida adulta de Jean Garcia e da sua esposa, também pastora. O casal esperava um segundo filho e Cristiane organizou um chá para mulheres da Quadrangular.

Era uma tarde festiva de outubro de 2015 e o espaço foi todo preparado para a grande recepção. Só que Cristiane passou mal e foi levada às pressas para o hospital. Ramona a acompanhou.

– Foi um momento muito difícil para eles, para a Duda, que estava com nove anos de idade, e para todos nós – relembra a amiga Ramona.

A comoção foi de toda a comunidade da igreja, que vinha acompanhando a gravidez de Cristiane e teve grande empatia por Garcia e sua família.

– No culto de domingo da mesma semana, o pastor Garcia apresentou a Deus sua criança. Ao fazer isso, não aguentou; chorou muito. E toda a igreja também chorava sua dor – conta Elisa.

O provável era que Cristiane não pudesse mais engravidar, o que agravou o sofrimento do casal. Porém, novamente os preceitos judaicos ajudaram Garcia e a esposa a permanecerem em pé. Resilientes, mas incansáveis. Tristes, mas confiantes no propósito Divino.

VII

Enquanto isso, além do trabalho religioso e do foco de turismo da Hadassa Viagens em Israel, a HV continua diversificando os destinos turísticos, nacionais e internacionais, e conquistando mais clientes pelo Brasil.

Mas Garcia mantém sua confiança na diversidade e investe em novos negócios, projetos e parcerias; cria novas marcas e, principalmente, usufrui do conhecimento sobre Israel e do networking que conquistou no país para, de novo, virar a chave da prosperidade.

A Terra Santa, que também é terra de oportunidades, é o berço das três religiões monoteístas, rico em espiritualidade e história, sendo a primeira opção de muitos turistas quando viajam ao exterior. Por outro lado, Israel também é modernidade, se destacando no desenvolvimento tecnológico que tem muito a acrescentar a outros povos. E o Brasil, há muito já faz intercâmbio com o país nas áreas técnica, científica e tecnológica.

Com olhos e ouvidos sempre atentos, Garcia conhece cada vez melhor a realidade de ambas as suas pátrias, como considera. E não demora a identificar que pode ser um elo nessa corrente entre elas, ajudando a ambas e crescendo também.

Em 2015, Garcia havia transferido seus negócios para Marília. Embora continuasse residindo em Rancharia. Só que, naquele tempo, a Hadassa Viagens já tinha se transformado no Grupo Hadassa, com a HV em destaque, mas incorporando outras dezenas frentes de trabalho.

Entre elas a importação de tecnologias, a exportação de pescados, a comercialização de semijoias e uma produtora e importadora de artigos e material gráfico com a proposta de fortalecer e orientar a fé da população.



Variação das frentes de negócios. Empresário se reúne com israelenses

Os singelos adesivos religiosos de outrora deram lugar a um imenso estoque de produtos de cunho espiritual, pronto a servir quem os quisesse, com distribuição por todo país, o que continuou até mesmo nos anos difíceis da pandemia.

— O primeiro segredo de sucesso é amar o que você faz — fala Garcia aos amigos, lembrando sua trajetória.

O empresário é enfático. Na sequência para o triunfo, elaborada por ele, há cinco dicas práticas:

1. Descobrir o que ama;
2. Focar no que ama (trabalhar nesse ramo);
3. Projetar o que ama (estabelecer metas e planos);
4. Maximizar o que ama (investir);
5. Administrar o que ama (gerir, cuidar)

Porém, as orientações de Garcia vão muito além e estão por todo livro, do início ao fim, num grande compilado das suas

vivências e do que ele aprendeu com a cultura do povo judeu. A vida deste homem e o que ele acredita misturam suor brasileiro e ancestralidade judaica; ruas, estradas e longos voos; família de sangue e irmandade diante de Deus.

Nem ele próprio, biografado nessas páginas, sabe mais o que reproduziu dos judeus e o que já parecia com eles. A façanha é que essa identificação, desde a tenra idade, orientou seus passos por seu próprio deserto de provações e o levou para perto desse povo que admira tanto.

A saga foi longa, o solo instável e o clima pouco ameno. Mas, Garcia focou suas atenções na coragem, esperança e força. Seguiu pelo exemplo judaico e acreditou na proteção do seu “quipá”: a mão de Deus sobre sua cabeça.

E se no êxodo do Egito, os hebreus, apesar da demora e das adversidades, chegaram à Terra Prometida, Garcia acredita que cada um, judeu, cristão ou de qualquer religião, pode usar os ensinamentos bíblicos como bússola e as experiências dignas e exitosas como mapa! Dessa forma é possível encurtar distâncias e abrandar as tempestades de areia.

LIÇÃO QUE FICA

Capítulo IV

Jean Garcia dedicou toda a adolescência à sua “peregrinação no deserto” em busca da sua “Terra Prometida”. Trocou os jogos de tela ou presenciais pelos desafios da vida real. Preferiu os judeus aos super-heróis e escolheu o trabalho ao invés do comodismo ou vitimização.

Em sua saga, focou no que tinha de melhor dentro de si mesmo e potencializou essas qualidades ao se espelhar na cultura judaica.

Foi corajoso para encarar o mercado, mas humilde para sair às ruas e para aceitar ajuda. Foi simples para começar pequeno, mas foi grande, acreditando que seria capaz de crescer.

Confiando no amor de Deus, amou a si próprio e atraiu amores. Sua retidão com as pessoas, o trabalho correto e seu desejo de compartilhar de si com o próximo favoreceram sua rede de contatos, tão fundamental ao fortalecimento e desenvolvimento para o sucesso.

Antes do êxito financeiro, Jean já tinha encontrado a prosperidade! Porque o processo em que ele se tornou Garcia, foi repleto de vitórias!

Foi no caminho que ele descobriu que toda noite escura vem com um lindo amanhecer, que conheceu a mulher da sua vida, que se tornou pai, que ampliou sua família e ganhou amigos, que conquistou respeito, clientes, parceiros e aliados e que construiu, enfim, uma forma de trabalho que lhe alimentasse corpo e espírito.

A saga foi longa, mas em todo tempo, ele “usou seu quipá”: mantendo a conexão Divina para que pudesse sentir a mão do Pai sobre sua cabeça, abrindo mente e coração para receber todas as bênçãos.

‘Lefum tsára ágra’
- de acordo com o esforço é a recompensa

**Da Torá,
o livro sagrado dos judeus**

Capítulo V

Prosperidade Judaica

*“Quem reparte
fica com a melhor parte”*

Jean Patrick Garcia Baleche, o Garcia

Noite inesquecível em que as luzes de Israel pareciam comemorar com Jean Garcia. O menino pobre brasileiro, cheio de sonhos, ideais e metas, há muito tinha cedido espaço ao homem de negócios internacionais e sócio de judeus. Ainda assim, ele mantém sua essência, com igual capacidade de agradecer e se entusiasmar diante dos novos acontecimentos.

A essa altura o CEO Jean Patrick Garcia Baleche, do Grupo Empresarial Hadassa, estava habituado a reuniões com autoridades políticas e empresariais internacionais, incluindo importantes nomes judeus. Entretanto, dessa vez a vida lhe proporcionaria um encontro emblemático, uma manifestação declarada do quão distante ele havia chegado.

A camisa de alta costura e a gravata de seda foram escolhidas a dedo, em tom azul, homenageando Israel. O terno cinza chumbo, de corte impecável, conferia a sobriedade e o respeito requeridos para o encontro. E o botton de Jerusalém completava a mensagem visual que o empresário tinha a intenção de transmitir.

Alguns presentes trazidos do Brasil e a espontaneidade na fala deram a modéstia e a naturalidade indispensáveis ao Garcia. O empresário brasileiro estava diante do primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, a maior autoridade do Estado Hebraico.

— Agradeço muito por este encontro. O senhor é uma pessoa pela qual tenho uma estima enorme. Hoje estou realizando um sonho. Não dormi a noite passada aguardando para lhe conhecer — diz o empresário brasileiro em sua própria língua.

— Também estou feliz em lhe encontrar. E fico mais feliz porque, através do seu trabalho, mais brasileiros vêm a Israel, Terra da Bíblia e da Tecnologia! Assim como o guarda de Israel fez um soldado virar mil, você tem essa mesma bênção. Porque quem abençoa esta Terra será abençoado. Isso é verdadeiro. Você sabe disso — responde Netanyahu em hebraico.

O encontro aconteceu em Tel Aviv, no escritório do Likud (considerado o principal partido israelense, que congrega o centro-direita e a direita conservadora). Com o apoio do tradutor, uma reunião deu continuidade à conversa inicial, aproximando interesses em comum e favorecendo o networking e a implantação de projetos positivos para a Hadassa, mas principalmente para os dois países, Brasil e Israel.

— Com mais brasileiros vindo para cá e israelenses visitando o Brasil, a economia dos dois países crescerá! — afirma Netanyahu.

Entre os brasileiros presentes, estava o convidado de Garcia, o deputado federal por Minas Gerais, Stefano Aguiar, que se atrasou meia hora para o compromisso por motivo de força maior.

Apesar disso, Jean Garcia preferiu aguardá-lo a seguir sozinho para o esperado encontro; compartilhando a oportunidade de conhecer Benjamin Netanyahu.

— Se aquele era um momento muito especial para mim; também o era para Stefano. E acabou dando tudo certo porque Netanyahu também teve compromissos anteriores ao nosso

– conta mais tarde, naquele mesmo dia, a outros colegas que participaram desse momento.

O “Bibi”, como é chamado carinhosamente pela população israelense, pela mídia e até fora de Israel, nasceu em 1949 e é judeu. Ele ocupa o mais alto cargo do sistema político de Israel desde 2022 e foi Primeiro-Ministro do país anteriormente, de 1996 a 1999 e de 2009 a 2021, ano em que Jean Garcia o conheceu.



Encontro com Benjamin Netanyahu

II

Jean, há muito é conhecido por Garcia. E Garcia, já há alguns anos é chamado de CEO Garcia, o diretor-executivo e presidente do Grupo Hadassa, que ele fundou e desenvolveu. Mesmo antes de transferir seus negócios para Marília, o empresário já estabe-

lecia sociedades e parcerias importantes para o seu crescimento no Brasil e exterior, em especial com judeus.

A força espiritual da Terra Santa, aliada ao empreendedorismo, inteligência e tecnologia israelenses, alongaram os braços do jovem apressado para que ele alcançasse o mundo.

— Vi em minha frente um homem jovem com vontade e grandes objetivos para sua vida. Fiquei impressionado com alguns talentos especiais que percebi nele. Segundo o sábio Rei Salomão, “a vida e a morte estão na mão e no poder da língua” e Garcia se expressa de maneira fantástica.

E mais, admiro o ritmo e força que o Garcia tem para o trabalho, sem limite de horas e dias. Ele se dedica, dirige e toma decisões de vários negócios simultaneamente. Fora de série! — elogio o rabino e empresário israelense, Shalom Dajjalovski, um dos sócios de Jean Garcia.

Dajjalovski visitou e conheceu Garcia dentro da sede da Hadassa, numa ocasião em que foi a Marília. Desde então o rabino experiente e o jovem empresário encontraram temas e propósitos em comum, o que estabeleceu entre ambos uma amizade e uma sociedade.

Atualmente o CEO Garcia investe ainda mais na Hadassa Viagens, atuando em quatro dos seis continentes, levando milhares de peregrinos à Terra Santa todos os anos e se consolidando como referência no turismo religioso, sem contar a ampla cobertura de destinos nacionais.

Porém, o CEO extrapola este domínio, investindo na amplitude horizontal do Grupo Hadassa, o que abrange o comércio exterior. Como ele próprio aconselha e nunca deixa de praticar.. “não coloque todos os ovos na mesma cesta” (Warren Buffett). Lembrando que para chegar longe, o caminho muitas vezes não é uma linha reta.



Empresário com seu sócio, o judeu Shalom Dajialovski

Ele abriu algumas bases de negócios em países estratégicos para favorecer a logística do trabalho, como Emirados Árabes, Portugal e Estados Unidos. Porém seu escritório internacional, claro, fica em Israel, que ele também considera sua pátria, a quem atribui enorme gratidão pelo pão nosso, do corpo e do espírito.

Em alguns anos, Jean Garcia se tornou embaixador Amigo de Israel; condecorado Amigo de Sião; e honrado pela Comunidade Ortodoxa por relevantes serviços prestados ao país.

Garcia se reuniu em diferentes ocasiões com o prefeito de Jerusalém, Moshe Lion. E chegou a organizar uma entrevista exclusiva com ele no início de 2023, em que utilizou sua própria equipe de comunicação.

Na ocasião, o prefeito de Jerusalém disse que vê o Brasil como um país amigável a Israel, de grande importância e com um povo bem humorado.



Jean Garcia recebe benção de Rabino e se torna Embaixador Amigo de Sião

Moshe Lion destacou que a experiência de gestão de uma cidade desafiadora como Jerusalém pode contribuir com as cidades brasileiras, tanto na preservação do passado quanto no direcionamento do futuro. Isso porque Jerusalém é milenar, tem alto valor cultural, histórico e religioso, é formada por povos diversos e comporta alta tecnologia, com grandes metas de progresso.

Jean Garcia, presente na entrevista como o responsável por ela, a esta altura, já tinha estado em Israel mais de 50 vezes. E sua credibilidade e força empresarial no país logo conquistaram uma aliança entre Jerusalém e Marília, que, desde 2015, se tornou a sua cidade e a sede do Grupo Hadassa.

Foi Garcia quem intermediou as relações diplomáticas entre Marília e Jerusalém. Aproximadamente um mês depois da

entrevista com Moshe Lion, ele volta a se encontrar com o prefeito de uma das cidades mais significativas do mundo, mas, dessa vez, conduzindo representantes do Poder Legislativo de Marília.



Um dos encontros com o prefeito de Jerusalém, Moshe Lion

A partir desse encontro, em 28 de março de 2023, Marília se consolida como o primeiro município brasileiro a se beneficiar com o programa de apoio ao desenvolvimento brasileiro lançado pelo Grupo Hadassa.

Os legisladores entregaram pessoalmente a outorga do título de “Marília Cidade Amiga de Jerusalém” ao prefeito Moshe Lion, o que o CEO Garcia pretende oportunizar a outras cidades brasileiras, através do Fórum de Prefeitos do Brasil em Israel, evento que organiza para um futuro breve em parceria com seu sócio, Shalom Dajjalovski.

Esse encontro inédito de relações e negócios internacionais será uma oportunidade para gestores municipais de cidades brasileiras e suas equipes conhecerem e explorarem, in loco, expertises da capital israelense, aprendendo com Jerusalém e adquirindo tecnologias de relevância para o desenvolvimento dos seus municípios.



Autoridade em Desenvolvimento Israelense, Eyal Haimovsky (5° da esq. p dir.) com CEO Garcia, sua equipe e representantes do Legislativo de Marília

III

Empreendedorismo, dedicação, networking, planejamento, liderança e resiliência levam Jean Garcia a crescer como empresário. Porém, se a prosperidade o conduziu ao prestígio, o inverso também é verdadeiro.

Cada vez mais reconhecido por suas experiências exitosas, ele conquista mais contatos, que contribuem, por conseguinte, para mais projetos e empreendimentos.

É por isso que o bom nome e o cuidado na escolha de amigos, parceiros e equipe estão entre as orientações transmitidas no

curso Prosperidade Judaica, que Garcia oferece através do Grupo Hadassa.

— O que falam sobre você chega antes. Seu nome te precede. O povo judeu tem um entendimento profundo acerca da importância do nome como um princípio básico para abrir portas em todas as áreas da sua vida. Se seu nome for bom, de respeito, você terá o respeito das pessoas. Para tanto, é preciso ter palavra, se comprometer, trabalhar bem. Construir um bom nome leva tempo e destruí-lo pode levar só alguns segundos — orienta Garcia acerca da credibilidade.

Já quanto às amizades, equipe e rede profissional, Garcia destaca que um erro comum é a busca por quantidade, ao invés de qualidade. E alerta que pessoas desconexas com os propósitos de alguém podem comprometer todo um projeto e até desviá-lo dos seus ideais.

— Os judeus têm habilidade em formar grupos alinhados e se ajudam mutuamente, com entrosamento e sintonia. Cuidado com as pessoas que você traz para perto. Dê muita atenção ao seu networking, porque ele pode ser a abertura de grandes portas ou a sua destruição. Não troque propósito por proposta. A proposta pode ser boa, mas tem o mesmo propósito que você? — ensina.

Sua credibilidade, influência e veia política, sempre somados às ideias para empreender levam Garcia a constantes reuniões com nomes de relevância do mundo empresarial, religioso, na comunidade judaica ortodoxa e entre figuras públicas. Este homem de sucesso, forjado nos preceitos milenares judaicos, alcançou prestígio não só fora, como dentro do país. E continua estudando, agora também Economia e Administração (em andamento).



Assinatura de contrato com judeus ortodoxos

Garcia tem uma familiaridade com o sistema político, inspirado, em parte, pelo avô Hernani Garcia, comerciante que defendia o que acreditava, se relacionava com facilidade e gostava de estar entre as pessoas. Foi filiado partidário e chegou a concorrer a vereador na cidade de Tubarão (SC).



Propaganda eleitoral do avô de Jean Garcia, Hernani Garcia

Comumente Jean Garcia se relaciona com autoridades públicas no Brasil e em Israel, incluindo o Knesset (parlamento unicameral israelense), órgão legislativo do país.



Garcia com Eli Cohen, ministro das Relações Exteriores de Israel



Garcia com Yariv Levin, vice-primeiro-ministro e ministro da Justiça de Israel



Garcia com Yoav Kish, ministro da Educação de Israel



Garcia com Shlomo Karhi, ministro das Comunicações de Israel



Garcia com Yitzhak Pindus, membro do Knesset

Durante a pandemia, o CEO Garcia ficou conhecido em Marília como o Garcia do Povo, título que carrega até os dias atuais. Isso porque utilizou seu carisma e sua facilidade em se comunicar para defender as causas da população em um programa de TV local que ele batizou de ‘A Hora do Povo’.

— Foi quando estreitamos nossos laços fraternos. Vi de perto Garcia abdicar de si mesmo, e até de mais tempo com sua família, para se dedicar ao próximo. Como apresentador, ele fez surgir o Garcia do Povo. E não foi um personagem. No programa, ele deixou vir à tona toda sua autenticidade e personalidade destemida. Passei a admirá-lo cada vez mais por sua postura diante de tantas injustiças. — conta seu funcionário e amigo, Paulo Campos, que é produtor de vídeo.

Paulo respondia pelas filmagens do programa de TV e recorda que a irreverência de Garcia cativava o telespectador. Ele sempre teve o humor como uma de suas características e, apesar dos

temas tristes e preocupantes que imperavam durante a pandemia, como adoecimento, falta de estrutura hospitalar, desinteresse público, corrupção, medo, luto, perda de emprego e falência, o Garcia do Povo conseguia ser um alento em dias assombrosos. Defendia o interesse da população, mostrando empatia, mas ao mesmo tempo descontraía o telespectador.



No programa criado por ele A Hora do Povo, o empresário se torna conhecido também como Garcia do Povo

A Hora do Povo aproximou ainda mais as relações de Garcia com a cidade que ele já havia aprendido a amar. A posição estratégica de Marília para seus negócios impulsionou sua mudança. E neste município do centro-oeste paulista ele também assumiu a incumbência de construir uma nova Igreja Quadrangular.

Ocorre que, desde que Garcia passou a viajar para Marília, enquanto ainda residia em Rancharia, se afeiçoou ao lugar e às

peessoas. O cosmopolita se adapta facilmente a diferentes paragens e modos de vida. E para este empresário, que já percorreu o Mundo inteiro, o Brasil todo é sua Terra Natal, assim como Israel se tornou também a sua casa, sua Pátria.

Porém, de todas as cidades brasileiras em que já esteve, seja em viagens curtas, em temporadas ou residindo com a família, Marília o cativou de forma especial. Tanto que, após se mudar em definitivo, já trouxe para perto dele mais de 30 pessoas.

Primeiro Garcia buscou a esposa e a filha, passando a residir oficialmente em Marília no ano de 2017. Logo vieram a mãe, a irmã e, mais recentemente, um casal de tios. Sem contar todos os amigos. A maioria trabalha no Grupo Hadassa. O que justifica o slogan da empresa, amado e repetido pelo CEO: “Nenhum de nós é maior que todos nós. Juntos somos mais fortes!”.

IV

Mas tem uma pessoa que Garcia não precisou convidar para viver em Marília. O amor mais jovem do CEO é mariliense: um presente desse novo ciclo de sua vida. A caçula Lorena já estava na barriga de Cristiane quando a família estabeleceu residência na cidade.

— No final de 2017, a pastora Cristiane se despediu da comunidade da Igreja em Rancharia e seguiu para Marília. Mas já estava grávida e não sabia — recorda a amiga Ramona.

Um grande amigo que a família fez em Rancharia teve uma intuição pouco antes da mudança para Marília. Marquinho Bug sentiu que precisava ligar para o Garcia, mas não sabia nem o que diria. Orou e ligou.

— Deus falou comigo de uma forma tremenda um pouco antes dele sair de Rancharia pra ir morar em Marília. Foi tão repentino,

chorei copiosamente e fiz o que senti que tinha que fazer. Liguei. O Garcia estava na rodovia Castelo Branco, voltando de São Paulo, e intui, dizendo para que ele ficasse tranquilo que Deus o abençoaria em sua nova etapa de vida.

O fato foi marcante porque Marquinho sabia que após o aborto espontâneo da Cristiane, o médico disse que ela não engravidaria novamente.

– De fato Deus abençoou a família; que hoje tem a Lorena, um milagre muito bonito!

Quando Cristiane descobriu a gravidez, Garcia estava em Israel, exatamente no Muro das Lamentações. Seu celular tocou e a notícia que ele recebeu o deixou profundamente emocionado e grato a Deus, se pondo em oração.

– Vemos o nascimento de Lorena como um milagre! Eu tenho três princesas, a Cristiane, a Eduarda e a Lorena e vejo a família como um presente de Deus, a âncora de sustentação nos momentos mais difíceis – diz Garcia anos mais tarde, no aniversário de cinco anos da caçula, em agosto de 2023.



Garcia e esposa Cristiane com a filha caçula, Lorena, em seu aniversário

Como diz o Rabino Rav Sany, ativista judeu no Brasil, em seu livro 'JÁ PENSOU NISSO?', "o mais importante mesmo, no final das contas, é que a família sempre será o alicerce do sucesso pessoal e profissional de todo ser humano".

Lorena nasceu em 12 de agosto de 2018, com apenas cinco dias de distância do aniversário da primogênita, que a esse tempo completava 12 anos de idade.



Parto da filha caçula, Lorena

Até aquele momento Eduarda colecionava incontáveis bonecas, recebidas de Garcia durante toda sua infância. E ele manteve a tradição a cada viagem, desde a primeira ida a Israel, quando a paternidade ainda era um sonho.

Foi então que chegou Lorena, com olhinhos de boneca, cabelos de boneca e jeitinho de boneca. Porém, dessa vez, o presente entregue por seus pais, mas enviado por Deus, era uma irmã!



Família de Garcia

Eduarda foi crescendo e passando sua coleção de Barbies e similares para a Lorena, que também ganha suas próprias bonecas do pai.

— Nosso pai me trouxe bonecas até os meus 14 anos de idade, desde que eu era pequenininha e ele ainda não tinha boas condições financeiras. E continuou fazendo isso pela minha irmã. Uma boneca diferente de cada lugar em que ele já esteve — diz Eduarda, já com 17 anos.

O que foi um símbolo de esperança para Garcia, quando comprou a primeira boneca em sua primeira ida a Israel para a filha que ainda teria, se transformou num símbolo do seu amor paterno. A maneira que ele encontrou de demonstrar às filhas que elas continuavam em seu pensamento, onde quer que estivesse.



Eduarda no início de sua coleção de bonecas dadas pelo pai

– Nosso pai é minha referência! Quero um marido igualzinho meu pai quando eu casar. Ele é meu primeiro amor né. Quando eu era bem pequena tinha mania de dizer “peteteito de amor” e beijava muito meu pai – relembra Eduarda.



Jean Garcia com suas duas filhas

Mas a identificação do pai como um modelo de homem tem também grande influência no que Eduarda testemunha — o jeito que ele trata minha mãe é como eu quero ser tratada no futuro!



Jean Garcia e sua esposa Cristiane Granemann Garcia

Garcia já participou de diversos eventos tradicionais judaicos e sabe que o valor que atribui à família é outro ponto de identificação com o povo judeu.

— A família é seu maior bem. Nenhum sucesso justifica o fracasso no lar. Valorize a sua família e o seu tempo de qualidade com ela. A riqueza deve estar em todas as áreas e a família é a base de tudo. O judeu atribui a honra primeiro a Deus e, na sequência, a sua família. Lembre-se: Prosperidade é ausência de necessidade. Você não será próspero se tiver sucesso e dinheiro no trabalho e a alegria do seu lar tiver sido consumida. O sucesso do judeu é sólido porque é verdadeiro; e é verdadeiro porque é integral, em todos os setores da vida — evidencia o CEO em seu curso sobre Prosperidade Judaica.



Família em férias no Oriente Médio

A prioridade de Garcia, em comum com a dos judeus, é confirmada por seu amigo e sócio, o rabino Shalom Dajjalovski — Mesmo diante de muitos negócios que administra, entre viagens, reuniões e compromissos, dá para perceber a enorme dedicação e amor que ele dá à união da família. Penso que a família que dá a ele essa força no trabalho para alcançar seus objetivos.



Garcia com sua mãe e a filha caçula

V

Jean Garcia valoriza tanto a união e os valores familiares que sua própria empresa, embora crescendo bastante, conservou o perfil de empresa familiar. E, hoje, é uma grande família.

Como tal, existem os momentos de divergências e repreensões, mas também de descontração, ensinamentos, aconselhamentos, atenção e ajuda. A conduta do CEO, nesse quesito, também se baseia na cultura judaica, que não vê a repreensão como um gesto de desamor, ao contrário.

– Os judeus são aptos à repreensão, a vendo como positiva para o seu crescimento. Talvez por terem sofrido muito tenham se tornado mais resilientes. O fato é que quando alguém nos corrige, pode ser uma oportunidade importante de aperfeiçoamento.

Todo aquele que quer ser excelente, precisa ser moldado. E o judeu entende a repreensão como um processo que trará benefícios. Até a maldade alheia pode ser aproveitada para que se desenvolva algo novo, num despertar para o movimento. A própria Bíblia é um livro de repreensão e se a Bíblia é um manual de vida, valorize a repreensão – aconselha Jean Garcia em seu curso Prosperidade Judaica.

E quando acontece alguma repreensão por parte do CEO, como líder de uma grande equipe, não há ressentimentos. Ao contrário, Garcia é protetor, paternal, e é muito comum que uma bronca venha seguida, um tempinho depois, de orientação, brincadeiras e apoio.

– O Jean, conhecido como Garcia, é convicto de suas ideologias, extremamente inteligente, possui argumentos fortes e um grande coração. É um cara zeloso e cuidador, que protege quem é do time dele. Ele gosta de ajudar as pessoas e tem sempre muita gente à sua volta – descreve o irmão de Garcia.

Se generosidade e inteligência o definem, o empresário sabe escolher quem ter por perto para crescer com ele e merecer sua confiança. Se antes foi fundamental fazer bons contatos para subir; agora, é igualmente importante manter bons relacionamentos e uma equipe forte para não cair.

Com muita sagacidade e alguma desconfiança, ele tem métodos próprios para selecionar quem caminha ao seu lado. Para o empresário, com base em princípios judeus sobre relacionamentos, caráter vale mais do que currículo e comportamento, mais do que capacidade técnica.



Família Hadassa

E o “time dele” (como descreve seu irmão) entende logo que agora tem um líder com quem contar. Alguém que não se acomoda e não deixa acomodar. Que impulsiona, motiva, comanda e, o principal, ensina que é fundamental confiar em si mesmo e na própria capacidade.

Muito parecido com o que Garcia fazia com a própria filha quando a ensinou a nadar no mar. Como todos os novos desafios da vida, o mar parece assustador a princípio; mas, tomando os devidos cuidados, sob a proteção do pai, Eduarda aprendeu a

confiar em si mesma. Cada profissional da equipe de Garcia também aprende que, se quiser, pode transpor as ondas e nadar mais longe!

— Se você optar por escolher companhias que agreguem ao seu futuro, estará cercado de mentores, fazendo o que os judeus fazem. Eles buscam mentores para aprender e atingir o seu melhor. Faça do seu trabalho sua faculdade! Extraia as coisas boas que te passarem. E aprendendo e se aperfeiçoando, faça as pessoas que estão ao seu redor crescerem; contribua com um mundo melhor! — ensina o CEO Garcia aos seus funcionários e também em seu curso, Prosperidade Judaica.

Contribuir com um mundo melhor é um dos valores judaicos, assim como o é para cristãos. Jean Patrick Garcia, sendo um cristão admirador do Judaísmo segue essa premissa com seriedade. É por isso que um de seus bordões é “Quem reparte, fica com a melhor parte”. A frase tem rima e humor, mas o significado é real porque anuncia que a prosperidade só é verdadeira quando se contribui para a prosperidade alheia.

É assim que o homem cumpre a função de cocriador de Deus, contribuindo com a criação Divina. Como foi mencionado no primeiro capítulo deste livro, “criando seu próprio mundo, sua própria história com base em esforço, trabalho, coragem, sem nunca se afastar dos valores espirituais”.

Em sua primeira ida a Israel, Garcia pediu, no Mar da Galileia, que a multiplicação (dos peixes) ocorrida nesse grande lago, acontecesse em sua vida também. E, desde então, ele vem compartilhando o que recebe.

Enquanto menino Jean, ele já colocava a atenção no outro em prática, ajudando a cuidar dos irmãos, ajudando em casa e comprando mimos e presentes para os familiares e pessoas próximas. E o sucesso possibilitou que ele expandisse essa premissa cristã e judia de compartilhar (amor ao próximo).



Empresário acompanha caravana da Hadassa. Mar da Galileia, Israel

Para os judeus, quando não se compartilha se emite a mensagem de escassez, de que é preciso guardar para si porque não tem para todos, uma negação de um princípio básico da fé judaica: Que Deus é infinito e que, portanto, a bondade, a misericórdia e a provisão Dele também são. E que, se os homens são cocriadores, também podem gerar abundância.

O judeu faz ações sociais, contribui com quem pode e não teme a concorrência. Como ensina Garcia em seu curso Prosperidade Judaica, ele aprende com ela, busca mentores que já sabem o que quer aprender. E quando se desenvolve, também compartilha o que sabe, ajuda os colegas de trabalho, indica o serviço de terceiros. A cultura judaica é de compartilhamento, seja de dinheiro, tempo, atenção ou conhecimento, informação.

– Como eu sempre digo, prosperidade é não haver falta. E nesse pensamento de abundância, o judeu não trava o sucesso de outra pessoa, nem teme compartilhar o que recebeu de Deus – continua Garcia em seu curso Prosperidade Judaica, uma das maneiras que ele tem de compartilhar o que sabe.

Jean Garcia promove cursos, aconselha amigos, familiares e funcionários, se disponibilizou a compartilhar sua história neste livro e, além de apoio emocional e orientação, oferece suas orações, sua torcida sincera e sua ajuda prática e até financeira a muitos à sua volta.

Jesus Cristo ensinou a amar ao próximo como a si mesmo e, da mesma forma, a Torá, dos judeus, especifica “Veahavta lereacha camocha” que se traduz como “Ame o próximo como a ti mesmo”. E “Assê Tov!”, que significa “Faça o bem!”

A equipe de trabalho de Garcia é testemunha da atitude dele com as pessoas que o cercam ou que cruzam o seu caminho. E também, muitas vezes, é beneficiada por essa mesma atitude.

Garcia chega em um restaurante para jantar depois de um dia inteiro de muito trabalho. O diretor da Hadassa, “braço direito” do CEO, Ricardo Magro, o acompanha.

Eles se alimentam e conversam distraidamente quando um menino de aproximadamente 12 anos de idade se aproxima vendendo docinhos de festa.

– Cada potinho com quatro unidades custa R\$ 10,00, senhor – diz o menino ao Garcia, que estimula uma conversa com o juvenzinho.

– Percebi que Garcia o ficou observando. O garoto era bem desenvolvido e notei que ele mexeu com Garcia, talvez remetendo à própria infância – contou Ricardo Magro mais tarde, a outro amigo próximo do CEO.

Então, Garcia começa a contar os potinhos e vai pegando um a um. O menino fica espantado. São 25 potinhos que ele ainda tinha para tentar vender naquela noite. O empresário fica com todos.

– Ricardo, leva pro carro pra mim e faz um pix para ele.

– Quando eu saí da mesa para seguir a orientação do Garcia, ouvi o menino comentando que em dois dias seria o aniversário

dele e que estava preocupado se conseguiria juntar o necessário para uma pequena festinha. Não foi a primeira vez, e nem será a última vez, que vejo Garcia proceder assim. Ele vê sua própria história e ajuda.

Quem olha para o Garcia à primeira vista pode achar mil coisas a seu respeito, mas nunca poderá imaginar o tamanho do coração e da generosidade dele. Caminhar ao seu lado é uma honra e uma alegria. Ele sabe o que é fidelidade aos propósitos. Se preocupa com as pessoas que estão ao seu redor e sempre diz que a benção está com quem compartilha! E ele compartilha – continua Ricardo, em seu relato.

Numa ocasião anterior, numa viagem de trabalho, em Goiânia, o produtor de vídeo do Grupo Hadassa começou a filmar quando Garcia resolveu comprar o estoque todo de guloseimas de uma menina, com aproximadamente dez anos de idade, que fazia suas vendas na porta de um restaurante.

Garcia pediu que ele não registrasse o fato e explicou ao funcionário:

– Não quero explorar a imagem das pessoas. Ao contrário. Já fui criança e já fui vendedor ambulante. Quando eu vejo uma criança trabalhando sinto compaixão. E me enxergo nela. E, em qualquer idade, para quem trabalha nas ruas, não tem satisfação maior que terminar toda sua venda e poder voltar para casa.

Garcia tem um rancho na pequena cidade de Sabino, próximo a Marília, onde está a sede do Grupo Hadassa. Esse rancho é um refúgio das suas atribulações, onde reúne familiares e amigos ou simplesmente descansa, às margens do Rio Tietê.

Numa ocasião recente, alguns funcionários e também amigos do empresário estavam se confraternizando na propriedade, quando Garcia ouviu de um deles que o vendedor Fábio Alves pagava Uber diariamente para chegar ao trabalho.

Dias depois, ele perguntou se Fábio tinha habilitação e o surpreendeu com as chaves e o capacete de uma moto, que outro funcionário estava vendendo. Garcia comprou a moto e deu de presente ao vendedor por gostar do seu trabalho e identificar o seu esforço. Ele quis motivá-lo.

— O CEO Garcia disse que a moto é minha. Eu nem acreditei. Chorei, agradeci. Foi muito emocionante!

Num tempo mais atrás, Garcia, já próspero, passou a custear o aluguel do amigo Joaz de Souza, quando vivia em Barretos, em um período difícil da sua vida. E ainda mais marcante foi a ajuda emocional que Jean Garcia deu ao mesmo amigo, num tempo bem próximo, quando sua mãe faleceu.

— Mesmo ele estando do outro lado do mundo, de férias com sua esposa, ele foi tão generoso e preocupado. Fez muito além do que eu esperava e marcou minha história positivamente naquele momento de luto em que meu sofrimento era imenso. Nós, que estamos ao seu lado, presenciamos esse tipo de fato e muitos outros, rotineiramente — relembra Joaz.

Se Jean Patrick Garcia Baleche é grato a Deus, a Israel, à família e a todos que cruzaram seu caminho; da mesma forma ele inspira gratidão nos que o cercam por diversas formas diferentes.

— Tudo que Garcia já fez por mim é como se fosse de pai para filho. Sou e sempre serei grato a ele, pois com ele minha vida mudou completamente em todas as áreas — disse um dos amigos mais próximos de Garcia, Elison Oliveira, que vivia em Rancharia e se tornou agente especializado em Turismo Religioso do Grupo Hadassa, passando a viver em Marília a partir de 2017.

Assim como Garcia acredita na prosperidade de maneira integral, como ausência de necessidade, sua atenção ao próximo também se revela em todas as áreas. Sua condição o possibilita uma ajuda financeira mais robusta, mas Garcia também é apoio, presença, preocupação e oração.

Se Joaz ilustra a personalidade de Garcia através da atenção que dedicou o amigo durante o luto da mãe, Laio Rodrigues, gerente financeiro do Grupo Hadassa, também tem uma história emocionante para contar.

— Foi em 2021. Eu e Paloma (também funcionária da Hadassa) estávamos trabalhando e, por conta de uma reforma em casa, nosso filho mais velho, na época com 10 anos de idade, caiu do forro da casa. Foi grave e ele precisou de uma cirurgia de crânio. Assim que soube do acidente, Garcia ficou em vigília na frente ao hospital, orando. E só saiu de lá depois que nosso filho saiu da operação e foi encaminhado para observação na UTI.

O empresário ainda ofereceu ajuda prática e financeira, o que aconteceu outras vezes, marcando a vida familiar de Laio e Paloma.

— Eu tinha um carro de 2012, faltando uma parcela do financiamento. Ele assumiu essa parcela, ficou com o carro e, em troca, me entregou outro veículo de valor comercial muito maior. E ele me ajudou também com seu empreendedorismo e inteligência e, graças a uma ideia dele, consegui comprar nossa casa.

Jean Garcia, mesmo sendo o CEO e presidente do Grupo Hadassa, acompanha muitas de suas caravanas pessoalmente, conferindo de perto a qualidade dos serviços prestados e aproveitando para contribuir com as mensagens e informações quando estão em Israel.

Numa dessas viagens, em 2023, o supervisor de Vendas, Valdelino Moreira Filho (apelidado de Nene), acompanhou Garcia e ficou atônito com o que presenciou.

— Um cliente perdeu uma bolsinha contendo mil e oitocentos dólares. Ao desabafar conosco, Garcia se comoveu com a situação e deu os mesmos mil e oitocentos dólares para este cliente. A pessoa perdeu o dinheiro. Seria um problema dele, mas o próprio CEO da empresa resolveu. Fiquei chocado com o nível de empatia

do Garcia e talvez esse seja um dos motivos por ele prosperar tanto.

Thiago Garcia também tem uma história de viagem, através da qual conheceu o CEO Garcia e passou de cliente a amigo e parceiro de trabalho. Ele viajaria com o grupo para a Terra Santa através de outra empresa, mas a empresa cancelou a viagem apenas dois dias antes da data e Thiago tinha compromissos importantes em Israel.

Na procura por outra agência, em cima da hora, ele recebeu a indicação da Hadassa Viagens, que o atendeu da melhor forma possível.

— O Garcia fez de tudo para que nossa viagem, minha e da minha esposa, fosse perfeita e marcou a nossa história. Como ele estava em Israel na ocasião, o conheci pessoalmente e nossas conversas resultaram em um vínculo de amizade e, logo depois, em parceria.

Em uma das reuniões com os supervisores de Vendas da Hadassa, o chefe e amigo Garcia deixou uma reflexão aos participantes que marcou Danilo Oliveira:

— Garcia disse que a maior alegria do ser humano é se alegrar com a alegria dos outros e que só vence quem compartilha! Eu poderia pagar qualquer mentoria do mundo e não teria o que tenho com o Garcia.

O casal de colaboradores diretos de Jean Garcia e de sua família, além de amigos, José Luiz dos Santos, e Maria Angélica Villas Boas Santos já receberam ajuda numa fase difícil da vida em que tinham um financiamento alto a pagar pela casa.

— Ele assumiu o financiamento e comprou minha casa, valorizando meu imóvel. Abri nossa situação para ele, que resolveu um problema que nos consumia há seis meses. E são muitas histórias. Garcia tem metade da minha idade e tem sido um pai pra mim — elogiou José Luiz recentemente numa conversa com pessoas próximas ao CEO.

Os comentários sobre a característica protetora e paternal de Garcia se repetem entre as pessoas próximas a ele. Quando da imersão que a Hadassa ofereceu a quatro comunicadores de Marília, em novembro de 2022, entre eles estava o escritor e jornalista Ramon Barbosa Franco. Ramon revela que não só presenciou a generosidade de Garcia, como também recebeu um presente inesperado.

Na primeira passagem pelo grupo em Jericó, a cidade mais antiga do mundo, na Palestina, com 11 mil anos de história, o jornalista procurou uma tenda que comercializava bagagens, malas e bolsas.

– Fiquei olhando uma mochila de couro de camelo, na cor preta, e acabei não comprando-a. Era um valor razoável, mas naquele momento, no início da imersão, achei prudente não adquiri-la. Ainda iríamos para o Egito, Dubai, Abu-Dhabi e depois retornaríamos a Israel, então pensei em poupar – relembra.

A imersão seguiu e, ao se aproximar do final, Garcia, em particular, procurou o jornalista.

– Ele me chamou à mesa que estava, no hotel em Jerusalém e começou a conversar comigo sobre os próximos passos da viagem. Em breve voltaríamos a Jericó e, depois, embarcaríamos de volta ao Brasil. Neste momento, Garcia disse: Ramon, eu vi que você gostou de uma mochila lá em Jericó. Talvez você não tenha comprado por questão de economia, mas eu posso lhe dar de presente, um presente de coração. Por favor, aceite: chegando em Jericó converse com o vendedor daquela loja, diga que ficará com a mochila e depois eu acerto com ele – conta Ramon – Ele emocionou porque reconheceu uma vontade que tive e não havia concretizado.

– A visão que tenho dele é um paizão. Quando a gente não tá legal, ele percebe, conversa, tenta ajudar. Por isso que os vínculos dele com os colaboradores acabam extrapolando a relação patrão

e profissional — descreve Leandro Gabriel Brenag, apelidado de Alemão, motorista e amigo do Garcia.

— Eu amo o Garcia demais, ele é como um pai pra mim, fez coisas pra mim tem pai que nunca fez. Já pisei na bola com ele e, mesmo assim, ele sempre tentou me aconselhar, corrigir, dar suporte para eu mudar. Ele é um cara incrível — confia o designer gráfico Ryan Machado, da Hadassa.

O irmão Jonatha não se surpreende quando ouve as histórias de generosidade de Garcia. Ele recorda que, além de ajudar em casa, o irmão mais velho sempre procurou criar oportunidades para ele e a irmã gêmea, Geana.

— Mesmo quando ainda não tinha dinheiro sobrando, ele ajudava no que podia para que a gente prosperasse. Até recentemente ele me ajudou em um novo projeto na minha carreira. Nunca faltou apoio familiar e financeiro para nós da parte dele.

Recordando o compromisso que Jean Patrick Garcia Baleche assumiu quando esteve em Israel pela primeira vez, mencionado no segundo capítulo deste livro: Ser um dos homens que mais levaria pessoas à Terra Santa; ele não só abriu uma empresa com esse objetivo, flexibilizando ao máximo os roteiros e pagamentos para tornar o sonho mais acessível; como já pagou a viagem a muitos amigos, familiares e colaboradores.

E numa escala maior, além da ajuda direta que oferece às pessoas, o CEO Garcia se envolve em patrocínios e projetos sociais no Brasil e na Terra Santa. Como exemplo, a captação de cabelo natural entre brasileiras empáticas para reduzir o custo de perucas em Israel.

As judias casadas cobrem os cabelos naturais ao sair de casa como uma espécie de limite social, guardando a intimidade para o esposo e família. Só que o alto valor religioso dessas perucas inflacionou o mercado internacional de cabelos naturais.

A lei de oferta e procura sobrepôs o lucro à ética, entristecendo mulheres determinadas, que passam a vida com lenços, mas não ignoram seu código religioso de discrição e privacidade.

Por isso, o Grupo Hadassa, através de sócios e parceiros judeus, se envolveu no tema e contribuiu com uma campanha no Brasil que resultasse no envio dos cabelos a Israel. E metade das doações obtidas fica no país para a causa do câncer, sendo voltada à confecção de perucas naturais para pacientes em que o tratamento resultou em queda capilar.

VI

O Grupo Hadassa atua por todo Brasil e no Exterior, diretamente ou através dos milhares de parceiros e franqueados, possui bases de negócios internacionais, mas tem sede estabelecida em Marília, Interior de São Paulo, desde 2015.

Sede esta que mudou de endereço três vezes para que pudesse comportar a expansão das suas atividades profissionais. Sendo que Garcia sempre fez questão de identificar seu amor e devoção a Israel e ao Deus de Israel na pintura e decoração.

Como, por exemplo, pregando a mezuzá nas portas, que é um símbolo judaico: um pequeno estojo de metal, madeira ou vidro contendo uma oração.

A última reinauguração do grupo Hadassa ocorreu em março de 2023, com a mudança da sede para uma construção vertical de cinco pavimentos no centro da cidade, além do imóvel ao lado e de uma loja central, onde funciona a venda direta ao público da marca Morena Loira.

A Morena Loira é a empresa de semijoias com banho próprio em ouro e prata, que integra o grupo, pertencendo a esposa de

Garcia, Cristiane Granemann Thibes Baleche, que também é vice-presidente da Hadassa.

O crescimento do grupo empresarial, criado por Jean Garcia, tem sido contínuo desde a sua implantação, sob a liderança e olhos ávidos do empresário.

E a escolha por Marília para ser a cidade brasileira base de seus negócios resultou em reconhecimento público e oficial, antes mesmo da última grande expansão de 2023.



Sede do Grupo Hadassa, em Marília-SP

O homem de sucesso que leva e eleva o nome de Marília pelo Brasil e no exterior, gera dezenas de postos de trabalho (fora os profissionais que mantém em outros municípios) e tornou a cidade sede de negócios internacionais com Israel, teve seu nome em pauta na Câmara Municipal.

O Poder Legislativo decidiu, por unanimidade, torná-lo Cidadão Mariliense. Em 11 de outubro de 2022 (antes do tratado de Cidade Amiga de Jerusalém que seria assinado no ano seguinte, mas já estava em andamento), os vereadores entregaram o título ao Jean Patrick Garcia Baleche. A comenda é concedida a personalidades que honram a cidade de Marília.

Ele realizou uma grande festa em comemoração a esse reconhecimento e aos seus 35 anos, completos em 12 de outubro de 2022. Antes disso, outros títulos e premiações já tinham sido concedidos fora e no Brasil, mas Jean Garcia, que amou e escolheu Marília, ficou profundamente emocionado em ter se tornado cidadão mariliense!



Jean Garcia recebe título de cidadão mariliense

— Aqui nesta cidade estabeleci os meus sonhos e aonde eu for, por onde for, defenderei Marília! — é um dos trechos do discurso de Garcia, na solenidade de entrada do título, na Câmara Municipal.

Nesse mesmo ano de 2022, em novembro, a Hadassa promoveu a imersão de um mês para comunicadores de Marília (jornalistas, digital influencer e editor de imagens) tanto em Israel quanto no Egito e em Dubai.

O chamado Projeto Jubileu, criado por Jean Garcia, promoveu uma viagem à distância para a população da cidade como forma de comemorar as 50 visitas do CEO à Terra Santa.

Utilizando mídia e redes sociais, a equipe narra o que via, o que sentia e o que experienciava em todos os locais visitados, assim como transmitia as vivências e sentimentos dos peregrinos da Hadassa e do próprio CEO.

Suas viagens continuaram na mesma intensidade e somente em Israel a soma de visitas já passa de 60. Se é que pode se chamar de visita a ida para casa, já que a Terra Santa também é Pátria e casa para Jean Garcia.

E enquanto cresce a influência e os negócios de Jean Garcia em Marília e no exterior, especialmente em Israel, no Brasil, ele é reconhecido como empresário e mais, como parceiro de Israel. Assim se referiu a ele o líder e ativista nacional pelos valores milenares judaicos, o Rabino Rav Sany, quando visitou o Grupo Hadassa em maio de 2023.

— O Garcia é um parceiro do Estado de Israel no Brasil, em uma cidade como Marília, onde não existe comunidade judaica, mas existe uma célula de Israel muito bem estruturada, com várias frentes de atuação, através do Grupo Hadassa. Este CEO é o capitão do trem que está conectando uma das nações mais prósperas do mundo, Israel, ao Brasil — diz o ativista judeu, agraciado em todo território brasileiro, durante uma coletiva de imprensa na Hadassa.

O Rabino Rav Sany veio a Marília especialmente a convite do CEO do Grupo Hadassa e, a partir dessa visita ilustre, Jean Patrick Garcia Baleche passa a fazer parte do Rav Sany Networking Prime Club, que atua para ressignificar as relações de CEOs, mantendo sua vida e seus negócios alicerçados na fé, no bem comum e em todos os valores judaicos.

A parceria entre Garcia e Rav Sany oficializa a Hadassa Viagens como agência legitimada pelo rabino para as viagens relacionadas à comunidade judaica. E Marília também ganha com o protagonismo de Garcia, estando na mira de tratativas para conquistas de

tecnologias israelenses. É o que o Rav Sany chama de tecnologia com propósito (voltada ao bem comum).

– Ao se tornar nosso parceira, a Hadassa Viagens (que integra o Grupo Hadassa) passa a ser divulgada, legitimada e escolhida pelo Grupo Rav Sany, Clube Rav Sany Networking Prime Club, que leva empresários e CEOs para Israel todos os anos, com a curadoria da Câmara de Comércio e Indústria Brasil Israel – frisou o empresário, Rabino e ativista judeu.



Rav Sany visita Jean Garcia no Grupo Hadassa

VII

Entre os santos católicos, há um que sofreu exatamente o que sofreu os judeus perseguidos pelos nazistas durante a II Guerra Mundial. Rajmundo Kolbe nasceu na Polônia antes da chegada do Século XX e tinha menos de 50 anos quando, no campo de concentração de Auschwitz, na mesma Polônia natal, decidiu trocar de lugar com um pai de família para morrer de fome. Maximiliano

Maria Kolbe livrou da morte um homem que só encontraria seu fim na Terra mais de 50 anos depois daquele fatídico dia, num dos piores lugares já concebidos pela crueldade do homem.

Este padre católico morreu de fome, uma das piores formas para matar judeu no genocídio do obscuro Adolf Hitler. Auschwitz, considerado o maior campo de extermínio de judeus do regime nazista, foi libertado pelo Exército Vermelho em 27 de janeiro de 1945. Composto pelas tropas soviéticas, os militares russos marcharam no rastro dos insanos nazistas, refazendo as mesmas picadas da cruzada dos alemães pela Europa rumo à Ásia.

O Exército Vermelho, força bélica que erradicou o nazismo na Europa, não foi a única que se levantou contra o genocídio do povo judeu. O Brasil combateu o extremismo na Itália, de Benito Mussolini. Dois diplomatas brasileiros foram reconhecidos como “Justos entre as Nações” e seus nomes estão no Yad Vashem, o Museu do Holocausto em Jerusalém: Aracy de Carvalho (1908-2011), esposa do escritor brasileiro João Guimarães Rosa, e o chanceler Luiz Martins de Souza Dantas (1876-1954).

— O céu ficou cinzento, uma tempestade intensa de neve caía. E nós ficamos esperando no frio, e um vento cortante por cinco horas em pé. Sem alimento, sem água, sem nada — recorda o romeno Joshua Strul. Jean Garcia está sentado numa das cadeiras do parlamento paulistano, no plenário Primeiro de Maio, na capital do estado mais desenvolvido de toda a Nação do Cruzeiro do Sul. Ali, ele lembra que foi no banco da escola que ouviu falar sobre o holocausto dos judeus. Strul é um sobrevivente do holocausto, assim como Francizek Gajowniczek, o pai de família salvo pelo santo católico e jornalista Max Kolbe.

Da mesma forma como Kolbe, Garcia tem relações com a comunicação social e naquela manhã de 8 de maio de 2023, na Câmara Municipal de São Paulo, ao lado de personalidades políticas e grandes nomes da comunidade judaica do Estado de São Paulo,

é um dos homenageados pelo 75º aniversário da declaração de independência do Estado de Israel.

A sessão solene foi de autoria vereadora Edir Sales, radialista, que está em seu 4º mandato de vereadora e por duas vezes esteve na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo como deputada estadual. No plenário Primeiro de Maio encontram-se personalidades, a exemplo do vice-governador de São Paulo, Felício Ramuth, prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes, cônsul geral de Israel no Estado de São Paulo, Rafael Edrech, presidente da Confederação Israelita do Brasil (Conib), Cláudio Lottenberg, e o presidente do Instituto Rav Sany e diretor do Centro Judaico para Jovens Olami Faria Lima, Rav Sany (que dias depois desta homenagem, fez a visita a Garcia na sede do seu grupo empresarial).

Garcia levanta da cadeira e caminha até o centro do plenário para receber a homenagem concedida na solenidade que marcou os 75 anos do Estado de Israel e os 90 anos da Associação Paulista de Imprensa, a API. Coincidentemente, o CEO tem relações com as duas comemorações: esteve por mais de 60 vezes na Terra de Israel e comandou o programa A Hora do Povo, por uma emissora regional, um jornalístico diário com muita informação.

— Ao longo de séculos de perseguições, nós podemos ter um lar, um país — afirmou o vice-governador Felício Ramuth.

Resiliência, solidariedade e tecnologia estas são as contribuições de Israel para o Brasil. Strul não chegou a ser levado a um campo de concentração, mas sofreu toda a agonia por cinco horas à espera de um embarque para um campo de concentração no ano de 1942. Por dois anos viveu no gueto em Baciú, na Romênia, onde jamais esqueceu o sofrimento dos pais e da família. Ele tinha somente nove anos de idade. Só não esteve num campo de concentração por intervenção Divina, como considera.

VIII

Jean Patrick Garcia Baleche. O homem consagrado por relevantes autoridades judaicas; com trânsito e influência em Israel; que conquistou personalidades brasileiras e judeus ortodoxos; que merece o amor das pessoas à sua volta, assim como a confiança de colaboradores, parceiros, franqueados e incontáveis clientes, ainda tem toda simplicidade do menino Jean dentro de si.

— Eu gosto de criar novas ideias. Ando sempre com um monte de cadernos dentro da bolsa e procuro materializar tudo o que escrevo. Acredito que tudo aquilo que o homem determina, tem o poder de construir. Por isso, em minhas pastas, tenho sempre cinco anos à frente de realizações — diz Garcia, entre seus papéis, enquanto conversa com colaboradores amigos em sua sala, na sede da Hadassa.

A sala de Garcia, entre os brasileiros que mais esteve em Israel, tem incontáveis objetos que ele traz do exterior, em especial da Terra Santa. Os diferentes significados, a maioria com sentido espiritual e bíblico, alimentam seus ideais.

— Já comprei e vendi muita coisa na vida; mas nunca adquiri novos valores e nunca vendi minha essência!

Como menciona o Rabino Rav Sany em seu livro ‘JÁ PENSOU NISSO?’ : “Não deixe que outras pessoas influenciem as suas decisões. Seja você mesmo, autêntico... Assim alcançará o sucesso!”. O livro é de 2020, quando Jean Garcia já era Garcia e já tinha se transformado no CEO Garcia. Porém, intuitivamente, e com base nos preceitos bíblicos e judaicos, esse homem de sucesso fez o que recomenda Rav Sany: escolheu a autenticidade como uma das suas ferramentas para a prosperidade e se manteve fiel aos seus valores, sempre.

– Não me iludo com posições, sou um batalhador. Tenho sonhos e empreendo. Não me acomodo, durmo pouco e acredito que todo dia Deus entrega uma caneta para cada ser humano escrever uma nova história. Por isso, devemos apagar a tristeza de ontem recomeçar o trabalho – continua o CEO Garcia.



O empresário anota todas as suas metas e planos, utilizando papel e caneta em projeções

IX

Em meio a tanto trabalho e dedicação, compromissos, responsabilidades e metas que o próprio CEO define, Jean Garcia, sempre volta a “beber” na fonte de sua fé.

Entre reuniões e trabalhos agendados em Israel, ele jamais esquece que está na Terra Santa. E acompanhando suas caravanas, tem importantes pausas de decompressão, oração e reflexão, multiplicando o que aprende com seus peregrinos.

“Quando Jesus e seus discípulos chegaram a Cafarnaum, os coletores do imposto de duas dracmas vieram a Pedro e pergun-

taram: ‘O mestre de vocês não paga o imposto do templo?’. ‘Sim, paga’, respondeu ele. Quando Pedro entrou na casa, Jesus foi o primeiro a falar...” - Mateus, 17, 24

Pelas estradas que margeiam o Mar da Galileia, o guia aponta para uma gruta no alto do monte.

– Lá, aquela pequena caverna era muito utilizada por Jesus, era ali que ele ficava quando se retirava do convívio social e precisava de um momento só para ele, ou para conversar com o pai.

Nas passagens dos Evangelhos é muito comum notar que antes de um grande acontecimento, de um grande feito, Jesus passava um tempo sozinho e, muitas vezes, nesta gruta apresentada pelo guia à excursão.

Garcia desce do ônibus, respira a brisa que vem do Mar da Galileia, o mesmo mar que marcou o início da jornada de Cristo, e afirma aos seus interlocutores mais próximos:

– Vamos a Cafarnaum, a cidade de Jesus, e notem: aqui não há contestação histórica, ou seja, a arqueologia comprova exatamente tudo que está nos textos bíblicos e nos Evangelhos.

A casa onde Jesus e Pedro têm o diálogo sobre o tributo do templo está lá. Preservada de dupla forma: primeiro através de uma estrutura octogonal deixada pelos templários no entorno das ruínas da residência da sogra de Pedro, que servia de base e moradia para o Filho de Deus; segundo através da igreja católica construída em cima das paredes. Há um vão entre as ruínas e a igreja e de dentro do templo é possível olhar para a estrutura arcaica por intermédio de um assoalho de vidro.

Estando em Cafarnaum, é chegado o momento de reflexão com a caravana, no espaço aberto e arborizado onde existem bancos de cimento em formato circular para uso de turistas, louvores e orações.

Novamente, como já fez tantas vezes com a mesma dedicação, Garcia está em meio a um grupo de pessoas e mostra a mão direita exemplificando a prosperidade.

– Cada um dos cinco dedos, todos diferentes entre si, podem representar cinco estratégias fundamentais para a prosperidade, segundo os judeus – diz ele.

Garcia compartilha os ensinamentos que estão nos dedos da mão. Isso porque agora ele não está relembrando o momento, como no início do livro. E, sim, revivendo. Então ele prossegue:

– O dedo polegar é o único que se relaciona com todos os dedos da mão, é o dedo do relacionamento. É preciso aprender a se relacionar com todo tipo de pessoa.

O dedo indicador serve para definir a direção. Para indicar o caminho. Segundo os judeus, toda pessoa que tem um propósito de vida tem uma direção. O dedo médio é o mais longo, representando o talento que diferencia uns dos outros. O dedo anelar é o dedo da aliança, da lealdade. E aprendi com o povo judeu que a lealdade abre portas.

E o dedo mínimo ou mindinho, que limpa os ouvidos, serve para que o ser humano aprenda a limpar o que escuta e ouvir melhor o que importa. Então, recapitulando, os cinco segredos que os judeus carregam em suas mãos são: relacionamento, direção, talento, lealdade e saber limpar os ouvidos.

De volta ao Brasil, as mentorias do CEO Garcia incluem outras cinco características que ele identifica no povo judeu como exemplos para uma vida próspera. Em suas palavras, são elas:

1. Princípio: Não muda conforme o tempo ou a situação. Os judeus podem estar em qualquer lugar do mundo, de uma câmara de gás à bolsa de valores, mas não negociam seus princípios.

2. História: O povo judeu valoriza sua história, porque sabe que tudo que viveu o engrandeceu e amadureceu, o tornando mais forte, resiliente e preparado.

3. Deus: Os judeus seguem à risca a norma de não falar o nome de Deus em vão e têm um compromisso admirável com o Pai. Prova disso é que se inclinam todos os dias para orar fervorosamente em direção a uma grande muralha que, um dia, foi seu templo, em Jerusalém (Muro das Lamentações).

4. Bom nome: O judeu entende que o nome é um dos seus maiores bens, herdado da família e que, se estiver imaculado, lhe dá condições de sempre recomeçar, ainda que perca tudo.

5. Administrar: O pouco para os judeus é muito e o muito pode ser pouco sem uma boa administração. Assim como Jesus, que era judeu, ensinou a multiplicação no milagre dos pães e peixes; para o povo judeu é honra fazer sobrar. Os judeus não vivem no limite.

Já no curso Prosperidade Judaica, o empresário detalha ainda outros pontos. O conteúdo foi reunido ao longo do seu estudo e convivência com o povo judeu, sendo disponibilizado aos parceiros, franqueados e interessados de modo geral.

Se aplicadas, as orientações, várias delas já mencionadas nas páginas anteriores, podem contribuir grandemente para uma vida de sucesso, já que são provenientes de uma das culturas mais prósperas do Mundo.

— Reforço que prosperidade é ausência de necessidade para si próprio e para as pessoas ao redor. Tem gente que tem dinheiro, mas não tem amigos. É considerado próspero quem tem prosperidade na família, no amor, nas amizades, no trabalho e nas finanças.

A verdade em que ele acredita tem raízes em sua orientação cristã e também no senso de justiça dos judeus.

— Os judeus trabalham, não somente esperam de Deus. Independente de crença e religião, aprender a cultura de fé que os judeus têm faz grande diferença.

Na cultura judaica, o alicerce na fé vem antes do caminho profissional e financeiro, assim como a família. O triângulo saúde

emocional, família e fé formam uma base de princípios inegociáveis que acompanha o judeu por toda sua vida e realizações, incluindo suas finanças.

E a boa notícia é que a benção que está sobre o povo hebreu está sobre todos nós! A Bíblia é muito clara: “abençoarei os que te abençoarem”. Meu segredo de sucesso é como trato e amo Israel. Não há uma oração em que eu não abençoe Israel – menciona Garcia em seu curso.

– O judeu planeja sua vida em detalhes e funciona. Aconselho as pessoas a planejarem o que desejam realizar, seja na vida amorosa, familiar ou profissional. E, se possível, escrevam. Ao escreverem, esse desejo se torna visível e estará mais perto do objetivo.

Aprendi com o povo judeu e escrevo todos meus objetivos, metas e sonhos. Traço alvos. Se a mente já planejou, o corpo realiza. Com a justificativa de que o futuro está na mão de Deus, muitas pessoas se isentam de fazer a sua parte.

Onde você visualiza sua vida daqui há um ou cinco anos? É preciso planejar o futuro, pensar e escrever aonde quer chegar. Essas frases que começam com “... se um dia eu tiver condições...” nunca se realizam. Só vai acontecer o que você realmente acreditar que acontecerá – diz em sua aula sobre planejamento.

– Quando o judeu se interessa em ter um negócio, ele entende que precisa ser perito. No Brasil vemos somente a oportunidade, mas o judeu vai além, prepara a base de sustentação do seu negócio, se desenvolvendo. Ele quer oferecer o seu melhor. Para tanto, se coloca à disposição de quem já entende o ofício para aprender.

Milhares de empresas brasileiras são abertas anualmente, fracassando em menos de cinco anos. Enquanto isso, as empresas dos judeus prosperam, o que se deve a essa cultura de excelência.

Me tornei um dos empresários brasileiros que mais leva pessoas a Israel. Me tornei perito, e não é orgulho, é honra. Procurando ser o melhor, desperta-se os concorrentes, ajudando no dinamismo do negócio e, portanto, na evolução do segmento – discorre Garcia sobre aprender, prosperar e multiplicar. E continua:

– Judeus amam o crescimento e entendem como princípio que “quem participa cresce, quem não participa, perece”. Por isso, investem em mentoria. Além de oferecerem seu trabalho em troca de aprendizado, adquirem livros, cursos, mentorias e infoprodutos. Os brasileiros gastam muito dinheiro com entretenimento, mas é o conhecimento que fica para sempre conosco – fala o empresário sobre aprendizado.

– O judeu não faz nada de qualquer jeito, mesmo que seja um pequeno trabalho, um pequeno negócio. Ele monta suas estratégias, se dedicando ao projeto, grande ou pequeno, sozinho ou em equipe, com a preocupação em cada detalhe.

Por isso, onde chegam dominam o mercado e são tão premiados pelo Mundo todo. Para o judeu não há dia ruim, todo dia é dia da excelência.

No meu Grupo Empresarial, o slogan é Excelência é nossa Marca! E antes de cada decisão, pessoal ou de mercado, coloco numa folha de papel os possíveis riscos; o que me leva à melhor escolha. Aprendi com os judeus e isso não me torna perfeito, mas me auxilia na cultura de buscar sempre a excelência, errando muito menos – revela a respeito da qualidade do trabalho.

– Entre os judeus a educação financeira é algo natural desde a infância, poupando para o próprio negócio, que costuma iniciar precocemente na comparação com a nossa cultura. E entre os costumes judeus, não há ostentação e aparência. O caminho para gerar riquezas é mais livre, voltado ao bem-estar e à segurança futura. Além de destinarem parte do que lucram para a ajuda ao próximo.

O povo judeu compra o que pode comprar, oferece ajuda social na medida em que pode oferecer e investe o que pode investir. De forma programada. Um cálculo utilizado pelos judeus é ter pelo menos seis vezes mais guardado do que se ganha, como um fundo de emergência. Por conta dessa postura, esse povo passou pela pandemia de forma muito mais tranquila – discorre sobre educação financeira.

– Mas haverá quedas e é preciso desenvolver o poder de voltar ainda mais forte. Os judeus, com seu longo passado de privações e luta, hoje têm riquezas em grande parte do planeta. Eles sabem se reinventar a partir de cada queda.

Os problemas virão, mas aquilo que não alimentamos morre e o que alimentamos vive. Vamos alimentar nossas tristes histórias, mas não como desculpas, e sim como triunfos, parte importante de nossas vitórias – ensina Garcia sobre a resiliência.

X

Garcia alimenta o espírito “bebendo” na fonte bíblica e judaica e amando a família e ao próximo. Já a saúde mental ele mantém, não só através das orações e reflexões, como também nos vários momentos de desconpressão, já citados no primeiro capítulo deste livro.

E saber descomprimir também é uma orientação do empresário, embora mais exemplificada do que mencionada. Sem os momentos de lazer, boa conversa e brincadeiras a prosperidade verdadeira não é alcançada porque faltará o contraponto que alivia o estresse dos compromissos e responsabilidades.

Garcia, mesmo tentando “realizar o milagre da multiplicação”, fazendo horas caberem em minutos e atividades de uma semana serem cumpridas em um único dia, se permite momentos

de alegria e descontração que, pelo bem que causam, parecem sempre durar mais tempo do que afirma o relógio.

Em uma rotina de tamanha atribulação, de repente lá está o CEO Garcia, presidente do Grupo Hadassa, dançando entre os novos uniformes da empresa. Ou brincando com os funcionários em meio a uma reunião sobre metas.



Garcia e família em comemoração com equipe da Hadassa

Comumente seus colaboradores recebem apelidos afetuosos e ganham figurinhas personalizadas nos grupos de WhatsApp. Em alguns momentos sem relevância para os negócios, ele se faz passar por funcionário da própria empresa, sem vaidade alguma.

E é comum, entre um compromisso e outro, o homem de negócios se deliciar com uma paçoca ou outro doce qualquer de um dos diversos baleiros da sua sala, que mais parecem recheados de infância, contendo sabores diversos de balas, docinhos e pirulitos.

Se está viajando, com certeza o CEO encontrará um tempinho para uma dança com os funcionários; para cantar no ônibus entre um destino e outro; talvez se fantasiar, como já fez, recebendo turistas em Dubai vestido de Sheik.



CEO Garcia fantasiado de Sheik para receber seus turistas no Oriente Médio

Ou aproveitará qualquer diversão saudável que o lugar ofereça, como andar de buggy ou triciclo nas dunas de Dubai e Egito, passear a camelo, interagir com a população local do país onde estiver, degustar um suco de romã, tradição em Israel, ou entrar num 'trem-fantasma' em plena Tiberíades, cidade bíblica com acesso ao Mar da Galileia.

Numa entrevista à jornalista da equipe da Hadassa (autora deste livro, Carol Godoy) ele pode surpreendê-la com uma brincadeira ao invés da resposta esperada, quebrando a formalidade da profissional. As brincadeiras fazem parte da personalidade de Jean Garcia desde a meninice e continuam na vida adulta. Até no

programa 'A Hora do Povo', ele conseguiu, enquanto apresentador, ser um alento num período tão triste e incerto da pandemia.



Passeio a camelo por Jerusalém



Garcia interage e brinca com vendedor ambulante em Israel

E Jean Garcia tem histórias engraçadas até de momentos em que não planejou brincar. Principalmente por ser sonâmbulo. A esposa dele conta que certa vez, dormindo na casa dos pais dela, o marido começou a fazer um culto evangélico de madrugada. O sogro, muito crente, ouviu a pregação entusiasmado e acordou a esposa para rezar também.

– A casa era de madeira e dava para ouvir o que se dizia de um cômodo a outro. O Garcia começou um louvor e meu pai repetia, cantando do seu quarto (risos). De repente o Garcia começou a falar enrolado, porque na verdade ele estava sonhando, e meu pai achou que ele estava cheio de poder, orando em outras línguas (mais risos).

Eu comecei a gargalhar e meu marido pegou no meu cabelo dizendo que eu estava possuída. Enquanto isso, eu soube depois, que meu pai disse à minha mãe que admirou a fé do Garcia como pastor, fazendo culto de madrugada. E ele ainda comentou que o que o deixou triste é que eu não participei e ainda ri (mais risos) – conta Cristiane.

Por volta de 2007, Garcia passou alguns meses trabalhando em uma igreja de Ribeirão das Neves, Minas Gerais. Não dava para ficar atravessando o país toda semana e a saudade da família apertou. O amigo Edson Pereira, que o hospedou, ri até hoje de lembrar que ele, dormindo e sendo sonâmbulo, abraçava o travesseiro achando que era a Cristiane, sua esposa.

E em seus impulsos generosos, também há lembranças engraçadas. Numa viagem para Porto de Galinhas, uma das crianças encheu o pé de espinhos e Garcia não sabia mais o que fazer para ajudar a resolver o problema.

– Foi em 2021 e o Garcia realizou o sonho dos meus dois filhos, a Bia queria conhecer a praia e o Henrique sonhava em viajar de avião. Viajamos juntos, as duas famílias, e outros amigos e colabo-

radores do Grupo Hadassa também – conta Viviane Agostinelli, gerente da empresa Morena Loira.

– Quando Henrique se feriu nos cactos, eu mencionei que gelo funciona como anestésico. O Garcia ficou tão ansioso para ajudar que comprou fardos e fardos de água mineral gelada e não saiu de perto até tirarmos todos os espinhos.

Mas a cada menção de dor do meu filho, o Garcia se agoniava e, assustado, ao invés de jogar a água gelada no pé do Henrique dava um banho na gente. Comecei a dizer que não precisava mais da água, mas o Garcia dizia que precisava e continuava jogando (risos). A pastora (esposa de Garcia) dizia que a família Buscapé tinha perdido para nós (mais risos).

O bom humor de Garcia e seu jeito autêntico que diverte as pessoas não contrariam o homem de negócios que ele é; só o tornam mais completo. Este homem próspero frisa continuamente que “a gratidão é a memória do coração” e quem é grato sabe que sempre há motivos para sorrir e fazer sorrir!



O bom humor ajuda o empresário a descomprimir, mesmo trabalhando muito e dormindo pouco

LIÇÃO QUE FICA

Capítulo V

Todo cristão sabe que o único modelo de perfeição é Jesus Cristo e que cabe ao ser humano se esforçar dia a dia para acertar. E a Torá afirma “Ein Tsadik Asher Yaasse tov vê lo echta”, que se traduz como “Não existe um justo na face da terra que faça apenas o bem e não erre”.

Portanto, este livro se aproxima do fim com a mesma pretensão do primeiro capítulo: não a de ser um guia infalível, mas de contribuir com os leitores, tendo deixado nessas páginas a experiência de um homem que, buscando o melhor dos judeus, colocou os próprios erros, acertos e aprendizado a serviço do próximo.

Assim é o CEO Garcia, um homem de sucesso que desde cedo se muniu de coragem, perseverança e resiliência, escolhendo a esperança que realiza e não só espera.

Que se forjou na admiração e identificação pelo povo judeu, mas foi à luta com as oportunidades que encontrou e criou em sua realidade de menino pobre brasileiro.

É reconhecido por grandes méritos, mas lembra de agradecer por cada pequena conquista e até pelos dissabores.

Descobrimo seu espaço, alcançou o mundo, mas jamais esqueceu o lar. E construindo uma rede de relacionamentos, continuou colocando a família em primeiro lugar.

Como homem de negócios, enriqueceu e ganhou prestígio, mas manteve a simplicidade e humor como riquezas fundamentais.

E se relacionando com grandes autoridades no Brasil e em Israel, manteve o apreço pelas boas conversas com cada ser humano, por mais humilde que seja, que lhe cruze o caminho.

A magreza de outrora, em que era possível contar as costelas, como foi mencionado no terceiro capítulo, deu lugar a um “homem grandão que impõe respeito, mas com um coração maior que ele”, como muitos o descrevem.

Um cristão que desde à infância segue Jesus como o irmão judeu e, se voltando ao Segundo Testamento, continuou valorizando as lutas e glórias do Primeiro.

Um brasileiro que interiorizou a irmandade entre os povos e a Terra como sendo um só lar, se compadecendo e admirando o povo judeu.

Um jovem que nasceu pobre, mas foi determinado, e, caminhando pelas páginas da bíblia, atravessou seu deserto de provações, e encontrou a prosperidade do outro lado do Mundo, em sua segunda Pátria, Israel.

E, assim, entendendo a profundidade do conceito que há no pequeno vestuário que os judeus usam sobre suas cabeças, multiplica o que aprendeu: “O maior Quipá é a Mão de Deus”, cabe a cada um fazer a escolha de tomar posse dessa condição de filho de Deus, amado, protegido e guiado por Ele!

Por meios dos valores e ética judaicos, Jean Garcia alcançou seu potencial interior e sua grandeza. Suas bases já se fundiram e nessa metamorfose que viveu entre dois países e duas religiões, mas com um único propósito, da prosperidade abençoada por Deus, nasceu o:

Judeu sem Quipá.

**‘Eize Hu Mechubad
Ha mechabed Et Ha Briot’
- Quem é o importante?
Aquele que dá importância e
valoriza as outras pessoas”**

**Da Torá,
o livro sagrado dos judeus**

Capítulo VI

A maior recompensa é o amor

“Nenhum de nós é maior do que todos nós.

Juntos somos mais fortes!”

Jean Patrick Garcia Baleche, o Garcia

*N*uma das entrevistas recentes do CEO Garcia, em que mais uma vez ele foi homenageado, sua fala foi a seguinte:

– A alegria é imensa, mas a responsabilidade também. Porque o nome Hadassa carrega muitos negócios, muitos colaboradores e muitas famílias. E é essa responsabilidade que nos motiva a manter nosso slogan de excelência e seguir adiante com futuros projetos.

A colocação não cita a palavra reconhecimento, mas, claramente, esse é o sentimento imbuído em cada frase dita pelo empresário. Apesar de manter a atenção permanente em todos os negócios do Grupo Hadassa, esse homem de sucesso o é porque sabe que não há líder sem equipe. Não há chefia sem colaboradores. Não há pai sem mãe e sem filhos. Não há esposo sem esposa. Não há pastor sem fiéis. Não há empresa sem clientes.

É essa consciência de Garcia que se reflete em sua gratidão, amorosidade e liderança. “Mantive minha essência e meus valores”, ele sempre enfatiza. Sem a prevalência do ego, o homem de sucesso sabe que se tornou, não um grande homem; mas, sim, um com todos!

E é por isso que, junto com o slogan de excelência, está o lema da Hadassa: “Nenhum de nós é maior do que todos nós. Juntos somos mais fortes!”

Ambas as frases são bastante utilizadas pelo líder Jean Garcia e estão gravadas no alto do prédio onde funciona a sede do seu grupo empresarial, em Marília-SP.

Esse é outro ponto em que Garcia se identifica com os judeus, visto que o Judaísmo discorda da crença de santificar o isolamento. Ao contrário, o grande sábio Hilel disse “Não te afastes da comunidade” (Ética dos Pais 2:5, capítulo 8).

De acordo com os preceitos judaicos, não se deve renunciar ao mundo, mas contribuir para consertá-lo. Moisés subiu no Monte Sinai para receber os mandamentos (ou Torá), mas não podia ficar no alto da montanha, tinha que descer e levar o que recebeu às pessoas embaixo. Por isso, o slogan dos judeus para uma vida espiritual plena é: “Conte isso ao mundo”.

Jean Garcia segue o princípio e compartilha o que viveu e o que acredita em seus cursos, mentorias, aconselhamentos, cultos e, agora, através deste livro.

Em resposta a esse estilo de vida, que valoriza a união e reconhece que ninguém é maior do que todos juntos, as pessoas retribuem, também com gratidão, reconhecimento e amorosidade.

Inúmeros são os que passaram ou estão na vida de Jean Garcia e têm algo a lembrar e relatar de positivo. Nem todos estão nessas páginas, mas todos estão, nelas, representados.

A seguir, o leitor poderá confirmar os relatos e traços de personalidade de Garcia retratados nos capítulos anteriores. Não mais com a participação do biografado, mas exclusivamente por meio de familiares e amigos que deixaram registrados seus depoimentos.

Cristiane Granemann Thibes Baleche,

esposa de Jean Patrick Garcia Baleche,

vice-presidente da Hadassa:

Foi muito rápido tudo que aconteceu com a gente. Naquele tempo ele era somente um pregador, sem igreja fixa, e foi ministrar na minha cidade.

Quando o vi pela primeira vez minha mãe falou: “Esse vai ser seu futuro marido”. Eu achava que ele era casado, não gostei, fiquei brava com esse comentário. Não conhecia pastores solteiros. Mas meu sonho sempre foi casar com um pastor porque, na minha cabeça, eu achava que teria uma pessoa que buscaria a Deus junto comigo.

Então o Garcia começou a frequentar nossa casa e estar mais presente, se tornando muito amigo do meu pai, os dois andavam juntos para cima e para baixo.

Um dia, ele marcou uma vigília e nos convidou. Na noite da vigília ele parou seu culto meio de repente e chamou: Moça. Eu assustei, apontei para mim mesmo e perguntei se ele estava falando comigo. Ele respondeu: Sim, com você mesmo que eu estou falando.

E continuou assim: A resposta que você me der agora será para o resto da vida (e a gente nem tinha conversado ainda...). Se você disser sim, vai ser a mulher mais feliz desse mundo! E se você disser não, eu posso ser o propósito de Deus na sua vida e você estará abrindo mão, e eu vou embora. E você não vai mais me ver... Você quer casar comigo?

Eu tinha já a palavra da minha mãe, que sentiu que eu me casaria com ele. Na hora, aquela proposta me marcou muito pela ousadia e determinação dele. Mesmo eu sendo nova, já esperava isso de uma pessoa. Eu não queria curtir, queria alguém para casar. Então respondi que sim.

Minhas amigas diziam “você nem conhece ele e vai casar”, mas eu tive a certeza de que essa decisão seria para minha vida. No final daquela vigília, ele chegou par o meu pai e disse: “Olha, daqui três meses eu tô casando com ela, ela vai fazer a obra (igreja) comigo”. Meu

pai aceitou e em três meses namoramos, noivamos, ajustamos o que era preciso e casamos.

Quando casamos eu falava que meu sonho era ser mãe e no início do casamento engravidei. Moramos com meus pais e depois minha sogra por um tempo. Mas o que marcou é que passamos por tanta dificuldade que eu não imaginava que Deus ia colocar a gente onde Ele colocou.

Naquele tempo nossa casa era toda colorida, tudo de móveis usados, eu tive umas quatro ou cinco mudanças só de móveis usados, geladeira de uma cor, fogão de outra, funcionava só uma ou duas bocas do fogão.

E já vi minha mudança sendo despejada na frente da casa dos meus pais, quebrando minha geladeira... é porque, quando éramos recém-casados, fomos pastorear uma igreja em Brusque, só que começamos a desenvolver bem o trabalho, o que desagradou o pastor local. Ele pagou uma passagem para eu visitar meus pais e eu fui. E, logo em seguida, ele fez o mesmo com meu marido, para que fosse me encontrar.

Só que ele já tinha planejado mandar nossa mudança para a gente não voltar para Brusque. E o pessoal que fez nossa mudança, de maldade mesmo, não desmontou nada, da forma que estava foi: roupa misturada com comida, alimentos que tinham dentro do fogão, e despejaram tudo na frente da casa dos meus pais. Eu não tinha nem como guardar tudo. Essa foi uma das primeiras coisas que aconteceram no nosso casamento.

Tivemos que começar do zero muitas vezes e muitas vezes tivemos que lidar com as pessoas desacreditando de nós. Mas sempre fomos muito felizes e, graças a Deus, eu vim de uma família bem pobre e isso ajudou muito, porque eu não cobrava meu marido de nada. Ao contrário, eu o ajudava a ver que a vida era mais do que nossas dificuldades.

Mas Deus foi abrindo muitas portas e sempre fomos muito fiéis à vontade de Dele. E Deus foi fazendo coisas maravilhosas na nossa

vida! Quando olho pra trás vejo que Deus continua nos abençoando porque não somos apegados às coisas materiais e já larguei muita coisa pra trás e meu marido também.

Eduarda Granemann Garcia Baleche (Duda),

filha de Jean Garcia, 17 anos:

Meu pai me ensinou tudo! E a coragem dele é o que mais admiro! Mesmo viajando bastante, ele sempre foi um pai presente. Quando eu era pequena, o acompanhávamos nas campanhas da Igreja, eu e minha mãe, dormindo na casa de outros pastores. Eu cresci vendo a sua luta.

Uma vez subi no palco da Igreja durante uma pregação do meu pai e cantei uma música sertaneja no microfone. Acabei com o culto. Ele até brigou comigo, mas depois virou uma memória engraçada da nossa família.

Mas seu esforço, luta e coragem nunca impediram que ele fosse um pai presente para mim e Lorena (irmã mais nova). Ele me ensinou a andar de bicicleta e a nadar nas águas movimentadas do mar... e me ensinou com seu exemplo destemido e cheio de fé.

Ele me ensinou que a gente deve sempre dizer a verdade e cumprir o que promete. É assim que se constrói a confiança. Por isso que eu nunca menti para o meu pai, mesmo que ele fique bravo por algum motivo, ele e minha mãe sempre me deram liberdade de falar e contar tudo.

Sempre fui sua xodozinha e um marco da nossa relação de pai e filha são as bonecas. No começo da nossa família, não tínhamos boa condição financeira, mas ele sempre trazia uma boneca para mim quando viajava e passei a colecionar. Eu sempre esperava e ele sempre trouxe. Tenho centenas delas, uma diferente de cada lugar.

E o ritual continuou com a Lorena. Cada uma dessas bonecas, para mim, significam o amor e o ensinamento dele, de que temos

que ter responsabilidade e palavra com as pessoas. Ele prometia e cumpria.

É complicado dizer isso, mas o que meu pai não teve na infância ele procurou passar para gente. E conseguiu! Nossa relação sempre teve muito carinho. Tem uma coisa que eu falava quando era bem pequenininha... eu dizia “Peteteito de Amor” e beijava meu pai, beijava muito!

O pai é o primeiro amor de uma menina e sempre peço a Deus que o homem que eu casar seja igual o meu pai. Do jeito que ele trata minha mãe é como eu quero ser tratada pelo meu marido. Meu pai é minha referência!

Rachel Garcia,
mãe de Jean Garcia,
professora aposentada:

O Jean nasceu em 12 de outubro de 1987 após eu ter percorrido o estádio de Tubarão-SC grávida, segurando a tocha olímpica durante uma maratona esportiva. Naquela noite senti dores e fui internada. A equipe hospitalar retardou o parto o quanto pôde e meu filho nasceu seis dias depois, prematuramente, aos oito meses de gestação.

Na sua primeira festa de aniversário lembro que fui comprando os ingredientes para os preparativos aos poucos, com antecedência. O tema foi de Pônei.

Aos dois anos de idade ele entrou no Berçário da Escola Técnica de Comércio. Isso porque, além de lecionar na Prefeitura, eu dava aulas nessa escola particular e consegui sua bolsa de estudo.

De manhã Jean ficava com meus pais e à tarde eu o levava para a escola. Só que minha mãe faleceu antes dos seus três anos de idade, o que mudou nossa rotina. Foi seu primeiro luto e meu filho sentiu porque era bastante apegado à avó, assim como ao avô, meu pai, que ele homenageia usando o mesmo sobrenome nos negócios: Garcia.

Minha mãe tinha tanto amor por Jean... e ele por ela... no velório Jean dizia que a avó estava dormindo rodeada de flores e confirmei. Naquele momento não consegui contar a verdade...

Horas depois, no sepultamento, expliquei que a avó estava doente e precisou ir para o Céu, onde Deus cuidaria dela. Bem nessa hora passou um avião sobrevoando o cemitério e Garcia fixou a aeronave e respondeu pra mim: "Olha lá o avião que está levando a vovó para o Céu!"

Essa foi a primeira viagem que meu filho conheceu...

Eu sempre lecionei 40 horas semanais (oito horas por dia) e muitas vezes à noite também. Sem minha mãe, uma irmã minha cuidava do Jean num período do dia e, no outro, ele ia para o colégio.

Já maiorzinho, ele começou a passar os dias em outra escola onde fui lecionar. Jean era muito ativo e fez muitas atividades que o próprio colégio oferecia. Flauta, teclado, judô, treino de futebol, outras lutas e também cursos que eu fazia na área da Educação e o levava junto.

Até mesmo na Faculdade ele chegou a ir comigo nos finais de semana, escrevendo e desenhando enquanto eu assistia às aulas. Costumo dizer que o Jean foi criado dentro de uma escola. E conforme cresceu também tinha seus momentos de skate, bicicleta, bola...

Um episódio que marcou a primeira infância do Jean foi uma grave convulsão que ele teve antes dos quatro anos de idade. Fiquei apavorada e o médico explicou que esse tipo de acontecimento altera o funcionamento cerebral.

No caso do Jean, ele ficou acelerado, agitado e muito esperto. Teve até que tomar medicamentos fortes por um bom tempo. E mesmo na adolescência, ele nunca foi calmo. Tanto que até sofreu um acidente que o deixou com uma pequena seqüela num dos braços.

Mas meu filho soube usar essa inteligência e dinamismo de forma muito positiva. Sempre era o primeiro aluno a terminar as atividades e me ajudava muito também.

Garcia cuidou muitas vezes dos irmãos gêmeos (mais novos) e era envolvido com a Igreja. Com minha permissão, ele ajudava os

pastores. E aos 12, 13 anos, conseguia mobilizar as pessoas e lotar ônibus para cultos especiais e encontros regionais. Até o financiamento do transporte ele conseguia com políticos.

Nossas dificuldades financeiras não o desanimavam e ele passou a perseguir seus sonhos. Ele tinha pressa nas suas conquistas e ansiava e melhorar de vida. Novinho, ele chegou para mim e pediu para entregar panfletos de uma loja. Eu o alertei para não fazer nada de errado e ele e uma turma de amigos que o Jean reuniu começaram a ganhar algum dinheiro com isso. Depois veio a entrega dos cartões de visitas e muitos outros trabalhos.

Mais tarde ele arrumou a namorada, a Cris, e casou com ela. Casou cedo e foi pai cedo e eu fui avó cedo. Ele teve uma bicicleta, depois uma moto elétrica, o primeiro carro, começou a prosperar e sempre trabalhando, desde criança.

Ajudou o irmão quando Jonatha precisou, inclusive quando Jonatha foi trabalhar num navio. A irmã, Geana, trabalha na Hadassa.

Enfim, vejo meu filho Garcia como um visionário, para o qual o céu é o limite, um administrador de potência que quer tudo pra ontem e sempre teve pressa de fazer acontecer. E um homem de um coração gigante, que pensa muito nos outros.

É incrível tanta ideia que esse homem tem na cabeça. Até digo, realmente Deus deu uma virada de 360 graus na cabeça dele. Na época da escola as professoras me perguntavam porque meu filho escrevia tanto. Ele já tinha terminado a matéria escolar, mas escrevia seus projetos, à caneta, no papel. Uma porção de planos e contas. É o jeito que ele funciona até hoje.

Quando a Duda era pequenininha, nós perdemos meu pai, o Garcia, por isso que meu filho gosta de usar esse nome, é o nome do avô. Meu pai era dono de restaurante, mas do mesmo jeito que ganhava dinheiro, perdia. O Garcia representa um desejo do meu pai de ser um grande administrador.

Jonatha Garcia,
irmão de Jean Garcia,
educador:

Nossa mãe era professora e dava aulas de manhã, de tarde e de noite. Muitas vezes ela nos levava para a escola onde trabalhava para não nos deixar sozinhos e ficávamos num cantinho da sala para ela poder trabalhar.

O Jean saiu de casa muito cedo em busca de melhores oportunidades. Ele foi um guri ambicioso, mas o seu objetivo não era necessariamente enriquecer e muito menos esbanjar. O seu desejo era mudar de vida e dar uma vida melhor para os seus, incluindo nós, irmãos mais novos, e nossa mãe.

Seu primeiro sonho era ser jogador de futebol, como todo menino pobre brasileiro. E ele chegou a jogar na categoria de base no time da nossa cidade, como goleiro, mas decidiu alçar outros voos e, ainda criança, fazia um bico aqui, outro ali, sendo que poderia ficar em casa sem fazer nada.

O Jean é um cara muito esperto e inteligente. Eu sou educador e identifico sua facilidade de aprendizado absurda, com rapidez. E é extremamente protetor, zeloso, cuidador. Ele aprendeu a proteger desde cedo; cuidando de mim e da nossa irmã, ainda pequenos, porque minha mãe trabalhava muito. Mesmo criança, ele era o nosso pai.

E com 10, 11 anos de idade, por trabalhar, já conseguia comprar algumas coisas e me deu de presente meu primeiro videogame e eu não teria condições, foi fruto do trabalho dele. E nos dava mimos, pagava oportunidades pra gente. Por exemplo, uniformes e custo de viagem para minhas atividades.

Até recentemente me ajudou financeiramente em um projeto, sempre me deu apoio familiar e financeiro. Ele é merecedor do seu sucesso e colhe os frutos que sempre plantou.

Ele protege muito sua família e quem é do time dele. E gosta de ajudar as pessoas. Já me ajudou muito, inclusive financeiramente.

Tem sempre muita gente à sua volta. E tem o coração muito bom; já tomou até umas rasteiras por conta disso.

O Garcia é um empresário bem sucedido, visionário, que tem uma ampla bagagem e o vejo hoje como um cara completo, que veio adquirindo experiências, frustrações, e cresceu com toda sua história. Porque a gente aprende mais no desconforto do que no conforto, e ele veio nessa crescente.

Apesar do seu sucesso, continua correndo atrás de objetivos e metas. E manteve as características do Jean, amoroso, acolhedor, cuidador, passando sua experiência e valores para as filhas Eduarda e Lorena.

De temperamento forte, o Jean é convicto do que acredita e se impõe. Para debater com ele é preciso ter argumentos muito bons. Como todo ser humano, é falho, tem defeitos, mas na soma de todos os valores, defeitos e qualidades, a conta sempre é positiva.

Rafael Corrêa Garcia,
tio materno de Jean Garcia,
supervisor comercial:

Para nós é o Jean, para a sociedade é o Garcia, mas é bom ver que ele usa o sobrenome Garcia em seus negócios. Como se representasse toda nossa família.

Eu tinha 14 anos quando o Jean nasceu. A Rachel, minha irmã, foi mãe solteira, e levava uma vida dura. Trabalhava o dia inteiro. Quando o Jean se tornou adolescente nos aproximamos muito. Compartilhei muitas ações de vida dele e nos dávamos muito bem. Aí, mesmo com pouca diferença de idade, eu ouvi: “Você é o pai que eu nunca tive”.

Acho que ele se apegou um pouco em mim. Mas caiu no mundo. E estava sempre trabalhando, desde cedo. Um dia o encontrei entregando panfleto na sinaleira. Foi forte. Eu não sabia. Somos de

família humilde, mas não esperava por isso. Não entendi se me senti orgulhoso ou assustado.

Tempo depois, quando eu, ainda bem jovem, já havia mudado para Florianópolis, ele gostava de ir até lá, passar uns dias comigo. Lembro de uma ligação sua tarde da noite me pedindo para recebê-lo. Ele chegou duas horas depois. Um adolescente, de moto, dirigindo de madrugada.

O Jean sempre foi espontâneo e é até hoje. Sua vida mudou, mas sua essência não. Ele continua o mesmo de sempre, alegre e empreendedor. E já era empreendedor desde pequeno.

Ele me dizia que seria empresário um dia. E tem bem o perfil do meu pai. É festeiro e tem veia política como o avô. E personalidade muito forte. Desde a infância as coisas tinham que ser do jeito dele e era bem difícil mudar de ideia quando tinha algo em mente.

Rejane Corrêa Garcia Aguiar,

tia materna de Jean Garcia,
pedagoga:

Um dia muita gente vai se orgulhar de mim”, era uma das frases que eu costumava escutar do Jean e respondia que é de baixo que se começa. Acreditava nele e já o ouvi dizer, anos mais tarde, que fui uma das suas incentivadoras.

Ele entregava panfletos, caminhava muito, magrelo. Mas sempre arrumadinho, simples, mas arrumado. E eu o lembrava do exemplo do Silvio Santos, que começou a vida vendendo doces e teve outras ocupações bem simples, se tornando, depois, uma potência.

E dizia a ele: “Um dia tu vais olhar para trás e vai dizer: Meu Deus! Eu venci!”

Cerca de uma vez por semana o Jean passava na minha casa no fim da tarde, quando sabia que eu estava lá. Era uma pausa no seu trabalho pela rua, vendendo coisas ou entregando panfletos.

Ele era bem menino nessa época, menos de 14 anos. Minha irmã, sua mãe, trabalhava o dia todo e havia seus irmãos gêmeos, bem mais novos. Acho que ele se sentia carente e tinha fome. Então íamos para a cozinha. Era um momento “eu e ele”.

O Jean comia de tudo. Dizia “o que cair na rede é peixe, mas lembro que gostava muito do bolo Nega Maluca que eu fazia e a gente sempre comia o pão d’água (pão francês) também.

Naquela época meu sobrinho já falava bem. E tinha um costume que ainda tem. De repente, ele para e olha para o nada, pensando. É quando, normalmente, ele tem suas ideias, sempre criando.

Maylla Garcia Aguiar,
prima de Jean Garcia,
representante da Hadassa:

Tenho lembranças de uma casa onde minha tia morava (mãe de Garcia), perto de uma escola onde e, mesmo ainda bem pequenos, brincávamos muito lá.

Lembro do carrinho de rolimã e lembro que Jean era muito agitado, inquieto. Um menino muito polaco, espoleta e briguentinho. Gostava de chamar a atenção. Um dia ele foi pular o muro de casa e o braço dele atravessou pelo portão. Eu não estava junto, mas é uma lembrança bem forte.

Também lembro que nas férias, minha mãe e minha tia (irmãs) se juntavam e pagavam uma casa ou pousada por quase um mês para que nós aproveitássemos para brincar, curtir piscina e levar amigos. Conversávamos até tarde.

O Jean começou a crescer e sempre foi empreendedor. Tiro meu chapéu pra ele porque sei da sua história, de como ele começou... entregando panfletos... Realmente ele sempre foi muito independente e buscou seus objetivos.

Às vezes, ele chegava triste, cansado, mas logo se animava. Ele é muito inteligente e visionário desde pequeno, pensando muito mais

à frente. E conseguiu! Construiu um futuro brilhante para ele e a família! E, ainda assim, nunca perdeu sua essência, o coração bom. Mesmo com muito dinheiro, não há soberba.

Acredito que seja porque Jean tem Deus com ele em seus propósitos e só desejo toda a saúde e sucesso para ele. Que meu primo continue prosperando.

Shalom Dajjalovski,

Sócio e amigo de Jean Garcia,

Rabino e empresário:

Não tem por acaso na vida. Por volta de 2021 em uma visita a cidade de Marília por motivos pessoais, fui apresentado ao Pastor Garcia e de lá pra cá surgiu um elo de amizade.

Vi em minha frente um homem jovem com vontade e grandes objetivos para sua vida e fiquei impressionado com alguns talentos especiais que percebi nele.

Segundo o sábio Rei Salomão, “a vida e a morte, estão na mão e no poder da língua”, significando a importância das palavras. Apesar do Pastor Garcia ter uma origem humilde, provavelmente sem grandes oportunidades de estudar oratória, ele realiza discursos de uma maneira fantástica, sem ao menos ler ou copiar de algum lugar, sem interrupções, com clareza, ordem dos assuntos e ao mesmo tempo com atenção a todas as presentes.

Para realizar objetivos é necessário trabalhar com muito esforço, e, nesse ponto, tenho a satisfação em dizer que vi nele essa capacidade com ritmo e força.

Ele trabalha e realiza sem limite de horas e dias. Se dedica, dirige e toma decisões de vários negócios simultaneamente. Fora de série!

E mesmo diante de muitos compromissos, entre viagens, reuniões e trabalhos em geral, dá pra perceber a enorme dedicação, importância e amor que ele dá à união da família.

É a família que, sem dúvida, dá a ele uma força no trabalho para alcançar seus objetivos. Uma raridade hoje em dia no cenário em que vivemos.

O meu desejo a ele, é que consiga levar adiante suas metas e alcançar o que almeja no caminho que Deus quer e prepara pra quem é batalhador como ele!

Sany Sonnenreich, o Rav Sany

sócio de Jean Garcia,

Rabino, empresário,

neto de sobreviventes do Holocausto

e ativista nacional pelos valores judaicos:

Garcia ama o povo de Israel, ama a causa judaica e apoia as causas judaicas. Ele se tornou um parceiro do Estado de Israel no Brasil, em uma cidade como Marília-SP, onde não existe comunidade judaica, mas existe uma célula de Israel muito bem estruturada com várias frentes de atuação, através do Grupo Hadassa.

O Instituto Rav Sany existe com um único propósito: impactar vidas em massa. Disseminando o verdadeiro judaísmo, milenar, em uma linguagem acessível a todos, de forma autêntica, moderna, desde programas de televisão até redes sociais, materiais impressos de divulgação, palestras motivacionais, ações nobres, conectando os valores milenares judaicos a uma linguagem acessível a qualquer ser humano.

Empreender, como o Grupo Hadassa empreende e como nosso grupo empreende, é uma ação altruísta porque, quanto mais sucesso e alta performance essas iniciativas alcançam, mais vidas é possível impactar e transformar para melhor.

Enxergo no Garcia um líder nato e uma liderança política. Uma pessoa que pensa mais nos outros do que em si mesmo e por isso que ele tem sucesso. Fico emocionado porque essa aliança que nasceu entre nós vai promover Israel e Brasil cada vez mais, com alto impacto

nas áreas de saúde, educação e espiritual, disseminando o verdadeiro judaísmo, os valores milenares judaicos, para que as pessoas possam ter êxito e sucesso nos negócios, mas prosperando em todas as esferas: pessoal, profissional, espiritual.

O Rabino Natan Tzvi Finkel, falecido em 2011, foi o maior reitor educacional de Israel, e dizia que a maior lição do Holocausto é estender os cobertores. Isso porque, quando os nazistas, sádicos, entravam nos barracões dos campos de concentração na madrugada, no inverno rigoroso europeu, e os judeus estavam lá, aprisionados com pijamas rasgados, eles jogavam um único cobertor. Quem pegasse poderia se aquecer pelo menos naquela noite, mas os judeus esticavam o cobertor para que mais pessoas pudessem, pelo menos um pouquinho, se aquecerem também. Eles esticavam os cobertores!

Homens de negócios, estiquem seus cobertores! Essa é a essência do grupo Rav Sany e é a visão que o Garcia tem, esticar os cobertores para que mais pessoas possam se aquecer com essa luz, a luz de Israel, a luz de uma tecnologia com propósito, a luz de uma vida repleta de valores!

O CEO Garcia do Grupo Hadassa, hoje, é o capitão de um trem que está conectando a nação mais próspera do mundo ao Brasil. E ele se conserva humilde, carismático. Reconhece seus dons e os direciona em prol de causas nobres.

O propósito é o mais importante, transforma o empreendedorismo em uma missão, essa é a ideia do nosso grupo e o Garcia entendeu isso muito cedo. Todo mundo tem fé, na teoria, mas vivenciar isso na prática é a chave, isso influencia o ângulo da visão, Antes de alcançar a prosperidade financeira, você tem que alcançar uma mentalidade próspera.

E aí, o que para muitos é o objetivo maior da vida, se transforma em uma ferramenta de trabalho para concretizar sua missão na terra e cada um tem a sua.

Leonor e Etelvina Granemann Thibes

sogros de Garcia,
vendedor e dona de casa:

O pastor Garcia foi para Canoinhas-SC a serviço da Igreja para passar uns meses na nossa cidade. Ele passou a gostar da nossa família e nós, dele. Na época ele e a Cristiane, nossa filha, eram dois adolescentes.

Passamos a trabalhar com ele, visitando as casas dos fiéis que estavam com problemas ou afastados da igreja. Com isso, nossa convivência e amizade aumentaram.

Percebemos que houve algumas trocas de olhares entre o Garcia e a Cris. Como na igreja não tinha fogão, nem estrutura para ele morar, abrimos a nossa casa muitas vezes, ajudando no que podíamos, com lavagem de roupas, por exemplo.

Pouco tempo depois da sua chegada, ele pediu nossa filha em casamento. “Vão se acostumando porque nós vamos nos casar”, ele disse na época para a gente.

Mas então o pastor Garcia lutava muito e o começo da vida dos dois juntos foi sofrido. Lembro que em certo momento ele abriu uma igreja e foi difícil mobiliar. Ele e nós também, ajudando, vendemos o que podíamos para juntar dinheiro e comprar as cadeiras, o equipamento de som e outras coisas.

Para se sustentarem, Garcia trabalhava como vendedor e começou a vender os produtos de limpeza que nossa família aprendeu a fabricar. A Cris ajudava no preparo e embalando tudo e ele saía para a rua para vender.

Em um mês ele conseguiu dar entrada numa moto. Ficamos surpresos com o desempenho dele. Certa vez o Garcia descobriu uma fábrica de colchoados e convenceu a Direção da empresa a dar uma representação para ele. Garcia comprava em quantidade grade, conseguia desconto bom, e vendia de porta em porta.

“Meu pai vendia cavalos, eu sempre fui vendedor e o Garcia também, então nos entrosamos, viramos parceiros naquela época e eu sempre confiei nele, por isso cheguei a vender minha gaita para ajudar. Depois ele me deu de presente outra até melhor. E até hoje conversamos sobre vendas. Acho que o sucesso dele é pela aliança que ele tem com Deus e porque sempre variou nos negócios dele. E ele é muito trabalhador, vai insistindo e Deus vai abençoando” (diz o sogro de Garcia).

“Já eu sonhei uma vez com nosso genro, já casado com a Cris, vestido todo de branco, com bastante ouro na mão e um animal ao lado dele parecendo um leão. O ouro é prosperidade né. E o leão é símbolo da Tribo de Judá. Mas na época a gente ainda não entendia bem. O casamento deles estava começando e o aperto financeiro era grande. Conteí o sonho para o Garcia e ele perguntou... será que vou vender ouro” (diz a sogra de Garcia).

Anos mais tarde, depois que a prosperidade passou a fazer parte da vida da família, testemunhamos esse sonho na Igreja Quadrangular. Como dizem os antigos, a vida da gente às vezes é como aquele mel amargo no começo e doce no fim.

“Quando o dinheiro era pouco, e a gente trabalhava vendendo pelas ruas, no fim da tarde lembro do Garcia cansado, com fome, mas comprando lanche para nós dois para saborearmos juntos. E quando, depois da igreja, a gente parava pra comer um lanche, ele sempre ficava por último para ter certeza que eu, Etelevina e a Cris comeríamos bem” (diz o sogro).

Quando ele estava noivo da Cris, ele dizia que ia fazer nossa filha a mulher mais feliz do mundo e passou a deixar de comprar as coisas para ele para comprar para ela. Até hoje é assim, o melhor é sempre pra ela!

Temos mais de 70 anos de idade e, até hoje, agradecemos pelo genro que temos. Gostamos muito dele! O amor que ele tem pelas pessoas é do tamanho do Brasil.

Mas nossa filha merece, ela também tem um coração imenso. Desde pequena. Lembramos que ela, bem jovenzinha, ajudava a cuidar da filha da vizinha. Teve também uma parente nossa, velhinha e doente, a Cris dava comida na cama e ajudava a cuidar dela para os filhos trabalharem.

Quando o Garcia virou pai, Nossa, Meu Deus do Céu, ele ficava de olho na Cris e na Eduarda. Já a Lorena nasceu em outra fase, em que a família estava em situação bem melhor. É mariliense essa princezinha mais nova.

Valdecir (Gremista) e Marineuza de Oliveira,

casal amigo de Garcia,
metalúrgico aposentado e
vendedora da Morena Loira
(empresa do Grupo Hadassa):

Jean Garcia sempre foi ousado, batalhador, com espírito de liderança e voz de comando. Quando veio morar em Joinville, como pastor itinerante, assumiu o grupo de jovens, fazia reuniões, organizava tudo, tinha grande desenvoltura.

“Fomos estreitando laços e nos tornamos amigos... confidentes... pai e filho”, disse o Gremista.

A vida dele não era fácil quando veio para Joinville. Dormia num colchão no chão, no fundo da igreja, sem estrutura de um lar. E mandava quase todo pagamento que recebia, que era bem baixo, para a esposa e filha.

Passava o dia trabalhando pelas ruas com suas vendas; à noite pregava na igreja e muitas vezes passava o dia com um chimarrão. Ou com o sonho de padaria que era o que tinha de mais barato na época. Passamos a convidá-lo para almoçar; ele aceitava na hora. Ele gostava muito de frango ensopado com batatas (risos).

Ele quase não tinha roupas e compramos algumas peças sociais para ele, que agradecia muito e aceitava ajuda, com humildade.

Nossos conselhos ele também aceitava. Foi marcante o dia em que ele foi para nossa casa após o culto e entregou a gravata que demos, querendo desistir de tudo. Mas conversamos, ele dormiu em casa, o que acontecia sempre, e se recuperou. Fomos sua âncora naqueles tempos.

Nossa filha Vanessa era pequena ainda. O Garcia a levava para a escola, a defendia e protegia, como faz até hoje. E deu a ela seu primeiro celular de presente.

A saudade que ele tinha da família era grande e, certa vez, fizemos uma surpresa para ele, trazendo a Cristiane e a Duda (esposa e filha) de Tubarão para visitá-lo em Joinville, antes da mudança oficial delas para a mesma cidade.

Somos como família. E sempre confiamos no Garcia, sendo avalistas dele várias vezes e nunca tivemos problemas. Ao contrário, ele é muito correto com seus compromissos e excelente administrador. Ele foi prosperando e trabalhando duro não só para si e pela família, mas também pelas obras da igreja; ergueu uma unidade da Quadrangular em Joinville!

Elison Oliveira,

agente de Turismo Religioso da Hadassa:

Nos conhecemos quando o Garcia assumiu a Igreja Sede do Evangelho Quadrangular em Rancharia, a qual eu fazia parte há seis 6 anos. Logo percebi que ele faria história ali, pelo seu jeito de pastorear e de trabalhar.

Em pouco menos de três anos de pastoreio, ele mudou a igreja na cidade. Fez um trabalho excelente como superintendente regional. Com a construção que ele realizou, abrindo mão de salário e pondo dinheiro dele na obra, a igreja ficou maravilhosa e passou a ter o maior prédio de auditório da cidade.

Passei a trabalhar no escritório da igreja e também na agência Hadassa Viagens, o que me aproximou dele e de sua família. Foi assim que nos tornamos amigos.

Naquela época, ele e sua esposa, a pastora Cris, planejaram a vinda de um segundo filho. E a notícia da gravidez foi uma felicidade para a família, amigos e comunidade da igreja. Mas em um dia de evento na igreja, que estava lotada, a pastora se sentiu mal e percebeu que havia algo estranho com a gestação.

Ao chegar no hospital e ser atendida, ela soube da perda do bebê, o que entristeceu a todos. No culto de domingo da mesma semana, o pastor Garcia apresenta a Deus uma criança, neste momento não aguentou e chorou muito, e toda a igreja também chorava a sua dor.

O que não imaginávamos era que Deus logo estaria enviando um lindo presente a eles. Um tempo depois Garcia se mudou de Rancharia para Marília, assumindo a igreja sede da região. Recebi o convite para continuar a trabalhar com ele nessa nova jornada e aceitei.

Logo a família também fez a mudança e, em Marília, eles descobriram que seriam pais novamente, e nasceu a linda Lorena, uma princesa que Deus enviou para alegrar nossas vidas. Deus de Israel sempre permanecerá presente na vida deles!

Tenho admiração por tantas qualidades de Garcia, mas destaco o seu grau de administração, tanto em seu ministério pastoral, como em suas empresas e em sua vida particular.

E tenho muita gratidão por ele por tudo o que ele fez e faz por mim; como se fosse de pai para filho. Minha vida mudou em todas as áreas.

Ramona Batista,

ex-funcionária e amiga de Garcia:

Conheço a família do Garcia muito bem porque trabalhei na casa deles por seis anos, quatro anos em Rancharia e dois anos em Marília, após a mudança. Mais tarde retornei a Rancharia, onde vivo.

É uma família abençoada, de superação, de compromisso, de honestidade. Amo essa família maravilhosa que me ensinou muito e, até hoje, ocupa um porta-retrato na sala da minha casa.

No tempo em que eles viveram em Rancharia, Garcia foi meu pastor e meu patrão. Assim como a Cris (esposa). Conheço muito bem o trabalho deles, sei que é tudo muito honesto. Eu viajava com eles, participava dos eventos da Hadassa e posso dizer que o Garcia correu atrás e conquistou, superou, mas não foi fácil.

Acompanhei momentos difíceis que passaram, como, principalmente a perda do bebê. Mas graças a Deus, a Cris foi embora para Marília grávida e nem sabia.

Garcia é um homem de Deus, brincalhão, esposo excelente, ótimo pai. Nunca desistiu, foi em frente e conseguiu. Sua vida mudou aos poucos, mas em Marília ele alcançou a prosperidade. É merecimento dele.

Eu amava estar perto deles porque passavam muita coisa boa pra mim, aprendi a dar mais valor à família e ao meu casamento com o exemplo deles. Me ajudaram muito e tenho imensa gratidão pela vida deles.

Costumo dizer que onde Garcia coloca a mão, prospera. Ele foi embora de Rancharia, mas nos deixou com um legado, uma igreja maravilhosa que ele construiu com muito amor.

Joaz Assis de Souza,
supervisor de Vendas da Hadassa:

Conheci Garcia por volta de 2007. Começamos uma amizade e vivemos aproximações e afastamentos. Mas, desde então, de perto ou de longe, sempre nos relacionamos e acompanhei sua ascensão em várias áreas da vida.

Nessa caminhada juntos, aprendi seus pontos fortes e fracos e posso dizer que sei quem é o Garcia. Nos tornamos irmãos... tem

dias que ele é meu irmão mais novo, muitas vezes é meu irmão mais velho...

Mas essa irmandade começou num período que vivi forte tempestade e o Garcia me ajudou. Meus filhos um dia me falaram: “Pai, quem sempre está te ajudando é o Garcia”.

Num tempo bem difícil que passei quando morava em Barretos, esse meu irmão, amigo e parceiro, sem nenhum questionamento, assumiu o aluguel da minha casa, trazendo alívio pra mim, meus filhos e a mãe deles.

Outro exemplo ocorreu num tempo bem próximo. Minha mãe faleceu, e o Garcia, mesmo estando do outro lado do mundo, de férias com sua esposa, com seu coração generoso e preocupado, fez muito além do que eu necessitava em meu luto.

Coisas desse tipo e muito mais, nós, que estamos sempre ao seu lado, vemos acontecer diariamente. Fico feliz por nossos caminhos terem se cruzado e feliz de tê-lo indicado para as primeiras igrejas em que ele palestrou no estado de São Paulo.

Paulo Campos,

produtor de Vídeo da Hadassa:

Existem amigos que são mais chegados que irmãos, e esse aqui é meu irmão. Esta frase é do próprio Garcia e define a relação que tenho com meu amigo, patrão e irmão... a nossa convivência vai além do comprometimento profissional e de uma simples amizade.

O Garcia foi nos últimos quatro anos e será, com certeza, a resposta e a recompensa da minha perseverança e honestidade... para ser mais claro eu sonhava e esperava algo que fosse a virada de chave na minha vida. Não sabia como seria, mas aconteceu através de uma amizade, que deixou de ser uma relação superficial. Nos tornamos parceiros em busca de objetivos em comum. E entendo que se meu amigo estiver bem, eu também estarei.

Começamos a trabalhar juntos, eu como prestador de serviço de uma forma parcial. Porém, logo em seguida deixei meu emprego de 23 anos para definitivamente trabalhar com o Grupo Hadassa, que, hoje, é a atmosfera que eu respiro, a empresa a qual me dedico. E, com orgulho, digo que é a maior, a melhor, a mais top do Brasil.

Tive a honra de estar com o Garcia numa empreitada que mostrou pra nossa cidade e região quem ele sempre foi: um homem simples, divertido e firme em momentos que pede uma decisão e carece de liderança. Em certas circunstâncias, Garcia abdicou de si mesmo e até de mais tempo com sua família, para se dedicar ao próximo.

Me refiro ao Programa de TV A Hora do Povo. Como apresentador, Garcia fez surgir o Garcia do Povo. E não foi um personagem. Ele deixou vir à tona, no programa, toda sua autenticidade e transparência, sua personalidade destemida, sem receio de represálias de políticos malfeitores, esses que o Garcia, como porta-voz da população, chamava para o debate.

Foi durante o início da pandemia, em 2020, que estreitamos nossos laços fraternos. Passei a admirá-lo cada vez mais por sua postura diante de tantas injustiças, enfrentando até o mais poderoso grupo de comunicação do Brasil e também os que, de forma cruel, se aproveitavam do período para desviar verbas públicas, sem se importar com a tristeza de milhares que perderam seus entes queridos. E de outros tantos que foram a falência ou perderam o emprego.

A irreverência de Garcia cativava o telespectador. Ele usava o humor como ferramenta para chamar a atenção e conscientizar, mas, ao mesmo tempo, desconstrair, trazendo um pouco de leveza para aqueles tempos de pandemia e polarização.

O Garcia do Povo fazia rir, sem perder seu olhar crítico, marca registrada do apresentador. Ele defendia o povo e falava às claras sobre a situação que todos estávamos enfrentando.

O Garcia, seja como amigo, patrão, não importa a situação, valoriza, honra e abençoa. E encerro o que penso sobre ele com uma única palavra: Gratidão!

José Luiz e Maria Angélica Santos,
colaboradores diretos de Garcia e família:

Quando o Garcia chegou em Marília como pastor da igreja, descobrimos logo o ser humano que ele era. Ele solucionou um problema sério que passávamos há seis meses. Tínhamos tido um baque econômico por mudança no trabalho e precisávamos vender nossa casa, com um financiamento muito pesado.

Ele pediu para ver a casa, não questionou nada, comprou o imóvel por um valor mais alto que o de mercado, assumiu o saldo devedor e se tornou amigo da família.

O Garcia é justo, sincero, amigo, leal e vibra com a vitória dos outros. Temos acompanhado sua trajetória desde que ele se mudou para Marília, passo a passo, a construção de uma nova igreja, o crescimento da sua empresa, a Hadassa, a relação dele com amigos e a família.

Ele chegou no ápice como pastor, entre os mais renomados, mas também é um excelente empresário, o que tem feito e está fazendo é extraordinário.

A Igreja Quadrangular de Marília deve muito à sua inteligência, ética e administração. Tanto na Igreja quanto na empresa dele, é notável sua capacidade de gestão de negócios e de pessoas. Ele lida com muita gente e cada um tem uma personalidade diferente, não é fácil liderar a todos com firmeza, bondade e justiça.

Já vimos o Garcia ajudar muita gente. Mas, infelizmente já vimos a quantidade de ingratidão que ele sofreu.

“Tempos atrás ele disse: Se prepara, você vai para Israel comigo! Foi um sonho. O melhor presente que já recebi na minha vida, materialmente e emocionalmente falando. O Garcia tem metade da minha idade e por vezes já foi um pai para mim. E eu também já puxei a orelha dele quando achei que devia” (diz José Luiz).

“Eu o admiro muito pela simplicidade dele e pela forma como trata as pessoas. Ele tem um coração muito grande, esse é o Garcia.

E em casa vejo como ele é atencioso, amoroso, priorizando a família, agradando de todas as maneiras. E quando viaja, vejo o carinho dele com a esposa e as filhas, o envio de presentes à distância. As surpresas. Numa das últimas vezes que foi viajar, comprou três ursinhos de pelúcia e pediu que eu os deixasse na cama da Cris e das meninas após sua partida” (diz Angélica).

Viviane e Rogério Agostinelli,

gerentes, ela, da Morena Loira;

ele, do Grupo Hadassa:

Pensávamos que o Garcia era bravo porque o víamos muito concentrado. Mas quando o conhecemos melhor, identificamos logo o coração enorme e o jeito brincalhão. Mas é que ele é tímido entre as pessoas que ainda não conhece bem. E se desaponta quando não encontra honestidade e sinceridade. É o que mais preza.

Este grande empresário de status e dinheiro tira a roupa do corpo quando quer ajudar alguém e perde o sono por conta da empresa, através da qual ajuda não somente os funcionários, mas a família de cada um de nós. Ele se envolve com os problemas de quem trabalha para ele, conversa, aconselha.

No nosso caso a amizade veio antes do emprego. Viemos a Marília por causa de uma outra empresa e não deu certo. Conhecemos o Garcia e a Cristiane Granemann (esposa do Garcia, proprietária da empresa Morena Loira e vice-presidente do grupo Hadassa) na Igreja Quadrangular.

Através da Duda (Eduarda, filha primogênita de Garcia e Cristiane) nos aproximamos. A Lorena (caçula de Garcia e Cristiane) começou a frequentar nossa casa ainda bebê. Ganhamos mais uma família com eles em nossa vida e depois passamos a trabalhar no Grupo Empresarial.

O Garcia não ostenta. É gente como a gente e gosta da simplicidade. Em 2021, ele realizou o sonho dos nossos dois filhos. Isso

porque levou os funcionários e familiares para umas férias em grupo em Porto de Galinhas – Pernambuco.

Ficamos todos em um grande apartamento e tudo que o Garcia fazia pelas filhas dele, fazia também pelos nossos dois filhos. Jamais vamos esquecer disso. O fato é que a nossa filha, na época com nove anos, nunca tinha ido a uma praia. E nosso filho, na época com seis, sonhava em viajar de avião.

Temos alguns anos de amizade, mas inúmeras histórias. Em Porto de Galinhas, por exemplo, nosso filho pisou em um cacto e encheu o pé de espinhos. O Garcia ficou bem preocupado e comprou fardos de água gelada para anestésiar o local do ferimento, enquanto retirávamos os espinhos, centenas deles. E sou enfermeira de formação, então sabia o que tínhamos que fazer. Mas a cada som de dor que nosso filho emitia, o Garcia se angustiava e, ao invés de jogar a água no local certo, me dava um banho gelado (risos).

Outro episódio engraçado é que o Garcia não se conformava de me ver limpar o apartamento de praia, e eu (Viviane) gosto.

Fiquei feliz quando vi que tinha um esfregão no armário. Ele dizia que não acreditava que eu tinha deixado a minha casa para esfregar o chão em Porto de Galinhas.

Laio e Paloma Rodrigues,

gerente financeiro e consultora da Hadassa:

Conhecemos o Garcia na ocasião da posse dele como superintendente da Região 575 da Igreja do Evangelho Quadrangular, em 2017. Eu, Laio, era diretor do Instituto Teológico da Quadrangular e secretário da região. Ele decide me manter nos cargos e começamos a nos aproximar em face das nossas atividades.

Em 2018 realizamos o primeiro acampamento de jovens da Regional foi um sucesso. Alguns meses depois ele me convidou para trabalhar com ele na Hadassa. Eu tinha outro trabalho há cinco anos,

mas aceitei o desafio. No ano seguinte a Paloma também passou a trabalhar na empresa.

Não podemos falar de Garcia sem falar da pessoa dele. Nos aproximamos dele de uma forma pessoal e mantemos esse relacionamento até hoje, de profissionalismo, amizade e companheirismo.

O Garcia sempre tem planos na cartola, pensando sempre à frente. Alguns fatos, dentre tantos, marcam nossa trajetória. Passamos por um período muito difícil na pandemia, mas o estoque de materiais cristãos da empresa estava 100% pago. Isso porque ele é preocupado, organizado e precavido.

Foi uma ideia dele, com essa mente de empreendedor, que nos ajudou a conquistar nossa casa própria. Quanto ao nosso carro, tínhamos um Fiesta vermelho 2012, praticamente quitado, mas faltava uma parcela do financiamento.

Ele fez uma proposta de me dar um outro carro melhor em troca. Demos nosso Fiesta de entrada e ele assumiu a diferença para a Duster, pagando a diferença. Só ele mesmo faria isso.

Mas a história mais marcante ocorreu em 2021, quando nosso filho, com dez anos de idade, caiu do forro da casa e precisou de uma cirurgia urgente na cabeça. O quadro era grave e Garcia passou a noite em frente ao hospital, em vigília, enquanto durou todo procedimento.

Ricardo Magro e Sandra Sueth,

diretor da Hadassa e
vendedora da Morena Loira:

Eu, Ricardo, conheci o Garcia porque já trabalhava na área do turismo e, nessa área, nós fazemos muitos contatos, e um desses meus contatos foi o Garcia, inicialmente através das redes sociais. E algumas vezes ia ao encontro dele em São Paulo.

Um dia ele me ligou, avisando que passaria pelo Rio de Janeiro, onde eu morava, e pediu para eu encontrá-lo no aeroporto para

conversarmos. Foi quando ele me fez a proposta de trabalho e algum tempo depois me mudei para Marília, passando a integrar a Hadassa matriz. Minha esposa veio também.

Temos inúmeras histórias juntos, de amizade e lealdade. Eu assumi inicialmente determinada função, mas mediante nossa aproximação e a confiança dele, acabei assumindo novas responsabilidades.

Tenho orgulho em servir a Hadassa e a vida dele. Ele é um grande amigo, e não simplesmente um patrão. Caminhar com ele é uma honra e uma alegria.

Vemos a família e o grupo Hadassa crescendo cada dia mais, vemos os resultados do que pode ser gerado sob a lealdade e a confiança.

Quem olha de pronto para o Garcia pode achar mil coisas, mas nunca vai imaginar o tamanho do seu coração. Ele tem momentos de empresário, bravo, cobrando, mas é humano, é amigo. Se preocupa com as pessoas que estão ao redor deles e sabe o que é fidelidade aos propósitos.

Ele sempre diz que a benção está com quem compartilha e ele compartilha. Esse homem de sucesso, pai de família, é um abençoador.

Noutro dia estávamos em um restaurante e Garcia se comoveu com um menino que vendia docinhos de festa. Ele comprou todos os pacotinhos, 250 reais. O menino comentou que seria seu aniversário em dois dias e ficou muito feliz.

E isso é comum, o Garcia sempre faz isso. Compra todo estoque de vendedores ambulantes. Acho que ele observa essas pessoas trabalhando e vê sua própria história.

E são inúmeros os momentos de descontração e brincadeira. Em Sharm El Sheik filmei ele dançando e depois o Paulo (outro funcionário e amigo) filmou a gente dançando e brincando.

Esse grande empresário é um homem simples, de coração enorme, que gosta de brincar. É assim que ele extravasa o estresse das responsabilidades.

Recentemente outra passagem interessante é que houve um princípio de incêndio em parte da sede da Hadassa, num sábado.

Graças a Deus os bombeiros foram rápidos e ninguém se feriu. Porém, vimos mais uma vez como o líder direciona as coisas. Ele fez uma chamada no grupo da empresa e muitos funcionários chegaram em dez minutos, arrumaram, limparam tudo.

A empresa é o que o proprietário é. A Hadassa tem união. E a cada dificuldade, Garcia mostra que uma perda aos olhos de outras pessoas, para ele é uma oportunidade de fazer coisas novas.

Garcia tem muita fé. E costuma rezar muito e já tive momentos emocionantes com ele, inclusive em Israel. Na travessia do Mar da Galileia, por exemplo.

Thiago Garcia,

amigo e parceiro de Jean Garcia,
bispo e empresário:

Minha relação com esse grande homem visionário, empreendedor e homem de Deus foi numa situação difícil. Eu tinha marcado com meu grupo uma viagem para Israel e a empresa agiu de má fé, cancelando a viagem sem aviso prévio, com dois dias de antecedência.

Eu tinha um compromisso muito sério em Israel e me indicaram a Hadassa. Foi a porta que Deus abriu para que eu conhecesse o CEO Garcia. Ele me ajudou, me abraçou, conseguimos honrar o compromisso e fazer a viagem.

E o Garcia ainda fez de tudo para que fosse uma viagem perfeita e marcou a nossa história, minha e da minha esposa. Uma viagem que não teria acontecido se não tivéssemos a mão desse homem estendida naquele momento.

Ele estava em Israel nessa viagem que fizemos à Terra Santa. Então, pude sentar com Garcia, conhecê-lo melhor e criamos um vínculo de amizade.

O Garcia, a certa altura da conversa, me revelou um segredo judaico que mudou minha história, meus pensamentos, a minha maneira de falar, agir, trabalhar.

Com isso, houve uma explosão de prosperidade na minha vida. O Garcia abriu uma porta visionária na minha mente que estava fechada, e através de uma conversa com ele, minha caminhada mudou e sou muito grato.

Nesse nosso tempo de amizade e parceria já presenciei várias situações de ajuda ao próximo por parte do Garcia. Numa das minhas idas a Marília (vivo em Americana, São Paulo) e presenciei ele dando um carro para uma pessoa. Mais recentemente ele deu uma moto para um funcionário. Outra pessoa me relatou que ganhou uma casa.

Ele é um semeador; um homem de fé; um pai de família. Acredito que essas posturas contribuem para que seja bem sucedido.

Valdelino Moreira Filho (Nene),
supervisor de Vendas da Hadassa:

Comecei a trabalhar na Hadassa no início de 2023. E nesses meses tem sido um privilégio trabalhar próximo do Garcia, meu patrão que, em pouco tempo, se tornou meu amigo.

O Garcia é um dos maiores caras que eu já conheci na minha vida, com uma visão ampla de negócio e um coração generoso. Em pouco tempo já tenho vários acontecimentos com ele que me surpreenderam positivamente.

Recentemente tive o prazer de acompanhá-lo em uma viagem para Israel e testemunhei o desespero de um cliente lá que perdeu uma bolsinha contendo mil e oitocentos dólares. O cliente desabafou com a gente e o Garcia não tinha qualquer responsabilidade sobre isso.

Porém, o Garcia se comoveu tanto com a situação que deu os mil e oitocentos dólares para o cliente. Aquilo ali me chocou muito pela atitude do Garcia, pela empatia que ele teve com a pessoa.

O Garcia é um cara do bem, de um coração maravilhoso, que ajuda as pessoas, e prospera cada vez mais. É um privilégio aprender com ele, com esse nível de visão e esse amor pelo próximo que ele tem.

André Beraha,

Judeu e Relações Internacionais da Hadassa:

Confesso que me sinto abraçado pelo Garcia, aliás não só por ele, mas por toda a família dele também, e, como não poderia ser diferente, por todo o Grupo Hadassa. Sinto esse abraço, das pessoas com quem eu tenho conversado dentro do Grupo Hadassa. Me sinto parte da Hadassa.

Venho intermediando uma série de atividades aqui em Israel, aproveitando o meu conhecimento que, graças a Deus, é bastante amplo em termos de operações e de contatos, e isso estou podendo trazer para o Grupo Hadassa.

Sinto que para o Garcia, Israel é a segunda casa, onde se sente muito tranquilo, muito bem. Aqui em Israel, em Jerusalém, ele tem atingido os seus ideais, os ideais de trabalho, de dedicação e da alegria de viver, mas, principalmente, da confiança em Deus, essa confiança que o fará trilhar dentro do que ele está produzindo. Portanto, para mim é uma honra muito grande ter sido acolhido por Garcia da maneira como ele me acolheu.

Leandro Gabriel Brenag, o Alemão

motorista pessoal do CEO e família,
colaborador geral do Grupo Hadassa:

Conheci o Garcia em 2020, quando vim para Marília com um amigo e, através deste amigo, conheci o Garcia. Lembro que logo no nosso primeiro dia de amizade conversamos muito, como se fossemos amigos de longa data.

Ali, naquela ocasião, o Garcia disse que me chamaria para trabalhar com ele, mas eu ainda residia na cidade de Ibaiti, no Estado do Paraná. Voltei a Ibaiti e no começo de 2021 conversamos.

Em 23 de março daquele ano, me mudei para Marília e iniciamos o trabalho. Dirigi muito levando o Garcia para várias cidades, estados

e lugares. Garcia é, na verdade, uma bênção na minha vida e posso dizer que venho vivendo coisas que jamais imaginei.

É um paizão e quando a gente não está bem, o Garcia percebe. Não só percebe, mas tenta ajudar, tenta conversar e isso é muito bom, porque ele não mantém apenas o vínculo corporativo, de patrão e funcionário, mas mantém um vínculo de amizade, sempre reconhecendo a gente por tudo que a gente faz de melhor.

Ryan Machado,

designer gráfico do Grupo Hadassa:

Conheci o Garcia no ano de em 2020. Eu estava passando por uma dificuldade muito grande e uma pessoa me recomendou a ele. Eu morava em Belo Horizonte, mas fiz um trabalho para sua empresa à distância e recebi um pagamento acima do valor de mercado.

Depois o Garcia me fez uma proposta e mudei de cidade para trabalhar para ele, um cara extraordinário, de coração grande! O que eu puder fazer para ajudá-lo a crescer, quero fazer, pelas coisas que ele fez por mim...sou meio tímido para falar, mas amo ele, como um pai mesmo.

Eu acho que o que resume a Hadassa é o Garcia. Ele é uma fonte que transborda. É igual, biblicamente falando, de Elias e Eliseu. Eliseu foi abençoado por Elias.

Quando Eliseu pediu uma “porção dobrada” do espírito de Elias, ele estava pedindo para receber o mesmo poder e autoridade que Elias possuía para agir como profeta para o povo, Garcia é o nosso Elias que transborda conhecimento.

Elias respondeu: “Tu pedes uma coisa muito difícil. Se me vires quando me arrebatarem da tua presença, isso te será concedido; caso contrário, isso não te será dado”.

Ou seja, quando Elias chegar ao topo, seus ensinamentos deixaram Eliseu como Elias. Muitas pessoas com quem Eliseu cruzou estavam passando dificuldade e não conseguiam se sustentar sozinhos. Por

meio de Eliseu, Deus providenciou o que cada um precisava: água, comida, sustento para pagar as dívidas... Deus não os abandonou na dificuldade.

Aprendemos com o Garcia que o que ele faz acaba nos impactando e nos inspirando. Garcia é contagiante e transborda seu conhecimento. Desta forma, sendo fonte, nos beneficia também. Ajudando o Garcia, estaremos todos crescendo juntos.

Danilo Oliveira,

supervisor de Vendas da Hadassa:

Confesso que sinto uma satisfação enorme em fazer parte desse grupo fantástico, de trabalhar numa empresa, onde tenho aprendido, dia após dia, o que é realmente vestir uma camisa.

A Hadassa, através do CEO Garcia, tem literalmente mudado a minha vida e a vida da minha família. Por isso, entendo que estar na Hadassa é uma oportunidade incrível!

Realmente é muito fácil falar sobre Garcia, pois quando penso no nome dele, me vem à mente um exemplo de pai, de amigo, de pastor. É um cara sensacional, realmente fora da curva, que não mede esforços para fazer o melhor para os que ama e para sua equipe.

E como funcionário e amigo, é um privilégio imenso caminhar ao lado dele e, principalmente, aprender com ele. Aprendi com o Garcia uma frase que carrego comigo: A maior alegria do ser humano é se alegrar com a alegria dos outros e só vence quem compartilha!

Ele é um cara que quero ter o privilégio de estar próximo pelo resto da minha vida. E além de ter um bom coração e ter ajudado a revolucionar toda minha vida, hoje posso chamá-lo de amigo.

Em um dos maiores momentos de dificuldade da minha vida ele apareceu e sempre esteve comigo, sempre acreditou. É um exemplo de lealdade, sou extremamente grato pelo que tenho aprendido com ele.

Léo Martins,

representante da Hadassa Viagens:

Conheci o Garcia em uma convenção da Igreja Quadrangular e logo nos tornamos amigos. Ele é para mim um exemplo a ser seguido, por tudo que já viveu e passou. Sua história de vida é algo extraordinário.

Garcia tem um coração enorme, guiado por Deus, e posso dizer que sou um privilegiado em ter, não somente esse chefe, mas esse grande amigo. Digo sempre que sou fã dele, desta pessoa extraordinária que está colhendo os bons frutos de tudo que sempre plantou.

Além disso, ele é muito divertido e alegre, numa das nossas viagens, em Israel, ele me apelidou de Faraó. Ele tem um jeito de brincar, colocando apelidos engraçados e afetuosos nas pessoas, que as fazem se sentir bem, especiais.

Marquinho Bug,

amigo de Jean Garcia,

despachante:

Tenho uma admiração enorme pelo Garcia. O respeito e o considero muito, um grande amigo mesmo, e um grande pastor também.

Nos conhecemos quando Garcia se mudou para Rancharia com a missão de pastorear a Igreja do Evangelho Quadrangular. E ele superou as expectativas.

Tive um momento muito forte com ele de intuição Divina para ligar e avisá-lo de que tudo ficaria bem; foi algo relacionado à perda do bebê dele e da Cristiane. Logo depois ela engravidou e teve a Lorena.

Eu amo muito o Garcia, amigo, irmão e o homem mais corajoso que já vi na minha vida. Teve ocasiões em Rancharia onde as pessoas foram cruéis com ele e cheguei a pensar que ele não ia aguentar. Mas, ao contrário, o Garcia parecia massa de padeiro (risos): quanto mais batiam, mais o Garcia crescia!

Geraldo Tibes de Lima,

sócio de Garcia,

Pastor e empresário:

Conheci o Garcia por volta do ano de 2011, na cidade de Três Barras, em Santa Catarina, quando ele veio pregar em minha igreja. Criamos uma amizade grandiosa e, logo, um laço familiar.

Desde lá mantemos contato. Estive com ele três vezes em Israel. E já trabalhamos juntos com o comércio de importação.

O Garcia é um homem que, apesar da sua pouca idade, tem uma sabedoria gigantesca. É um visionário com um coração enorme. E digo mais: nunca teve medo de semear.

Por conta deste ato de semear, sempre realiza grandes colheitas. Não existe pessoa igual. Num dos momentos mais difíceis da minha vida, eu precisei de um amigo, e eu encontrei no Garcia um grande amigo. Uma verdadeira amizade não há dinheiro no mundo que pague!

Ezequiel Ramos,

Relações Institucionais do Grupo Hadassa:

Conheci o Garcia no ano de 2006, quando eu estava em Rio Negro, no Paraná. O assisti através de um DVD, que o apresentava como Preletor de Campanhas Evangelísticas. Comece a acompanhar o seu ministério, que já despontava com muita ousadia e visão de sucesso.

A partir de 2010 iniciamos uma amizade e, em pouco tempo, já o admirava como um líder arrojado, ousado que aceitava desafios e despontava como uma pessoa que acreditava em seus sonhos e não media esforços para conquistá-los.

Nossa amizade foi estreitando e identifiquei um grande empreendedor que sempre trabalhou com excelência. Um cara acessível e abençoador. Uma pessoa simples e que tem facilidade para ouvir ideias e transformá-las em grandes projetos. Uma pessoa que dá oportunidades para as pessoas crescerem com ele.

Uma pessoa abençoada por Deus. Conviver com o Garcia é ter a oportunidade de crescer em conhecimento e desenvolvimento de habilidades. Ele é um motivador nato que inspira aqueles que estão a sua volta a acreditar nos próprios sonhos e lutar para conquistá-los.

Edson Pereira,
amigo de Jean Garcia,
Pastor:

Minha história com Garcia começou em maio de 2007 quando visitei um amigo em Patos de Minas e o conheci lá. Desde então construímos uma amizade muito grande. Ele veio para Belo Horizonte nesse período e ficou uma temporada hospedado em minha casa para trabalhar pela Igreja.

Para o Garcia o céu é o limite. É um cara de visão e determinado ao que queira fazer, muito trabalhador. E é merecedor por seu empenho, dedicação e sabedoria. Deus o abençoe pelo que é e pela família maravilhosa que formou com a Cris e as meninas.



É chegado o momento de fechar este livro entre as mãos. Mas para selar esse elo de amizade entre o Judeu sem Quipá e cada leitor, Jean Garcia deixa uma última observação: não é o quipá que constrói a irmandade entre os judeus; é o amor que constrói a irmandade entre os povos!

— Amando Israel, o povo judeu e o meu próximo, me sinto com um quipá de bênçãos e proteção de Deus!

O livro termina, mas a vida segue seu curso com as bênçãos do Alto... porque:

*“Não existe maior quipá que a mão de Deus!”
(Jean Garcia).*

Gênesis 12:3: “Abençoarei os que o abençoarem e amaldiçoarei os que o amaldiçoarem; e por meio de você todos os povos da terra serão abençoados”.

Salmos 122: “Orai pela paz de Jerusalém; prosperarão aqueles que te amam. Haja paz dentro de teus muros, e prosperidade dentro dos teus palácios. Por causa dos meus irmãos e amigos, direi: Paz esteja em ti. Por causa da casa do Senhor nosso Deus, buscarei o teu bem”.